

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

ROSANA MATOS DA SILVA TRIVELATO

**FORMAÇÃO DISCURSIVA E OS SISTEMAS DE CLASSIFICAÇÃO
BIBLIOGRÁFICA: IMPACTOS, DESDOBRAMENTOS E IMPLICAÇÕES NA
REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO DA ÁREA DA RELIGIÃO**

Belo Horizonte

2016

ROSANA MATOS DA SILVA TRIVELATO

**FORMAÇÃO DISCURSIVA E OS SISTEMAS DE CLASSIFICAÇÃO
BIBLIOGRÁFICA: IMPACTOS, DESDOBRAMENTOS E IMPLICAÇÕES NA
REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO DA ÁREA DA RELIGIÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais para obtenção do grau de Mestre em Ciência da Informação.

Linha de Pesquisa: Organização e Uso da Informação

Orientador: Maria Aparecida Moura

BELO HORIZONTE

2016

T841f Trivelato, Rosana Matos da Silva.
Formação discursiva e os sistemas de classificação bibliográfica [manuscrito] :
impactos, desdobramentos e implicações na representação da informação da área da
religião / Rosana Matos da Silva Trivelato. – 2016.
135 f., enc. : il.

Orientadora: Maria Aparecida Moura.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de
Ciência da Informação.
Referências: f. 102-105.
Apêndice: f. 106-129
Anexo: f. 130-135.

1. Ciência da informação – Teses. 2. Organização da informação – Teses. 3.
Classificação decimal de Dewey – Teses. 4. Classificação decimal universal –
Teses. I. Título. II. Moura, Maria Aparecida. III. Universidade Federal de Minas
Gerais, Escola de Ciência da Informação.

CDU: 025.45:2



UFMG

Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Ciência da Informação
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

FOLHA DE APROVAÇÃO

"FORMAÇÃO DISCURSIVA E OS SISTEMAS DE CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA:
IMPACTOS, DESDOBRAMENTOS E IMPLICAÇÕES NA REPRESENTAÇÃO DA
INFORMAÇÃO DA ÁREA DA RELIGIÃO"

Rosana Matos da Silva Trivelato

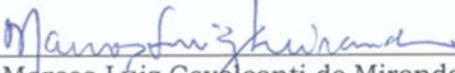
Dissertação submetida à Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos à obtenção do título de **"mestre em Ciência da Informação"**, linha de pesquisa **"Organização e Uso da Informação"**.

Dissertação aprovada em: 20 de dezembro de 2016.

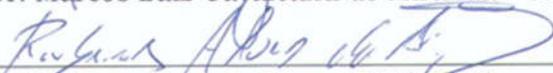
Por:



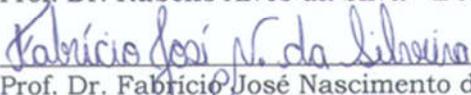
Prof. Dra. Maria Aparecida Moura - ECI/UFMG (Orientadora)



Prof. Dr. Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda - UNIRIO

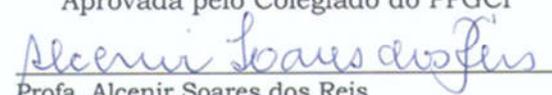


Prof. Dr. Rubens Alves da Silva - ECI/UFMG



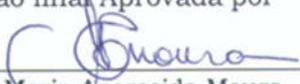
Prof. Dr. Fabricio José Nascimento da Silveira - ECI/UFMG

Aprovada pelo Colegiado do PPGCI



Prof. Alcenir Soares dos Reis
Coordenadora

Versão final Aprovada por



Prof. Maria Aparecida Moura
Orientadora



UFMG

Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Ciência da Informação
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE **ROSANA MATOS DA SILVA TRIVELATO**,
matrícula: 2015665662

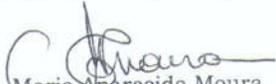
Às 14:00 horas do dia 20 de dezembro de 2016, reuniu-se na Escola de Ciência da Informação da UFMG a Comissão Examinadora aprovada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação em 06/12/2016, para julgar, em exame final, o trabalho intitulado **Formação discursiva e os sistemas de classificação bibliográfica: impactos, desdobramentos e implicações na representação da informação da área da religião**, requisito final para obtenção do Grau de MESTRE em CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, área de concentração: Produção, Organização e Utilização da Informação, Linha de Pesquisa: Organização e Uso da Informação. Abrindo a sessão, a Presidente da Comissão, Profa. Dra. Maria Aparecida Moura, após dar conhecimento aos presentes do teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra à candidata para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a Comissão se reuniu sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

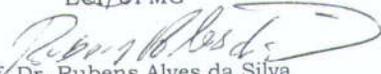
Profa. Dra. Maria Aparecida Moura - Orientadora	APROVADA
Prof. Dr. Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda	APROVADA
Prof. Dr. Rubens Alves da Silva	APROVADA
Prof. Dr. Fabrício José Nascimento da Silveira	APROVADA

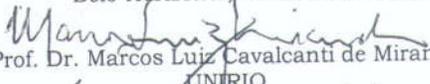
Pelas indicações, a candidata foi considerada APROVADA.

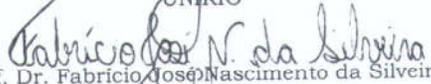
O resultado final foi comunicado publicamente à candidata pela Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, a Presidente encerrou a sessão, da qual foi lavrada a presente ATA que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 20 de dezembro de 2016.


Profa. Dra. Maria Aparecida Moura
ECI/UFMG


Prof. Dr. Rubens Alves da Silva
ECI/UFMG


Prof. Dr. Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda
UNIRIO


Prof. Dr. Fabrício José Nascimento da Silveira
ECI/UFMG

Obs: Este documento não terá validade sem a assinatura e carimbo da Coordenadora.


Profa. Alcenir Soares dos Reis
Coordenadora do Programa de
Pós-Graduação em Ciência
da Informação da UFMG

Ao Renato, Ana Clara e Melissa.

Aos meus pais Agostinho (*in memoriam*) e Hidete.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha amiga e orientadora, Maria Aparecida Moura, pela orientação, pelo encorajamento e pela compreensão.

À minha família, pelo apoio e amor incondicional.

À minha grande amiga Valéria Mancini, pelo incentivo.

À minha irmã, Margarete Matos, pelas revisões.

Aos amigos que fiz no PPGCI, em especial à Ana Cláudia Ribeiro, Brisa Pozzi, Camila Silva, Diná Marques, Lisandra Guerrero Perez, Rogério Massensini, Vinicius Tolentino, pelo companheirismo.

À minha amiga, Vanessa Amin, pelas leituras.

Aos membros da Banca, pela gentileza de aceitarem o meu convite para a defesa às vésperas do Natal.

À Profa. Lídia Alvarenga, pelas contribuições na qualificação.

À FAPEMIG e à CAPES, pelo suporte/apoio financeiro.

“os animais se dividem em: a) pertencentes ao imperador, b) embalsamados, c) domesticados, d) leitões, e) sereias, f) fabulosos, g) cães em liberdade, h) incluídos na presente classificação, i) que se agitam como loucos, j) inumeráveis, k) desenhados com um pincel muito fino de pelo de camelo, l) et cetera, m) que acabam de quebrar a bilha, n) que de longe parecem moscas”
BORGES apud FOUCAULT (1999, p. 5)

RESUMO

Nos últimos anos, a compreensão que os Sistemas de Organização do Conhecimento constituem-se em instrumentos técnicos neutros do ponto de vista de sua principal função - representar a informação, tem sido alvo de questionamentos e revisões críticas. A presente pesquisa teve por objetivo compreender a composição da concepção de formação discursiva na área de Ciências da Religião em interface com as dimensões sócio históricas e seus desdobramentos, impactos e implicações em sistemas de representação do conhecimento à luz do conceito formação discursiva de Foucault (2012). Para tanto, tomou-se como objeto empírico a classe Religião na Classificação Decimal de Dewey (CDD) e na Classificação Decimal Universal (CDU). Visando operacionalizar tal abordagem, foram delimitadas categorias de análise dos enunciados no campo do discurso religioso a fim de observar as relações de que são suscetíveis, reconhecendo os processos de representação da informação que podem agenciar procedimentos que controlam tanto a ordem de aparecimento dos discursos, como o seu esmaecimento. Deste modo, em um primeiro momento, analisou-se o arranjo classificatório da classe de Religião verificando a trajetória discursiva de determinadas formulações e caracterizando-as de acordo com as suas diferentes significações no âmbito dos seus sucessivos discursos. Em um segundo momento, a análise das narrativas dos sujeitos de pesquisa (Babalorixá, Cientista da Religião, Espírita, Evangélico e Padre) composta por categorias temáticas, pautadas nos extratos das falas dos entrevistados foram trianguladas em categorias do discurso balizadas pelo referencial teórico adotado. O esforço analítico das relações entre os arranjos biblioteconômicos e as formas como os sujeitos percebem a representação do conhecimento permitiu constatar que o instrumento classificatório, por vezes, reflete e dialoga pouco com as transformações socioculturais em curso e pode provocar equívocos irreparáveis nos processos de circulação e recuperação da informação.

Palavras-chave: Formação Discursiva. Classificação bibliográfica. Religião.

ABSTRACT

In recent years, an understanding that Knowledge Organization Systems constitute technical instruments that are neutral from the point of view of its main function - representing information, has been the subject of critical questions and reviews. The present research had as objective the conception of discursive formation in the sciences of the religion area in interface with social-historical dimensions and their unfoldings, impacts and implications in systems of representation of the knowledge in light of the concept discursive formation of Foucault (2012). For this purpose, the Dewey Decimal Classification (CDD) and the Universal Decimal Classification (CDU) class was used as the empirical object. In order to operationalize such an approach, categories of analysis of the statements in the field of religious discourse have been delimited in order to observe as relations of which they are susceptible, recognizing the processes of information representation that can assert what controls both an order of appearance of the discourses, its fading. In this way, in a first moment, to analyze the classificatory arrangement of the class of Religion verifying the discursive trajectory of formulations and to characterize it as according to its different significations in the context of its successive discourses. Secondly, an analysis of the narratives of research subjects (Babalorixá, Scientist of Religion, Spiritist, Evangelical and Priest) composed of thematic categories, based on the extracts of the faults of the interviewees, were triangulated in categories of discourse marked by the theoretical reference adopted. The analytical effort of the relations between the library arrangements and the ways in which the subjects perceive the representation of knowledge allowed us to verify that the classificatory instrument sometimes reflects and dialogues little with how socio-cultural transformations are underway and can provoke irreparable misunderstandings in the processes of circulation Recover the information.

Keywords: Discursive formation. Bibliographic classification. Religion.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Classification Decimale Universelle	38
Figura 2: Mapeamento das Religiões CDDXCDU	72
Figura 3: Categorias do discurso	92

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Afinidades entre o movimento enciclopédico e as classificações bibliográficas	28
Quadro 2: Movimento enciclopédico	29
Quadro 3: Tabelas sistemáticas	32
Quadro 4: Tipologia dos sistemas de classificação	32
Quadro 5: Marcos históricos da CDD	35
Quadro 6: Marcos históricos da CDU	37
Quadro 7: Categorias de análise	49
Quadro 8 – Aproximações entre as categorias da formação discursiva e as características da classificação	67
Quadro 9: A Religião nas edições brasileiras da CDU dos anos de 1993 e 2007	70
Quadro 10: Subdivisões Auxiliares Especiais da Religião - CDU	73
Quadro 11: Exemplo CDU	74
Quadro 12: CDD X CDU	75
Quadro 13: Categorias do Babalorixá	77
Quadro 14: Categorias do Cientista da Religião	80
Quadro 15: Categorias do Espírita	83
Quadro 16: Categorias do Evangélico	87
Quadro 17: Categorias do Teólogo e Padre	89

LISTA DE ABREVIATURAS

CDD – Classificação Decimal de Dewey

CDU – Classificação Decimal Universal

CGR - Classification Research Group

IBCT – Instituto Brasileiro de Informação Ciência e Tecnologia

OCLC - Online Computer Library Center

SOC – Sistemas de Organização do Conhecimento

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.2 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	18
2 SISTEMAS DE CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA	21
2.1 O ATO DE CLASSIFICAR	23
2.1.1 Classes	25
2.2 A ESTRUTURA DE UMA CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA	27
2.2.1 Classificação Decimal de Dewey	34
2.2.2 Classificação Decimal Universal	37
3 FORMAÇÃO DISCURSIVA	41
2.1 FOUCAULT E O DISCURSO	44
2.2 A FORMAÇÃO DISCURSIVA	46
4 RELIGIÃO	50
4.1 IDENTIDADE, ALTERIDADE	52
4.2 DA INTOLERÂNCIA A UMA INCLUSÃO PRETENDIDA	54
5 METODOLOGIA	59
5.1 TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE COLETAS DE DADOS	59
5.2 TÉCNICAS DE ANÁLISE DOS DADOS	61
5.2.1 Categorias iniciais	62
5.2.2 Categorias Intermediárias	63
5.2.3 Categorias finais	63
6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	65
6.1 O ARRANJO DA CLASSE RELIGIÃO	70
6.2 CATEGORIZAÇÃO DAS NARRATIVAS DOS ENTREVISTADOS	75
6.2.1 Babalorixá	76
6.2.2 Cientista da Religião	79
6.2.3 Espírita	83

6.2.4 Evangélico.....	86
6.2.5 Padre.....	88
6.3 O ESMAECIMENTO DE DISCURSOS RELIGIOSOS	90
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
REFERÊNCIAS.....	102
APÊNDICE A – ENTREVISTAS	106
I ENTREVISTA COM O BABALORIXÁ.....	106
II ENTREVISTA COMO O CIENTISTA DA RELIGIÃO	113
III ENTREVISTA COM O ESPÍRITA	119
IV ENTREVISTA COM O EVANGÉLICO	124
V ENTREVISTA COM O PADRE	127
ANEXO B – TABELAS DE CLASSIFICAÇÃO.....	130
CDD 22 - ABREVIDADA	130
CDU 2007 - ABREVIADA.....	133

1 INTRODUÇÃO

Os processos de organização e representação do conhecimento nascem sob o propósito de abarcar de forma equilibrada a totalidade do conhecimento humano. Todavia, esses processos são impregnados por visões de mundo do sujeito classificionista e bibliotecário que são pactuadas com base em diferentes valores e contextos sócio-históricos. Apesar disso, esses mesmos sujeitos necessitam representar por meio dos Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC) conceitos e situações advindos de outras culturas e de outros contextos muito diversos do seu.

O SOC, por sua vez, não está imune à reprodução dos modos de exclusão e intolerância religiosa inaugurados pelos mecanismos de controle social. Olson (2002), evidenciou as maneiras como a Classificação Decimal de Dewey (CDD) tem refletido historicamente padrões de organização do conhecimento que agora parecem arcaicas, tal como abordar o assunto da gravidez sob a designação de doença. De forma análoga Miranda (2007), observa que a CDD representa as relações etnoconceituais de forma imprecisa, destacando a necessidade em nomear melhor a diversidade cultural das Religiões brasileiras, especialmente as de origem africana.

Assim, o SOC, através do sistema de classificação bibliográfica, evidencia alguns questionamentos, como por exemplo, o conceito de religiosidade popular que está muitas vezes associado à temática do folclore e não à religião, ou ainda categorizado em “Outras religiões” no caso da CDD ou “Cultos e religiões menores” no caso CDU (Consortium 2000).

A questão da orientação / tradição religiosa por trás dos sistemas de classificação bibliográfica, já há algum tempo, tem sido alvo de preocupação tanto dos classificionistas, quanto dos bibliotecários. De acordo com Broughton (2000, p. 60), "uma das principais dificuldades na construção de uma classificação para a literatura

religiosa é a de evitar viés (verdadeiro ou aparente) direcionado a alguma religião ou denominação específica¹".

A representação da informação na área de Religião no âmbito dos sistemas de classificação bibliográfica demonstra visivelmente o desequilíbrio e esmaecimento dos sistemas de crenças das alteridades não hegemônicas nos sistemas de classificação bibliográfica. Assim, se a discussão sobre alteridades, multiculturalismo e tolerância religiosa se acentuaram mundialmente, não se pode dizer o mesmo de sua correlata visibilidade nos sistemas de classificação bibliográfica.

Para Capurro e Hjørland (2007):

Quando usamos a linguagem e as palavras, executamos uma ação, com o intuito de realizarmos algo. Os diferentes significados dos termos que usamos são ferramentas mais ou menos eficientes para ajudar-nos a alcançar o que pretendemos. Desta forma, de acordo com o filósofo pragmático, Charles Sanders Peirce (1905), o significado de um termo é determinado não apenas pelo passado, mas, também pelo futuro (Capurro e Hjørland, 2007, p. 151-152).

Em um contraponto entre passado e futuro, durante muitos séculos os monges católicos foram os guardiões do saber escrito e ocuparam um lugar de destaque na produção do conhecimento. Hoje, no entanto, se sabe pouco acerca da informação teológica; é preciso investigar se o discurso que os sistemas de classificação bibliográfica produzem abarcam a totalidade das nuances das tradições religiosas.

Ainda é necessário ressaltar a escassez de estudos sobre as bibliotecas teológicas e a área de literatura teológica. A maioria das bibliotecas religiosas não dispõem de catálogo on-line, tampouco fazem parte das redes cooperativas de dados. Por isso, faz-se necessário entender como a informação na área de Ciências da Religião estão sendo evidenciadas em nossos sistemas de classificação da informação.

Neste contexto, compete ao campo da Biblioteconomia e da Ciência da Informação promover um amplo debate sobre os meios com os quais os sistemas de classificação bibliográfica poderão contemplar os diferentes discursos e, por vezes, corroborar para

¹ "a major difficulty in constructing a classification for religious literature is that of avoiding bias (whether real or apparent) toward some specific religion or denomination" (BROUGHTON, 2000, p. 60).

promover abordagens de tolerância entre credos, etnias e, ainda, representar as Religiões no alvorecer do século XXI.

De acordo com Foucault (2012), a produção dos discursos é controlada pela sociedade, que adota procedimentos objetivando conjurar seus poderes. Desta forma, sugere a teoria do poder, o discurso medeia a realidade de quem o enuncia. O jogo de verdade do discurso depende daquilo que uma determinada sociedade, tempo histórico e cultura consideram como verdadeiro.

A arqueologia Foucaultiana descreve as práticas discursivas dos quais surgem os enunciados que “moldam” os objetos do discurso. A formação discursiva, que será pormenorizado no referencial teórico, irá elucidar os dispositivos de criação do discurso. Este conceito aponta em três direções: a) a emergência do objeto discursivo na produção dos saberes; b) as instâncias de delimitação: saberes como representações de poderes; e c) a especificidade que enquadra, recorta, transforma ou silencia discursos.

A dissertação teve como objetivo geral compreender a composição da concepção de formação discursiva na área de Ciências da Religião em interface com as dimensões sócio históricas e seus desdobramentos, impactos e implicações em sistemas de representação da informação. Os objetivos específicos apontam direções que elucidam a formação discursiva em sistemas de classificação bibliográfica. Ao a) mapear os principais fundamentos teóricos e conceituais que delineiam o conceito de formação discursiva e as principais dimensões de análise dos objetos, dos tipos de enunciação, da formação dos conceitos e das estratégias discursivas foram identificadas as categorias de análise do discurso. Na área de religião situou-se inicialmente as superfícies de emergência, onde surge o objeto do discurso, para fazê-lo nomeável e descritível nos sistemas, a fim de descrever as instâncias de delimitação e regulamentação, identificar quem define o objeto do discurso e analisar as grades de especificação e de especificidade. Por fim, realizar uma triangulação entre os princípios classificatórios, a formação discursiva e as falas de entrevistados.

O corpus empírico foi constituído pela área de Religião e a classe 200 e 2, respectivamente, nos sistemas de classificação bibliográfica: Classificação Decimal de Dewey (CDD) e a Classificação Decimal Universal (CDU). E também, por meio de entrevistas a estudiosos de diferentes matrizes religiosas.

Para além de mensurar uma insuficiência dos sistemas de classificação bibliográfica na área de Religião, pretendeu-se empreender um exercício de desconstrução do discurso nesses instrumentos para conhecer e reconhecer suas relações. Para tanto, foram determinadas categorias de análise do discurso com a finalidade de observar as relações de que são suscetíveis, reconhecendo os processos de representação da informação que podem agenciar procedimentos que controlam tanto a ordem de aparecimento dos discursos, como o seu esmaecimento.

A proposta de análise constitui-se de duas etapas. Em um primeiro momento, analisou-se o arranjo classificatório da classe de Religião verificando a trajetória discursiva de determinadas formulações e caracterizando-as de acordo com as suas diferentes significações no âmbito dos seus sucessivos discursos. Em um segundo momento, a análise das narrativas dos sujeitos de pesquisa (Babalorixá, Cientista da Religião, Espírita, Evangélico e Padre) se deu por meio de categorias temáticas, pautadas nas citações das falas dos entrevistados e triangulação das categorias do discurso balizadas pelo referencial teórico acerca do conceito de formação discursiva.

Assim, em um esforço comparativo entre os arranjos biblioteconômicos e as formas como os sujeitos percebem a representação da área de Religião, pode-se, nesses contextos, ser categorizada por um sistema de classificação bibliográfica que, por vezes, reflete e dialoga pouco com saberes que perdem a sua legitimidade ao postular a centralidade da cultura ocidental.

1.2 Estrutura da dissertação

Para cumprir os objetivos propostos, procuraremos analisar as necessidades que concorreram aos Sistemas de Organização da Informação e do Conhecimento (SOC),

considerando os sistemas de classificação bibliográfica como um instrumento constituído por formação discursivas e, portanto, suscetível a reprodução de discursos do poder. Neste ponto, apoiou-se em obras de autores que nos pareceram ser os mais relevantes no desenvolvimento e na consolidação da Organização do Conhecimento, bem como o aporte dos estudos no campo da formação discursiva de Michel Foucault.

Dito isso, aponta-se que esta dissertação está estruturada em seis seções. A segunda seção, **Sistemas de Classificação Bibliográfica**, apresenta os conceitos e questões teóricas imprescindíveis para o entendimento das características e dos princípios lógicos aos quais se constituem os sistemas de classificação bibliográfica. Apontando como os sistemas de classificação bibliográfica, nomeadamente a Classificação Decimal de Dewey (CDD) e a Classificação Decimal Universal (CDU), evidenciam a organização do conhecimento e como servem ao propósito da universalidade do conhecimento no campo da Religião.

Na terceira seção, a **Formação Discursiva** é apresentada na dimensão do conceito formação discursiva formulado por Foucault. Em um primeiro momento, apresenta-se as estratégias de controle e exclusão do discurso. Avança-se, tomando embasamento teórico-conceitual acerca da formação discursiva e do uso de algumas categorias, sob a perspectiva metodológica, como aporte para discutir os sistemas de classificação bibliográfica.

Na quarta seção, **Religião**, é apresentada uma explanação sobre a religião, a alteridade e a intolerância. Assim, efetua-se uma revisão de literatura que forneceu embasamento para a análise dos resultados.

Na quinta seção, **Percurso metodológico**, são delineados os aspectos relativos a metodologia adotada nesta dissertação, o que evidenciou uma pesquisa qualitativa de cunho exploratório. Apresenta-se o “corpus” avaliado, a classe e os procedimentos para a constituição de categorias de análise. Ressalta-se as contribuições do conceito de formação discursiva e a técnica de análise de conteúdo desenvolvida por Bardin.

Na sexta seção, **Apresentação e análise dos resultados**, avança-se na formulação de análises da classe Religião da CDD e da CDU sob o aporte do conceito de formação discursiva. Para tanto, três momentos foram estabelecidos para a análise do corpus: a análise do arranjo da classe Religião nos sistemas de classificação bibliográfica; a análise do conteúdo das entrevistas a estudiosos da religião de diferentes matrizes; e as formas de esmaecimento dos discursos.

Ao final, nas **Considerações finais**, foram tecidas considerações sobre a pesquisa e apontadas possibilidades de estudos futuros.

2 SISTEMAS DE CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

Nesta seção, discutem-se as questões relacionadas aos sistemas de classificação bibliográfica, apresentando os conceitos e as questões teóricas imprescindíveis para o entendimento das suas características e dos seus princípios lógicos. Salienta-se que na teoria da construção dos SOC pode estar plasmado o preceito de uma representação neutra e universal do conhecimento.

A classificação dos animais de Borges² tem sido usada para discutir a construção de linguagens de representação, gerando uma certa inquietação que nos leva a refletir os quadros mentais no qual estamos inseridos, o viés sócio-histórico e cultural que é ordenada com a mediação do mundo.

Foucault (1999), atribui a inquietante leitura do texto de Borges a inspiração para escrever o livro “As palavras e as coisas”.

Do riso que, com sua leitura, perturba todas as familiaridades do pensamento — do nosso: daquele que tem nossa idade e nossa geografia —, abalando todas as superfícies ordenadas e todos os planos que tornam sensata para nós a profusão dos seres, fazendo vacilar e inquietando, por muito tempo, nossa prática milenar do Mesmo e do Outro (FOUCAULT, 1999, p. IX).

Ainda, segundo Foucault (1999, p.10), nesta classificação há uma “desconcertante na proximidade dos extremos ou, muito simplesmente, na vizinhança súbita das coisas sem relação; a enumeração que as faz entrechocar-se possui, por si só, um poder de encantamento” e o que contravém toda essa imaginação é simplesmente a ordem alfabética das categorias (a, b, c, d).

Para Mai (2016, p.324),

Enquanto há necessidades para conceber sistemas de classificação para uma variedade de razões, incluindo para facilitar a pesquisa, a navegação e a recuperação em bibliotecas, Borges sugere que “temos conjecturas a sua

² [...] “os animais se dividem em: a) pertencentes ao imperador, b) embalsamados, c) domesticados, d) leitões, e) sereias, f) fabulosos, g) cães em liberdade, h) incluídos na presente classificação, i) que se agitam como loucos, j) inumeráveis, k) desenhados com um pincel muito fino de pelo de camelo, l) et cetera, m) que acabam de quebrar a bilha, n) que de longe parecem moscas”

finalidade; temos conjecturas as palavras, as definições, as etimologias, as sinonímias do dicionário secreto de Deus."³

Desta forma, Mai (2016) relata que o texto de Borges serve para embasar as discussões que destacam as limitações dos nossos próprios sistemas de pensamento e, ao mesmo tempo, os vieses presentes nas construções conceituais das classificações bibliográficas.

Assim, a classificação inicialmente deve ser entendida como um fenômeno social, uma ação instintiva de todos seres humanos. A todo momento as nossas ações no mundo são incessantemente envolvidas por atos classificatórios (ARAÚJO, 2006, p.116). Dessa forma, as implementações práticas, enquanto classificação social, não podem estar dissociadas dos pensamentos e decisões que embasam a concepção do sistema de classificação bibliográfica.

Os sistemas de classificação bibliográfica constituem-se um instrumento formal de representação da informação, e também é uma forma de organizar os registros do conhecimento. As questões sobre organização desses registros e a própria organização do conhecimento são abordadas pela Biblioteconomia e Ciência da Informação, campos de estudos que se dedicam a resolver os problemas de organização e acesso ao conhecimento.

Como pretendemos observar os sistemas de classificação bibliográfica sob a perspectiva da formação discursiva será necessário indicar as instâncias primeiras de sua emergência, apontando para a necessidade que o homem sentiu de organizar o conhecimento e de elaborar instrumentos para sistematizar o conhecimento produzido.

Os sistemas de classificação bibliográfica, ao longo do tempo, seguiram a dinâmica social adaptando-se às novas realidades emergentes. Assim, “a despeito de significações e valores difundidos, o estudo da classificação não atraiu as pessoas de

³ While there are needs to devise classification systems for a variety of reasons, including to facilitate search, browsing, and retrieval in libraries, Borges suggests that, “we must conjecture its purpose; we must conjecture the words, the definitions, the etymologies, the synonymies of God’s secret dictionary.”

um modo geral, com exceção de alguns pensadores, lógicos, cientistas e especialistas em Biblioteconomia e Ciência da Informação ” (KAULA, 1982).

O propósito desta seção será apresentar alguns conceitos fundamentais concernentes aos sistemas de classificação bibliográfica, em particular, para a Classificação Decimal de Dewey (CDD) e Classificação Decimal Universal (CDU), que serão contextualizados sócio historicamente.

2.1 O ato de classificar

Originariamente o termo classificar nos remete ao agrupamento de semelhantes e a separação dos diferentes. Destaca-se que a diferença se caracteriza como um elemento básico do processo de classificação. Salieta-se que o ato de classificar é especialmente uma operação mental do homem, podendo ser praticada diariamente e a maioria das vezes de forma inconsciente (MAINEZ, 1993, p.19).

Similarmente, Olga Pombo (1998) considera a classificação como uma operação natural e indispensável às relações que o homem estabelece entre si mesmo e o mundo que o rodeia.

Na verdade, nada nos parece mais "natural", óbvio e indiscutível que as classificações dos entes, dos factos e dos acontecimentos que constituem os quadros mentais em que estamos inseridos. Elas constituem os pontos estáveis que nos impedem de rodopiar sem solo, perdidos no desconforto do inominável, da ausência de "idades" ou "geografias". Só elas nos permitem orientar-nos no mundo à nossa volta, estabelecer hábitos, semelhanças e diferenças, reconhecer os lugares, os espaços, os seres, os acontecimentos; ordená-los, agrupá-los, aproximá-los uns dos outros, mantê-los em conjunto ou afastá-los irremediavelmente (Pombo: 1998).

Nesse sentido, o ato de classificar possibilita ao homem organizar os objetos partindo de um processo mental que agrupa um conjunto objetos que possuam pelo menos uma característica comum e que não sejam pertencentes a um outro conjunto.

De forma análoga, a classificação para Vickery (1975, p.1) “significa colocar junto coisas ou ideias que são parecidas e manter separado as que são diferentes”⁴. A definição de classes é estabelecida a partir de uma característica de divisão que

⁴ [...], means putting together things or ideas [that are alike, and keeping separate those that are different. (VICKERY, 1975, p.1)

determinará os atributos exclusivos compartilhados por cada uma das classes definidas.

Buchanan (1979, p. 9) refere-se ato de classificar como a forma de agrupar coisas em um grupo ou classe. Segundo o autor, a “todos os membros de um grupo - ou classe - produzida por uma classificação partilha pelo menos uma característica que os membros de outras classes não possuem.”⁵

As definições de Vickery e Buchanan nos levam a inferir que o processo de classificação consiste em agregar coisas ou ideias em um grupo com características homogêneas e, ao mesmo tempo, as identificar individualmente como parte constituinte desse grupo. Nesse sentido, podemos entender que o ato de agrupar coisas ou ideias e classificá-las em uma mesma perspectiva conceitual resulta na formulação de uma classificação.

Além disso, para Buchanan (1979, p. 12) a noção de classificação estaria relacionada a uma ideia das coisas, isto é, uma denominação homônima que distingue os nomes das coisas. Certamente, no âmbito dos SOC, os termos são o meio de encontrar os documentos, assim há uma tentativa de controle da terminologia tendo em vista a Recuperação da Informação.

De acordo com S.R. Ranganathan (1989), a classificação "é a tradução do nome do tema de um livro em uma língua artificial proferido de números ordinais e a individualização dos vários livros que tratam do mesmo assunto específico, por meio de um novo conjunto de números ordinais que representa algumas características do livro que não o seu conteúdo de pensamento ". Assim, num nos sistemas de classificação bibliográfica, as classes são expressas através de números.

⁵ All the members of a group – or class – produced by classification share at least one characteristic which members of other classes do not possess”. (BUCHANAN, 1979, p. 9)

2.1.1 Classes

A fim de compor as classes de um sistema de classificação bibliográfica é necessário entender a noção de conceito. Dahlberg (1978, p. 101-102), assumindo uma perspectiva kantiana, aborda que a nossa experiência está condicionada “às formas do tempo e do espaço ou que tempo e espaço são condições ‘a priori’ da nossa sensibilidade”. Alguns objetos prescindem a noção do tempo e do espaço, e assim, correspondem aos “chamados conceitos gerais, cujo estudo e conhecimento é de extremo interesse nesta nossa análise das bases do processo classificatório”.

Pode-se então dizer que os elementos do conceito são obtidos pelo método analítico—sintético. Cada enunciado apresenta (no verdadeiro sentido de predicação) um atributo predicável do objeto que, no nível de conceito, se chama *característica*. Muitas vezes não se trata de um atributo a que corresponde uma característica, mas de uma hierarquia de características, já que o predicado de um enunciado pode tornar-se sujeito de novo enunciado e assim sucessivamente até atingirmos uma característica tão geral que possa ser considerada uma *categoria* (DALHBERG, 1978, p. 102).

Cada sistema de classificação bibliográfica adota procedimentos necessários a fim de “dividir em grupos ou classes, segundo as diferenças e semelhanças. Classificar é dispor os conceitos, segundo suas semelhanças e diferenças, em certo número de grupos metodicamente distribuídos” (PIECADE, 1977, p. 09). Resultando assim que as classes são estabelecidas a partir da adoção de um critério que determinará os atributos compartilhados pelos membros de cada uma das classes definidas.

Foskett (1975, p. 2) enumera as seguintes regras fundamentais para a composição de classes.

- (1) “Cada característica de divisão deve produzir pelo menos duas classes”;
- (2) “Apenas um princípio de divisão deve ser usado de cada vez, para produzir classes mutuamente exclusivas.”
- (3) “As espécies de qualquer gênero devem ser completamente exaustiva de sua classe superior.”⁶

⁶ Each characteristic of division must produce at least two classes.

Only one principle of division must be used at a time, to produce mutually exclusive classes.

The species of any genus must be completely exhaustive of their parent class. (FOSKETT, 1975, p.2)

Dessa forma, um sistema de classificação bibliográfica pretende que dentro do universo de entidades conhecidas seja possível selecionar uma classe que melhor corresponde a uma determinada demanda.

Um sistema de classificação bibliográfica deve ser capaz de expressar o relacionamento entre classes, relacionamento "sintático" que ele envolve uma ligação entre classes gramaticais e um segundo tipo de relacionamento; e, o "hierárquico", porque envolve o reconhecimento da subordinação entre as classes, tais como, relações entre uma coisa e o seu tipo (primatas - macacos), uma coisa e os seus processos (aves - respiração de aves) e uma coisa e suas partes (peixes – olhos do peixe).

Segundo Buchaman (1979, p.18) existem quatro tipos de relações sintáticas, o que significa que o sistema classificação bibliográfica deve prever quatro tipos de classes. Inicialmente as classes se dividem em dois tipos:

1. as classes simples - aquelas que a relação se limitam a definir um tipo de coisa;
2. as classes elementares - que essa coisa é definida por apenas uma característica, por exemplo, RESPIRAÇÃO (um processo fisiológico), AVES (um tipo de animal), FLORESTAS (uma espécie de habitat), ANIMAIS MARINHOS (um tipo de animal definida por onde se vive) e ANIMAIS EM HIBERNAÇÃO (um tipo de animal definido pelo hábito).
3. as classes sobrepostas - são originalmente definidas por Ranganathan como as classes com mais de uma característica. como por exemplo, FLORESTAS TROPICAIS (um tipo de habitat definido pela latitude e por tipo de cobertura do solo); MAMÍFEROS MARINHOS (tipo de animais ambos definido pelo habitat e pela taxonomia de animais); AVES MIGRATÓRIAS BRITÂNICAS (uma espécie de animais definida pelo lugar onde ele pode ser encontrado, por taxonomia animais).
4. As classes compostas - diferentes tipos de coisas têm em uma relação de interação; a relação não define um tipo de coisa. Exemplo: AVES SELVAGENS (uma espécie de ave e também uma espécie de animais da floresta).

Tanto as classes complexas quanto as compostas lidam com mais de uma relação entre tipo de coisa. A diferença entre elas ocorre na medida em que os componentes mantêm suas identidades no relacionamento. Na classe complexa, a interação entre o componente pode ser desmembrado, já na classe composta os componentes não poderão ser separados.

2.2 A estrutura dos sistemas de classificação Bibliográfica

Os sistemas de classificação bibliográfica foram embasados no processo de classificação dos saberes e dos seres de Aristóteles e “almejavam simplificar e facilitar o livre acesso a documentos”. De certo, as classificações do conhecimento emergiram da necessidade natural do homem em ordenar ideias (BARBOSA, 1969; ANJOS, 2008).

O processo de comparação de conceitos resultante do ato de classificar dá forma a uma estrutura que se configura em vários níveis hierárquicos que se estabelecem os conceitos que constituem as classes. Desse modo, a estrutura de conceitos ordenada de forma hierárquica e sistemática que resulta no arranjo de documentos em classes de assuntos ao mesmo tempo que os destinam lugares nas estantes chamamos de classificação (SOUZA, 1943, p.21; SIMÕES, 2010, p.160).

Assim, o sistema de classificação "divide um domínio da realidade em uma série ordenada de classes ou de subclasses" que através de um "código artificial composto por símbolos (numéricos, alfanuméricos) traduz os assuntos em índices ordenados" que podem ser representadas em forma de notação. A fim de agrupar documentos à luz de princípios classificatórios, certos atributos identificáveis nos documentos são escolhidos como critério. Tradicionalmente, os assuntos dos documentos ocupam posição de destaque como característica definida para a elaboração das classes (MANIEZ, 1993, p. 23).

Simões (2010, p.160) apresenta algumas similaridades entre o movimento enciclopedista e as classificações bibliográficas, apontando “que tanto as

classificações bibliográficas como o enciclopedismo e a classificação das ciências, propunham, como principal objectivo, a organização do conhecimento humano para uma melhor localização e compreensão”.

Quadro 1: Afinidades entre o movimento enciclopédico e as classificações bibliográficas

Objetivos	Organização do conhecimento
Conteúdos	Representação do conhecimento universal
Estrutura	- Sistemas epistemológicos - Alfabética e em sistemas epistemológicos

Fonte: Simões (2010, p.139)

Segundo Simões (2010), na Idade Média o movimento enciclopedista era permeado pelo dogmatismo metafísico que o conduzia a uma hierarquia de saberes fundada em bases teológicas cristãs, a serviço de Deus e da Igreja. Na Idade Moderna, passou a estar ao serviço do Homem - “o culto da curiosidade “científica” alicerçada no valor e na capacidade de interpretação do homem e não de Deus.” Assim, foram introduzidos novos elementos epistemológicos e metodológicos à organização do conhecimento o que contribuiu para adoção de critérios rigorosos e racionais. A Idade Moderna instaurou a ordem alfabética em detrimento da organização disciplinar do conhecimento (SIMÕES, 2010, p.129 -132).

No Quadro 2, **Movimento enciclopédico**, destaca-se que em todo o percurso histórico do movimento enciclopedista a estrutura hierárquica sempre esteve presente como modo de organização.

Quadro 2: Movimento enciclopédico

	Objetivos	Conteúdos	Estrutura
Idade Média	- Organizar o conhecimento com fim pedagógico e didático (Escolástica)	- Divulgação da Teologia e da Fé Cristã - Conhecimento universal (conteúdos teológicos)	- Hierárquica - Organização do conhecimento em áreas epistemológicas
Renascimento	- Divulgar o conhecimento laico - Divulgar a cultura da Antiguidade	- Conhecimento universal (construído com base na Razão e na Experiência)	- Hierárquica - Organização do conhecimento em áreas epistemológicas (estrutura inconsistente)
Idade Moderna	- Divulgar o conhecimento laico. - Difundir junto a todos os cidadãos: emprego das línguas nacionais	- Conhecimento universal (construído com base na Razão e na Experiência)	- Hierárquica - Organização do conhecimento em áreas epistemológicas (estrutura inconsistente) - Ordenação alfabética

Fonte: Compilado de Simões (2010)

O movimento enciclopédico esteve inserido num contexto mais amplo de organização do conhecimento, que seguiu um percurso análogo conforme destaca Simões (2010, p. 161),

Na Antiguidade procedera-se à organização do saber com o intuito de conservar os valores e a cultura antiga. Na Idade Média a organização do conhecimento esteve ao serviço da Igreja e, directamente, do movimento escolástico. No Renascimento pretendeu-se, com a organização dos saberes, recuperar a cultura da Idade Antiga e divulgar os novos conhecimentos. Na Idade Moderna, imbuída do espírito empírico-racionalista, a organização do conhecimento baseada em fundamentos, agora de natureza científico-culturais, teve como função sistematizar os saberes existentes e emergentes, de acordo com os novos parâmetros inerentes ao conceito da Ciência moderna, para que fossem acessíveis a todos os indivíduos.

Desse modo, a transição de organização do saber baseada em fundamentos para uma organização voltada a uma natureza científico cultural com vistas a sistematizar saberes existentes e emergentes é importante.

Apostel (apud POMBO, 1998, p. 19-33) acrescenta as seguintes características a classificação,

- cada classificação tem por detrás um determinado mecanismo classificador que executa, melhor ou pior, as operações necessárias à classificação,
- cada classificação persegue uma mais ou menos sistemática multiplicidade de fins que, em última análise, vão determinar a sua estrutura,
- cada classificação exerce-se sobre um domínio da realidade cujas estruturas internas tornam mais ou menos fácil as operações necessárias à classificação,
- cada classificação constrói-se no contexto das classificações precedentes do mesmo domínio, ou seja, há uma inexorável historicidade das classificações ao longo da qual os domínios classificados podem ser modificados, as divisões podem ser completadas, novos critérios de classificação podem ser acrescentados,
- para cada classificação existe um produto externo da atividade classificadora que se apresenta como uma árvore genealógica mais ou menos regular, isto é, toda a classificação supõe uma dupla operação: o estabelecimento de equivalências entre classes do espaço classificatório global; **o estabelecimento de hierarquias entre subclasses no interior das classes previamente estabelecidas.**

O estabelecimento de hierarquias e subordinações é considerada como uma das prioridades no arranjo na elaboração de sistemas de classificação e foi originalmente pensada por filósofos que influenciaram o trabalho dos classificionistas no sentido de construírem instrumentos para a organização do conhecimento.

Historicamente, conhecemos o trabalho precursor do indiano Shiyali Ramamrita Ranganathan que introduziu o termo faceta e a Classificação de Dois Pontos (Colon Classification - CC), publicada em 1933. O esquema proposto rompeu com as metodologias vigentes de elaboração dos sistemas tabelas de classificação bibliográfica da época.

Ranganathan diferia dos outros, sobretudo pelo fato de que ele não usava classes pré-estabelecidas e prontas às quais os títulos tinham de ser relacionados, mas criava classes de livros somente no momento em que um livro era analisado segundo os elementos conceituais de seu assunto, e sintetizado segundo as regras das fórmulas de facetas ligadas às disciplinas. Mas isso significa também que o número de classes gerado por esse sistema pode ser igual ao número de livros da biblioteca, se sua coleção for suficientemente diversificada, pois dois livros somente podem ser

considerados como pertencentes a uma só classe se sua síntese for igual (DAHLBERG, 1979).

O sistema proposto por Ranganathan baseava-se na adoção do método analítico-sintético que consiste na desconstrução do assunto a ser representado em suas diferentes facetas e, então, de sua reconstrução numa notação de classificação a partir dos elementos independentes coordenados com base em regras sintáticas. A estrutura classificatória organizada em cinco categorias fundamentais (PMEST - Personalidade, Matéria, Energia, Espaço e Tempo) permitiu que o elemento utilizado como base da classificação não fosse mais o assunto do documento, mas os conceitos que compõem esse assunto (CAMPOS, 2001).

Aplicados pela primeira vez por Ranganathan, os princípios da classificação facetada foram sendo aprimorados principalmente através dos trabalhos do Classification Research Group (CGR), fundado na Inglaterra, na década de 1950. Este trabalho foi responsável pela edição de uma nova classificação facetada: a Bliss Bibliographic Classification 2nd. edition (BC2). Segundo Broughton (2006) este grupo reuniu-se fundamentalmente pelo desejo de ver a classificação facetada como a base para a recuperação da informação e, em pouco mais de meio século desde a sua fundação, acompanhou a ampliação dos métodos da análise facetada para além da elaboração de sistemas de classificação bibliográfica.

Os sistemas de classificação bibliográfica apresentam uma ordem sistemática que exhibe as relações entre os conceitos reunindo assuntos relacionados. Foskett (1976) relata que a ordem sistemática pode ser utilizada na construção de vocabulários controlados, como índices e/ou de tesouros pós-coordenados. Uma outra utilidade da ordem sistemática, segundo Buchanan (1979, p. 14), seria para o registro de documentos em suportes legíveis por máquina, como uma forma de reduzir o tempo de busca por computador.

Piedade (1985) apresenta através das tabelas sistemáticas, ou das classes principais, como o conhecimento humano é dividido tanto pela CDD quanto pela CDU. Logo é possível observar as semelhanças e diferenças entre os dois sistemas.

Quadro 3: Tabelas sistemáticas

CDD	CDU
000 Generalidades	0 Generalidades
100 Filosofia	1 Filosofia
200 Religião	2 Religião
300 Ciências Sociais	3 Ciências Sociais
400 Linguística	4 Vaga
500 Ciências Puras	5 Ciências Puras
600 Ciências aplicadas	6 Ciências aplicadas
700 Artes	7 Artes, Recreação. Diversão. Esportes
800 Literatura	8 Linguística. Literatura
900 História. Geografia. Biografia	9 História. Geografia. Biografia

Fonte: Compilado pelo autor

Conforme o escopo de conteúdo e de estrutura pode-se dividir as classificações bibliográficas em diferentes tipologias.

Quadro 4: Tipologia dos sistemas de classificação

Por seu conteúdo	Classificações enciclopédicas
	Classificações especializadas
Por sua estrutura	Classificações enumerativas
	Classificações facetadas
	Classificações mistas

Fonte: Adaptado de Gil Urdician, 2006, p. 315.

De acordo com o critério de conteúdo, as classificações bibliográficas de tipo enciclopédico podem ser descritas como aquelas que visam abarcar a totalidade dos ramos do conhecimento, como a Classificação Decimal de Dewey (CDD) e a Classificação Decimal Universal (CDU); enquanto as classificações especializadas referem-se a um campo específico do conhecimento, como a Classificação da Biblioteca Nacional de Medicina dos Estados Unidos (National Library of Medicine Classification - NLM) (GIL URDICIAN, 2006).

O critério de estrutura considera as classificações bibliográficas como enumerativas, mistas ou facetadas. As enumerativas caracterizam-se pela enumeração de todos os assuntos cobertos pelo sistema de classificação bibliográfica, e seu exemplo mais significativo é a Library of Congress Classification (LCC) com suas vinte e uma tabelas hierárquicas de conteúdo independente. As classificações de tipo misto apresentam a hierarquização dos assuntos cobertos pelo sistema classificatório em tabelas principais que podem ser conjugadas com tabelas auxiliares e são acompanhadas de orientações para a composição da notação (GIL URDICIAIN, 2006).

Tanto a estrutura da CDU quanto a estrutura da CDD possuem igualmente as seguintes características fundamentais:

- a decimalidade: os sistemas de classificação bibliográfica são divididos em dez classes principais e cada uma pode ser novamente subdividida em outras classes, até se atingir o nível de detalhamento necessário;
- a universalidade: ambos sistemas tem a pretensão de oferecer conceitos e símbolos para representar a totalidade do conhecimento;
- o caráter hierárquico: representa a concepção de uma unidade estruturada em partes necessariamente subordinadas ao todo.

A diferença, no que se refere a estrutura dos sistemas de classificação bibliográfica, é o caráter analítico-sintético da CDU que possibilita a formação de números compostos que se inter-relacionam.

Por fim, observa-se que a classificação facetada pode se mostrar eficiente diante de novos ambientes, devida a:

- a capacidade de expressar através de síntese a complexidade de conteúdo de assunto que é típico de documentos digitais;
- uma sintaxe do sistema que garante isto é gerido de uma forma regular e consistente;
- uma estrutura rigorosamente lógica que é compatível com a manipulação da máquina em qualquer nível;
- uma estrutura que é compatível com uma interface gráfica para a navegação do usuário final e a formulação de consulta;

- a facilidade, por meio de variação ou rotação da ordem de citação, para permitir abordagens de vários ângulos (ou seja, de busca de domínio cruzado);
- uma estrutura e metodologia que permitem a conversão para outros formatos de linguagem de indexação (ou seja, listas de cabeçalhos de assunto e thesauri); e
- Características destas ferramentas integradas que permitem busca por palavras-chave modificáveis através de vocabulários mapeados e o controle de vocabulário via tesouros, e provisão de ferramentas para navegação e visualização através das listas de cabeçalho de assunto (BROUGHTON, 2006, p. 50-51).

Salienta-se que os sistemas de classificação bibliográfica não se referem apenas à disposição física de documentos no ambiente de bibliotecas, mas também à descrição e etiquetagem adequada de objetos informacionais no ambiente digital de modo a sustentar a busca, navegação e recuperação da informação.

2.2.1 Classificação Decimal de Dewey

Em 1873 o bibliotecário norte-americano Melvil Dewey almejou criar uma ferramenta que fosse prática e de fácil aplicação de forma a responder as questões pragmáticas de organização do conhecimento com vistas a rapidez de localização do item e o livre acesso às estantes. Constituindo-se de uma “ferramenta geral de organização do conhecimento que é continuamente revista para manter o ritmo com o conhecimento”. (OCLC)

Quadro 5: Marcos históricos da CDD

1876	A 1ª edição da CDD foi publicada anonimamente em Amherst, Massachusetts.
1885	A 2ª edição da CDD foi publicada por Melvil Dewey.
1900	A 1ª edição compacta da CDD foi publicada.
1916	O Comitê Consultivo de Classificação Decimal — o primeiro Comitê da Associação de Bibliotecas Americanas (ALA) — foi criado.
1923	O escritório editorial da CDD se transfere para a Biblioteca do Congresso em Washington, DC.
1937	O Comitê de Classificação Decimal, um precursor do atual Comitê de Políticas Editoriais da Classificação Decimal Dewey, foi criado.
1953	O Comitê de Políticas Editoriais da Classificação Decimal Dewey foi reconstituído para representar a Associação de Bibliotecas Americanas, a Forest Press e a Biblioteca do Congresso para conduzir o desenvolvimento editorial da CDD.
1958	A 16ª edição do CDD foi publicada, a qual foi a primeira a ser editada sob acordo feito entre a Biblioteca do Congresso e a Forest Press.
1988	A Forest Press se tornou uma divisão da OCLC.
1993	A OCLC Forest Press publicou a Eletronic Dewey, o primeiro sistema de classificação bibliográfica em formato eletrônico. Dewey para Windows.
1996	A 21ª edição da CDD e da Dewey para Windows® foram publicadas, sendo a primeira vez em que os formatos impresso e eletrônico foram publicados simultaneamente.
2000	A WebDewey® foi publicada.
2011	A 23ª edição do CCD foi publicada e a WebDewey 2.0 foi lançada.

Fonte: Adaptado da OCLC (online)

Atualmente é desenvolvida e mantida na Seção de Dewey da Biblioteca do Congresso americano, suas edições nas versões impressa e eletrônica são publicadas pela Online Computer Library Center (OCLC).

A CDD é um sistema de classificação bibliográfica decimal, hierárquica e enumerativa. Composta pelas tabelas: Tabela 1 - Subdivisões Standard; Tabela 2 - Geografia, Períodos Históricos, Biografia; Tabela 3 - Subdivisões para Literaturas Individuais e Artes; Tabela 4 - Subdivisões para Línguas Individuais e Famílias; Tabela 5 - Grupos Raciais, Étnicos, Nacionais; e Tabela 6 – Línguas. As tabelas auxiliares servem ao propósito de detalhar, especificar ou caracterizar um determinado aspecto ou

elemento de um assunto das tabelas principais. Entre outro, destinam-se a detalhar aspectos relacionados à forma física do documento, à forma intrínseca e extrínseca, à divisão política, física, socioeconômica, étnica de um assunto.

Esteibar (1984) analisa o manuscrito "Idée, d'une bibliothèque" escrito por Leibniz provavelmente no final do século XVII e o trabalho de Ott Christoph Hilgenberg intitulado "Zur Entstehung" e sugere que Dewey conheceu os intentos de Leibniz. No manuscrito, Leibniz argumentou sobre a importância do intercâmbio universal do conhecimento para o progresso da ciência, postulando a biblioteca como um lugar de uso. Dessa forma, a conjunção entre ciência, técnica e entretenimento resultaria em uma biblioteca enciclopédica. A proposta de Leibniz ainda previa a utilização de uma notação numérica universal para possibilitar o intercâmbio de conhecimento entre sábios de diferentes países.

A respeito do intento de Dewey em criar uma notação numérica universal, ele declara:

[...] 'Durante meses imaginei, noite e dia, que deveria haver, em alguma parte, uma solução satisfatória. No futuro teríamos milhares de bibliotecas, a maioria das quais aos cuidados de pessoas com pequena capacidade ou escasso adiestramento. O primeiro requisito da solução há de ser a maior simplicidade possível. O provérbio dizia 'simples como a, b, c', mas ainda mais simples do que isso era 1, 2, 3. Após meses de estudo, um domingo, durante um longo sermão do pastor Stearns, enquanto o encarava com firmeza sem lhe ouvir uma palavra, e absorvida a mente no problema vital, a solução coruscou-me ante os olhos, a ponto de fazer-me saltar da minha cadeira e de quase levar-me a gritar 'Eureka!' Consistia ela em alcançar a simplicidade absoluta empregando os mais simples símbolos conhecidos, os algarismos arábicos na qualidade de decimais, com o zero revestido da significação usual, a fim de numerar uma classificação de todo o conhecimento humano impresso; completando tal expediente pelos símbolos que, depois dos números, eram os mais simples, ou seja, a, b, c, e indexando todos os títulos das tabelas, de forma que seria mais fácil usar a classificação com 1.000 títulos assim ajustados, do que os 30 ou 40 títulos que reclamam cuidadoso estudo antes de serem utilizados" (SCHELLENBERG, 1980, p. 11) apud SOUSA, 2007, p. 12-13).

Certamente os intentos de Dewey eram tornar o sistema de classificação compreensível ao profissional da biblioteca, mesmo para aqueles com "pequenas capacidades". O sistema deveria também ser de fácil entendimento para os usuários, isso graças ao processo de simplificação de conceitos e a funcionalidade do sistema decimal.

Dewey enfatizou meios operacionais para alcançar o arranjo funcional dos itens nas bibliotecas e, para Frohmann (1994), os procedimentos tecnoburocráticos correspondem a uma ordem cultural em que a informação desejada por leitores é construída pelos elementos de uma classificação burocratizada, mecanizada e racionalizada de assuntos do livro que não são controladas por guardiões da alta cultura tradicional, como almejado por Dewey porquê a autoridade cultural passou a gestores profissionais de capital intelectual.

2.2.2 Classificação Decimal Universal

A Classificação Decimal Universal (CDU) concebida por Paul Otlet e Henry La Fontaine tinha o intuito de organizar um repertório bibliográfico universal de trabalhos publicados em qualquer lugar do mundo desde a invenção da imprensa. Otlet não pensava na ordenação de livros na estante e sim no estabelecimento de relações entre dados informacionais visando o uso da informação. (ANJOS, 2008, p. 178)

Quadro 6: Marcos históricos da CDU

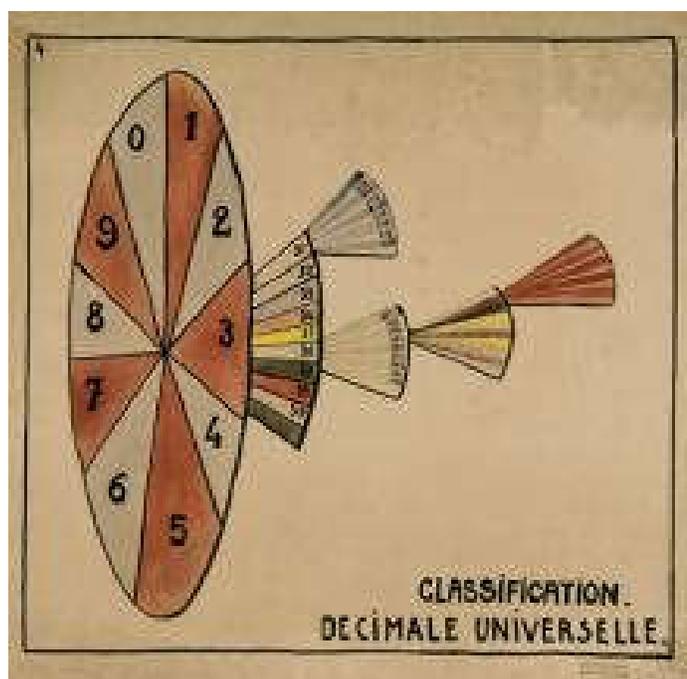
1895	Otlet obtém a permissão de Dewey para traduzir a CDD para o francês.
1904	A 1ª edição preliminar da CDU foi publicada pelo Institute International de Bibliographie, na língua francesa, com o título de Manuel du Répertoire Bibliographique Universel.
1909	A 1ª edição é reimpressa
1927	A 2ª edição da CDU foi publicada sob o título de Classification Décimale Universelle

Fonte: UDC (online)

Otlet e La Fontaine perceberam na Classificação Decimal uma taxonomia do conhecimento humano expressa em números e com uma extensibilidade patrocinada pelos números decimais, o que poderia auxiliar na acomodação de detalhes para o seu repositório bibliográfico. Assim, o plano foi além da tradução da CDD para o Francês (UDC, online).

A Figura 1, Classification Decimale Universelle, demonstra a extensibilidade dos números decimais. Na figura circular está representada as dez principais classes da CDU. Destaca-se a decimalidade dos sistemas de classificação bibliográfica.

Figura 1: Classification Decimale Universelle



Fonte: http://www.udcc.org/index.php/site/page?view=about_history

A tabela sistemática da CDU subdivide-se em outras duas tabelas: a Tabela Principal e as Tabelas Auxiliares. A Tabela Principal é composta pelas classes principais apresentadas anteriormente no Quadro 3 e suas subdivisões, classes mais específicas (ou subclasses). A divisão das classes é realizada de forma a compor uma estrutura hierárquica, onde a hierarquia numérica reflete a hierarquia conceitual. As classes gerais ficam alocadas no nível mais elevado e as classes específicas no nível mais baixos da hierarquia. Assim, quanto mais específico o assunto mais números são atribuídos. Com o propósito de facilitar a leitura acrescenta-se um ponto a cada três algarismos. Como, por exemplo, na classe 523 O sistema solar, as classes subordinadas possuem quatro dígitos que são separados por ponto final após o terceiro dígito (BUCHAMAN, 1979).

523 O sistema solar

523.3 Sistema Terra-Lua

523.4 Planetas e seus satélites. Planetologia

523.6 Meio interplanetário. Cometas. Meteoros. Meteoritos

523.9 O Sol. Física solar

A CDU foi adaptada do sistema de Dewey e retoma as classes principais da CDD, refletindo disciplinas tradicionais e a sua notação decimal. A classificação de estrutura hierárquica segue uma ordem sistemática que parte do geral para o particular, do todo para a parte, do gênero para a espécie etc. Contudo, a CDU se afasta do modelo original e transforma-se em uma classificação que permite a síntese, melhor dizendo, o caráter analítico-sintético da CDU possibilita a combinação de números, através de símbolos ou sinais, permitindo a construção de números compostos que se inter-relacionam.

O recurso síntese da CDU é conseguido através do uso de facetas, que são denominadas Auxiliares Especiais, podendo ser usadas apenas em um grupo de classes específicas, ao contrário auxiliares comuns – das Tabelas Auxiliares - que podem ser aplicados a quaisquer classes. Para Gnoli (2011, p. 19-20), é importante reconhecer a existência e a relação entre uma classe e sua faceta.

- a classe de base, por exemplo "gatos";
- o indicador faceta: um sinal que significa que o que se segue é uma faceta, em oposição a uma subclasse ou outro elemento estrutural qualquer (este termo não é encontrado na literatura existente, e não deve ser confundido com o indicador faceta - ver abaixo);
- a categoria fundamental para que a faceta pertence, por exemplo, "propriedades" em oposição a "processos" ou "agentes" etc.;
- o princípio da subdivisão da faceta, por exemplo, "Cor da pele". Isto pode ser determinado como o resultado da combinação da classe de base com a categoria fundamental (por exemplo, os processos de categoria fundamental no contexto da classe Astronomia pode ter o significado de "mecânica celeste"). Em vários sistemas, isto é, notacionalmente expressa em conjunto com os dois sub-elementos anteriores por um indicador de faceta (por exemplo, um sinal de pontuação de dois pontos);
- a fonte no sistema a partir de onde pode ser tomado os valores da faceta (local de definição de focos). Parece haver três opções lógicas para isso: os focos têm de ser tomados a partir de uma lista especial só definiu para o próprio (focos definidos pelo contexto) faceta: o valor para a faceta "gênero" dos animais só pode ser "macho" ou "fêmea"; os focos têm de ser tomados a partir das subclasses de outra classe (focos especiais extra definido, um caso especial de divisão paralelo): valores para a faceta "estações do anso" serão tomadas a partir da classe de estações. Isso inclui a solução, frequente na CDU, que são extraídos das facetas de uma outra classe; os focos podem ser tomados a partir de qualquer classe nas listas (focos extra definido geral):

valores para a faceta "tópico especial" em biblioteconomia será retirado em qualquer lugar;

- o valor tomado no presente elemento classificado pela faceta, chamado seu foco, por exemplo, "malhado";
- uma faceta mais perto, marcando o fim de uma faceta, a que outra faceta ou às vezes uma subclasse da classe facetada (uma subclasse gatos de gato malhado, e não apenas de gatos) pode seguir. Notar que este é apenas um subcomponente teórico, não implementada em muitos sistemas, incluindo CDU.⁷

O uso de facetas como recurso das subdivisões Auxiliares Especiais auxilia na redução da extensão dos números notacionais, possibilitando a criação de endereçamentos menores, proporcionando, assim, maior precisão e economia na apresentação e na formação da notação. Além disso, os números auxiliares podem ser acrescentados conforme necessidade, sendo que o princípio sintético equivale a um nível de detalhamento maior que pode ser obtido com o uso das subdivisões auxiliares.

Por fim, abordadas as questões da representação da informação e do conhecimento, nomeadamente dos sistemas de classificação bibliográfica, e ressaltadas os estudos atuais que buscam analisar o complexo processo de significação desses dispositivos, será tratado a formação discursiva.

⁷ • the basic class, e.g. "cats"; • the facet introducer: a sign meaning that what follows is a facet, as opposed to a subclass or any other structural element (this term is not found in existing literature, and should not be confused with facet indicator — see below); • the fundamental category to which the facet belongs, e.g. "properties" as opposed to "processes" or "agents" etc.; • the principle of subdivision of the facet, e.g. "fur colour". This can be given as the result of the combination of the basic class with the fundamental category (e.g. the fundamental category "processes" in the context of the astronomy class can take the meaning "celestial mechanics"). In several systems, this is notationally expressed together with the two previous sub-elements by a facet indicator (e.g. a punctuation mark in Colon); • the source in the system from where the facet values can be taken (place of definition of foci). There seems to be three logical options for this: o foci have to be taken from a special list only defined for the facet itself (context-defined foci): the value for the "gender" facet of animals can only be either "male" or "female"; o foci have to be taken from the subclasses of another class (special extra-defined foci, a special case of parallel division): values for the facet "in season" will be taken from the class of seasons. This includes the solution, frequent in UDC, that they are taken from the facets of another class; o foci can be taken from any class in the schedules (general extra-defined foci): values for the facet "special topic" in librarianship will be taken from anywhere; • the value taken in the present classified item by the facet, called its focus, e.g. "tabby"; • a facet closer, marking the end of a facet, to which another facet or sometimes a subclass of the faceted class (a subclass of tabby cats, not just of cats) can follow. Notice that this is only a theoretical sub-element, not implemented in many systems including UDC (GNOLI; 2011, p. 19).

3 FORMAÇÃO DISCURSIVA

Na presente seção situamos o quadro conceitual básico da análise do discurso francesa, o conceito de formação discursiva de Michel Foucault e, ao mesmo tempo, as categorias de análise que fundamentaram a proposta interpretativa desta pesquisa.

O campo da análise do discurso, para Maingueneau (2015, p.3), resulta de uma convergência de diversas correntes de pesquisa provindas de disciplinas muito diferentes e assim anuncia uma “virada discursiva”, afinal “não há nenhum setor das ciências humanas e sociais ou das humanidades que não possa fazer apelo a suas problemáticas, seus conceitos ou seus métodos”.

Para entender os aportes teóricos constituintes da contribuição de Michel Foucault faz-se necessário situar inicialmente que as problemáticas representacionais do campo da análise do discurso podem ser abordadas sob duas perspectivas metodológicas distintas, a de Pêcheux e a de Foucault. Pêcheux (2014) propôs articular as Ciências Sociais, Linguística, Teoria do Discurso e Psicanálise inaugurando uma nova reflexão sobre a linguagem e a ideologia. Sob um filtro marxista retomado por Althusser (1985), preocupou-se com a combinação das forças produtivas e das relações sociais de produção na sociedade capitalista, no qual a relação do sujeito com o discurso se caracterizou pela evidência.

[...]. As evidências tenazes (evidências ideológicas de tipo empirista) do ponto de vista da simples prática produtiva (ela própria abstrata em relação ao processo de produção, isto é extremamente difícil, para não dizer quase impossível, elevarmo-nos ao ponto de vista da reprodução. No entanto, fora deste ponto de vista, tudo parece abstrato (mais que parcial: deformado) – não só ao nível da produção como, e principalmente, da simples prática ” (ALTHUSSER, 1985, p.10).

Assim, o sujeito assume uma posição ideológica diante do discurso e a condição última de produção de um discurso seria mera reprodução das condições de produção. Marx, citado por Althusser (1985, p.9), argumenta que “até uma criança sabe que se uma formação social não reproduz as condições da produção ao mesmo tempo que produz não conseguirá sobreviver um ano que seja. ”

Foucault considera as maneiras em que objetos e ideias são expostos, ao invés da ontologia dos objetos e as próprias ideias. Vislumbra o poder, mas não é o poder pela repressão, o poder do aparelho ideológico, e sim, o poder sob a forma discursiva.

Para Foucault o Estado Moderno dependia de uma sociedade disciplinar para sua constituição e eficácia como estado, logo instituições sob a forma de família, escola, polícia, fábrica, hospital e hospício intentam disciplinar corpos e domesticar mentes de forma a garantir a ordem. Assim, os sujeitos transitam entre essas instituições que se utilizam do conhecimento científico em suas várias especialidades e das tecnologias, que por sua vez, auxiliam na disciplinarização. Nesta perspectiva, o estado, as ciências e as tecnologias não podem ser considerados neutros, afinal, o poder é mantido por grupos minoritários que o utilizam de forma a dominar e disciplinar as sociedades, naturalizando desigualdades.

Em uma discussão mais recente Deleuze (1992), observa a inserção dos dispositivos digitais e constata a transição da sociedade disciplinar, preconizada por Foucault, para sociedade de controle, na qual a disciplina não cabe apenas às instituições. Há uma mudança para o controle e autocontrole, que se situa diretamente e principalmente no próprio indivíduo.

As sociedades disciplinares têm dois polos: a assinatura que indica o indivíduo, e o número de matrícula que **indica sua posição numa massa**. É que as disciplinas nunca viram incompatibilidade entre os dois, e é ao mesmo tempo que o poder é massificante e individuante, isto é, constitui num corpo único aqueles sobre os quais se exerce, e molda a individualidade de cada membro do corpo (Foucault via a origem desse duplo cuidado no poder pastoral do sacerdote - o rebanho e cada um dos animais - mas o poder civil, por sua vez, iria converter-se em "pastor" laico por outros meios). Nas **sociedades de controle**, ao contrário, o essencial não é mais uma assinatura e nem um número, mas uma cifra: a cifra **é uma senha, ao passo que as sociedades disciplinares são reguladas por palavras de ordem** (tanto do ponto de vista da integração quanto da resistência). A linguagem numérica do controle é feita de cifras, que marcam o acesso à informação, ou a rejeição. Não se está mais diante do par massa-indivíduo. Os indivíduos tornaram-se "dividuais", divisíveis, e as massas tornaram-se amostras, dados, mercados ou "bancos" (DELEUZE, 1992, p. 220-221).

Assim, o controle pode ser considerado a forma mais sutil e eficaz de disciplinar sujeitos, uma vez que se submetem por vontade própria. Ao contrário da disciplina, "o controle é curto prazo e de rotação rápida, mas também contínuo e ilimitado",

enquanto o homem da sociedade disciplinar está confinado, institucionalizado, o homem da sociedade do controle é o homem endividado (DELEUZE, 1992: p. 221).

Em suma, o discurso imerso na sociedade disciplinar de Foucault constitui-se de poderes que transitam e dissimulam-se por meio das instituições modernas adotando estratégias disciplinares e de confinamento. Já na sociedade de controle de Deleuze o discurso é caracterizado pela invisibilidade e pela sua virtualização e codificação junto às redes de informação.

Para Deleuze, as tecnologias digitais e o desenvolvimento dos meios de comunicação e informação instauram um novo regime de dominação em que o controle e a vigilância são contínuas. O espírito de competitividade e de vigilância de si mesmo e do outro impera e os conhecimentos científicos e tecnológicos tornam-se híbridos, configurando o que se chama na contemporaneidade de sociedade tecnocientífica.

A arqueologia de Foucault trata de deslocar a ciência para o saber em relação à epistemologia, que descreve as ciências e as suas verdades.

A arqueologia, reivindicando sua independência em relação a qualquer ciência, pretende ser uma crítica da própria ideia de racionalidade; enquanto a história epistemológica, situada basicamente no nível dos conceitos científicos, investiga a produção de verdade pela ciência, que ela considera como processo histórico que define e aperfeiçoa a própria racionalidade, a história arqueológica, que estabelece inter-relações conceituais no nível do saber, nem privilegia questão normativa da verdade, nem estabelece uma ordem temporal de recorrências a partir da racionalidade científica atual (MACHADO, 2006, p. 6).

A pesquisa arqueológica de Foucault procura centralizar e compreender o discurso, tendo em vista a relação das práticas discursivas estabelecidas com os objetos que podem ser “nomeados” pelas ciências modernas. Assim, pretende-se pensar como o discurso opera em algum objeto do saber (como as Religiões) situando-o em relação ao que foi dito, escrito e feito sobre este mesmo objeto nas edições da CDD e CDU.

2.1 Foucault e o discurso

Desde culturas antigas, o homem utilizou simbologias gráficas para registrar seus modos de vida, a concepção de ideias e, especialmente, comunicar-se. A linguagem confere materialidade ao discurso que só se dá pela existência de práticas discursivas e que depende das interações sociais e da perspectiva do enunciador que contextualiza e interpreta os acontecimentos.

As obras de Michel Foucault "A ordem do discurso", de 1971, e "Arqueologia do saber", 1972, sugerem um exercício de deslocamento metodológico para dar-se conta do discurso.

[...] não se pode reconstruir um sistema de pensamento a partir de um conjunto definido de discursos. Mas esse conjunto é tratado de tal maneira que se tenta encontrar, além dos próprios enunciados, a intenção do sujeito falante, sua atividade consciente, o que ele quis dizer, ou ainda o jogo inconsciente que emergiu involuntariamente do que disse ou da quase imperceptível fratura de suas palavras manifestas; de qualquer forma, trata-se de reconstruir um outro discurso [...] restabelecer o texto miúdo e invisível que percorre o interstício das linhas escritas e às vezes, as desarruma" (Foucault, 2012, p.33-34).

Para Foucault, os membros de uma sociedade estão imersos no discurso e nos regimes de regulação discursivas os quais dão direcionamento ao discurso. Não há como ficar imune a isso. O discurso pode ser regido por um conjunto de regras anônimas e ser usado para designar os modos de pensamento que caracterizam as instituições, os domínios da cultura e distinguir diferentes áreas de estudo para identificar a linguagem de diferentes grupos sociais ou ocasiões. Essas práticas discursivas estarão sempre determinadas no tempo e no espaço, em uma dada época e destinadas a uma área social, econômica, geográfica ou linguística.

O autor exemplifica a relação entre o discurso e o poder:

O desejo diz "Eu queria ter de entrar nesta ordem arriscada do discurso; [...] gostaria que fosse ao meu redor transparência calma, profunda, indefinitivamente aberta, em que os outros respondessem à minha expectativa, e de onde as verdades se elevassem, uma a uma, eu teria senão de me deixar levar, nela e por ela, como um destroço feliz". E a instituição responde: "você não tem porque temer começar; estamos todos aí para lhe mostrar que o discurso está na ordem das leis; que há muito tempo se cuida de uma aparição; que lhe foi preparado em um lugar que o honra, mas o desarma; e que se lhe ocorre ter algum poder, é de nós, só de nós, que ele lhe advém" (FOUCAULT, 2013, p. 7).

O poder se manifesta como resultado da vontade de estruturar o campo possível da ação dos outros. Assim, os discursos dão conteúdo e forma a um conjunto de relações de poder entre uma variedade de indivíduos e instituições. Para isso, segundo Foucault (2013, p.9), a sociedade adota alguns procedimentos de exclusão, o mais familiar e evidente é a interdição: “não se tem direito de dizer tudo, que não se pode falar tudo em qualquer circunstância, enfim, não se pode falar de qualquer coisa”.

A interdição é uma forma de controle externo do discurso que se constitui dos procedimentos que impedem a criação de certos discursos. Foucault (2013, p. 9) aponta três tipos de interdição: tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo de fala. Para o autor, esses tipos de interdições “se cruzam, se reforçam ou compensam formando uma grade complexa que não cessa de se modificar”.

Na interdição tabu do objeto, há certas coisas, determinados assuntos dos quais não se pode falar, que não podem fazer parte do discurso. No ritual da circunstância, há determinados discursos que só podem ser anunciados em determinadas ocasiões. E por fim, o direito privilegiado de fala, há determinados discursos que só podem ser proferidos por sujeitos determinados.

O poder não tem somente um papel repressivo, como também, produz efeitos de verdade, de subjetividade e de lutas. Afinal ele pode, “inversamente, enraizar os fenômenos de resistência no próprio interior do poder que eles buscam contestar, e não em um improvável ‘exterior’” (REVEL, 2005, p. 67-69).

Para Foucault (2013, p.10), “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porquê, pelo que se luta, o poder do queremos apoderar. ” O entendimento das formas das relações de poder e discurso se tornam imprescindíveis para a compreensão do conceito de formação discursiva a ser tratada a seguir.

2.2 A formação discursiva

Foucault, em *Arqueologia do Saber*, reflete sobre a emergência dos conceitos, o jogo de aparecimentos e os saberes que fazem emergir os objetos do discurso. Assim, as formações discursivas podem ser entendidas como os saberes que definem um objeto, isto é, o sistema de regras que torna possível as ocorrências de determinados enunciados. Afinal, como surge um determinado enunciado e não outro em seu lugar?

Segundo Foucault, [...] "a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada materialidade". O poder se manifesta como resultado da vontade de estruturar o campo possível da ação nos outros. Assim, os discursos dão conteúdo e forma a um conjunto de relações de poder entre uma variedade de indivíduos e instituições (FOUCAULT, 2012, p. 8-9).

O autor considera o "discurso como algo ativamente constituindo ou construindo a sociedade em várias dimensões: o discurso constitui os objetos de conhecimento, os sujeitos e as formas sociais do 'eu', as relações sociais e as estruturas conceituais" (FAIRCLOUGH, 2001, p. 65).

A unidade do discurso é analisada por Foucault diante de quatro hipóteses. A primeira assinala que o caráter desconcertante do discurso está na descontinuidade, na necessidade de assumir recortes provisórios e de escolher domínios de análise em que as relações corram o risco de serem numerosas e densas. O que faz a unidade do discurso não é o objeto a que ele se refere. O objeto loucura, por exemplo,

[...] "a doença mental foi constituída pelo conjunto do que foi dito no grupo de todos os enunciados que a nomeavam, recortavam, descreviam, explicavam, contavam seus desenvolvimentos, indicavam suas diversas correlações, julgavam-na e, eventualmente, **emprestavam-lhe a palavra, articulando, em seu nome, discursos que deviam passar por seus**" (FOUCAULT, 2012, p. 36 – GRIFO NOSSO).

O objeto loucura foi construído pelo que foi dito ao seu respeito e nesse contexto, as formações discursivas são enunciadas de diversas formas, dispersas no tempo e que formam um conjunto quando se referem a um único e mesmo objeto.

Então, na primeira hipótese, define-se os objetos “relacionando-os ao conjunto das regras que permitem formá-los como objetos de um discurso e constituem assim suas condições de aparecimento histórico”.

A segunda hipótese define um grupo de relações entre enunciados: a forma e o tipo de encadeamento. Foucault assinala que a organização de um discurso não é presidida por uma forma de encadeamento, constituída de um estilo e de uma forma constante. As enunciações são heterogêneas e coexistem dentro de uma disciplina. Dessa forma, no discurso pode-se identificar regras que tornam possível a existência de enunciações diversas.

Na terceira hipótese, Foucault mostra que a unidade de um discurso não se encontra em um sistema fechado de conceitos compatíveis entre si, há um núcleo de base a partir do qual outros conceitos seriam derivados, e, portanto, formaria uma espécie de “arquitetura conceitual”. A regra de formação de conceitos, para Foucault,

[...] talvez fosse descoberta uma unidade discursiva se a buscássemos não na coerência dos conceitos, mas em sua emergência simultânea ou sucessiva, em seu afastamento, na distância que os separa e, eventualmente, em sua incompatibilidade. Não buscaríamos mais, então, uma arquitetura de conceitos suficientemente gerais e abstratos para explicar todos os outros e introduzi-los no mesmo edifício dedutivo; tentaríamos **analisar o jogo de seus aparecimentos e de sua dispersão** (FOUCAULT, 2012, p. 40 – GRIFO NOSSO).

A quarta hipótese, a identidade e a persistência dos temas, relaciona as teorias ou estratégias do discurso com os temas. “A quarta hipótese, para reagrupar os enunciados, descrever seu encadeamento e explicar as formas unitárias sob as quais eles se apresentam: a identidade e a persistência dos temas” (FOUCAULT, 2012, p. 40).

Portanto, Foucault inferiu que nas unidades do discurso depara-se com um domínio com séries lacunares e emaranhadas, jogos de diferenças, de desvios, de substituições, de transformações. As formulações enunciativas de níveis diferentes, com funções heterogêneas para compor uma figura única, simulam através do tempo e além das obras individuais como um grande texto ininterrupto. Os conceitos se diferem em uma estrutura e nas suas regras de utilização, se ignoram ou até mesmo

se excluem o que os impossibilitam de entrar na unidade de uma arquitetura lógica. E ao invés da permanência temática, um conjunto de possibilidades estratégicas diversas que permitem a ativação de temas incompatíveis, ou até mesmo a introdução de um mesmo tema em conjuntos diferentes (FOUCAULT, 2012:42).

Assim, propõe descrever tais dispersões:

[...] pesquisar se entre esses elementos, que seguramente não se organizam como um edifício progressivamente dedutivo, nem como um livro sem medida que se escreveria, pouco a pouco, através do tempo, nem como a obra de um sujeito coletivo, não se poderia detectar uma regularidade: uma ordem em seu aparecimento sucessivo, correlações em sua simultaneidade, posições assinaláveis em um espaço comum, funcionamento recíproco, transformações ligadas e hierarquizadas. Tal análise não tentaria isolar, para descrever sua estrutura interna, pequenas ilhas de coerência; não se disporia a suspeitar e trazer à luz os conflitos latentes; mas estudaria formas de repartição. Ou, ainda, em lugar de reconstituir cadeias de inferência (como se faz frequentemente na história das ciências ou da filosofia), em lugar de estabelecer quadros de diferenças (como fazem os linguistas), descreveria sistemas de dispersão (FOUCAULT, 2012: 42-43).

Desta forma, Foucault denomina como formação discursiva (semelhante ao sistema de dispersão) os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, que se possam definir uma regularidade. As regras para a formação discursiva são as condições de existência e, também, as de coexistência, as de manutenção, as de modificação e as de desaparecimento de um dado discurso. O entendimento de formação discursiva se dá a partir da descrição de quatro direções de funcionamento dos saberes: a formação dos objetos, a formação das modalidades enunciativas, a formação dos conceitos e a formação das estratégias.

A análise do discurso para Foucault não tem uma relação direta com a linguística, mas sim, com a especificação sócio-histórica variável de formações discursivas (MAINGUENEAU, 2015; FAIRCLOUGH, 2001). A preocupação de Foucault reside nas “práticas discursivas como constitutiva do conhecimento e com as condições de transformação do conhecimento em uma ciência, associadas a uma formação discursiva”. (FAIRCLOUGH, 2001: 61)

No **Quadro 7**, conforme anunciado na Introdução destacamos as categorias de análise que fundamentaram a interpretação da pesquisa.

Quadro 7: Categorias de análise

Categorias	Referencial teórico (FOUCAULT, 2012, p. 40-42)
Descontinuidade do discurso (1):	<p>“A propósito dessas grandes famílias de enunciados que se impõem a nosso hábito [...] eu me perguntara em que poderiam fundar sua unidade. Em um domínio de objetos cheio, fechado, contínuo, geograficamente bem recortado? Deparei-me, entretanto, com séries lacunares e emaranhadas, jogos de diferenças, de desvios, de substituições, de transformações.”</p>
Formulações enunciativas (2):	<p>“As enunciações são heterogêneas e coexistem dentro de uma disciplina. Em um tipo definido e normativo de enunciação? Mas encontrei formulações de níveis demasiado diferentes e de funções demasiado heterogêneas para poderem se ligar e se compor em uma figura única e para simular, através do tempo, além das obras individuais, uma espécie de grande texto ininterrupto.”</p>
Identidade e a persistência dos temas (3):	<p>“encontramos na presença de conceitos que diferem em estrutura e regras de utilização, que se ignoram ou se excluem uns aos outros e que não podem entrar na unidade de uma arquitetura lógica. Na permanência de uma temática? Ora, encontramos, em vez disso, possibilidades estratégicas diversas que permitem a ativação de temas incompatíveis, ou ainda a introdução de um mesmo tema em conjuntos diferentes.</p>
Formação dos conceitos: arquitetura conceitual (4):	<p>“Daí a ideia de descrever essas dispersões; de pesquisar se entre esses elementos, que seguramente não se organizam como um edifício progressivamente dedutivo, nem como um livro sem medida que se escreveria, pouco a pouco, através do tempo, nem como a obra de um sujeito coletivo, não se poderia detectar uma regularidade: uma ordem em seu aparecimento sucessivo, correlações em sua simultaneidade, posições assinaláveis em um espaço comum, funcionamento recíproco, transformações ligadas e hierarquizadas.”</p>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Com a leitura atenta dos discursos, a formação discursiva consiste de regras de formação de objetos, de modalidades enunciativas e de posicionamento de sujeitos, conceitos e temáticas.

4 RELIGIÃO

As Religiões, no escopo deste trabalho, são compreendidas como (1) tradições e práticas religiosas não uniformes, ou seja, as religiões são internamente diversas; (2) as religiões são delimitáveis no tempo e no espaço e podem ser constantemente interpretados e reinterpretados pelos seus seguidores, ou seja, as religiões evoluem e mudam com o passar do tempo; (3) a religião e cultura são inseparáveis, apesar da religião ser capaz de se desterritorializar e o seu funcionamento circunscrever-se nos contextos políticos, culturais e econômicos (MOORE, 2014); (4) a religião manifesta um discurso de uma prática que, por vezes, pode estar associada a uma instituição.

Assim como a religião não pode ser entendida isoladamente de seu contexto cultural, não se pode estudar integralmente uma cultura sem considerar a suas práticas religiosas. A religião está presente em todas as dimensões da experiência humana e sempre se fez presente em toda a história da humanidade. Eliade (2010) afirma que a religião é intrínseca à existência humana e que desde os primórdios o homem buscou distinguir o que é tido como sagrado do que é tido como profano.

Toda manifestação do sagrado é importante; todo rito, mito, crença ou figura divina reflete a experiência do sagrado e, por conseguinte, implica em noções de ser, de significação e de verdade.

O sagrado é um elemento na estrutura da consciência, e não uma fase na história dessa consciência. Nos mais arcaicos níveis de cultura, viver como ser humano é em si um ato religioso, pois a alimentação, a vida sexual e o trabalho têm um valor sacramental. Em outras palavras, ser – ou, antes, tornar-se – um homem significa ser “religioso” (ELIADE, 2010, p. 13).

O mundo foi moldado pela convicção humana de que há algo além da vida e desde os tempos primitivos o homem estabeleceu algum tipo de relação com o sobrenatural a procura por algo que o una a algo superior a ele. Apesar das previsões de que os avanços científicos ajudariam o homem a “entender a causa e o motivo de sua existência, a ciência não conseguiu apagar o desejo de Deus do coração humano.” (BINGEMER, 2013, p. 20)

No entanto, a temática Religião, segundo Greschat (2005, p. 21-22), pode atrair ou repelir.

Imagens de autoflagelantes xiitas sangrentos, o confronto com o sacrifício cruel de um animal, a leitura de anais dos processos judiciais indianos contra os Thugs (irmandade clandestina de assassinos que, apesar de formada por hindus, estrangulava outros hindus por motivos rituais) -, tudo isso e muitas outras coisas causam horror aos observadores. Já outros elementos entusiasma-nos. Por exemplo, o pacifismo de Buda – que quis somente louvar o amor, na medida em que ele coincide com a ausência do ódio -, ou a imagem de índios cujas religiões parecem-nos modelos do equilíbrio ecológico [...].

O efeito causado dependerá do ponto de vista do observador, que foi modelado pelo contexto religioso, cultural e sócio-histórico que este indivíduo está inserido. Assim, a forma como os observadores reagem ao objeto religião dependem do lugar, da época de sua existência e ainda daquilo em que eles creem ou não creem. Para o referido autor, o cientista da religião pode observar o objeto religião e pode ser capaz de associar as investigações especiais à religião como totalidade.

A definição de religião é tão ampla que há dificuldades para chegar a uma única definição amplamente aceita (GIDDENS, 2005). Entretanto, a variedade de religiões do mundo também abarca aspectos comuns entre elas.

As religiões envolvem um conjunto de símbolos, que invocam sentimentos de reverência ou de temor, e estão ligadas a rituais ou cerimoniais (como os serviços religiosos) dos quais participa uma comunidade de fiéis. (...) Em algumas religiões, por exemplo, as pessoas acreditam em uma “força divina” – e não em deuses personalizados – e a reverenciam. Em outras religiões, existem imagens que não são deuses, mas que são veneradas – como Buda ou Confúcio. (...) A existência de um cerimonial coletivo é geralmente vista pelos sociólogos como um dos principais fatores que distinguem a religião da magia, embora os limites entre uma e outra não sejam nem um pouco claros.(GIDDENS, 2005, p. 427).

Assim, para Giddens (2005), a religião mostrou-se presente em todas as sociedades de que se tem notícias. Sendo que a diversidade das crenças e das práticas religiosas podem modificar-se conforme a cultura presente em cada uma destas sociedades.

Para Geertz (2013, p. 90) a religião é um sistema de símbolos que deve ser pensada como um sistema cultural:

Os conceitos religiosos espalham-se para além de seus contextos especificamente metafísicos, no sentido de fornecer um arcabouço de ideias gerais em termos das quais pode ser dada uma forma significativa a uma parte da experiência – intelectual, emocional, moral. O cristão vê o movimento nazista contra o pano de fundo da Queda, a qual, embora não explique no sentido causal, coloca-o num sentido moral, cognitivo e até afetivo. Um Zande vê a queda de um celeiro sobre um amigo ou parente contra o pano de fundo de emoção concreta e muito especial de bruxaria e evita, assim, tanto os dilemas filosóficos quanto a pressão psicológica do indeterminismo. [...] uma

sinopse da ordem cósmica, um conjunto de crenças religiosas, também representam um polimento no mundo mundano das relações sociais e dos acontecimentos psicológicos. Eles permitem que sejam apreendidos.

A cultura pode ser definida como uma “teia de significados” constituída de diversas possibilidades de interpretação que atrelam o sujeito a essas teias. Assim, os estudos sobre cultura passam a serem vistos como uma ciência à procura de significados. Baseada nessa definição de cultura, conjunto de significações variáveis de acordo com a interpretação dos próprios sujeitos que estão inseridos nesta; a religião deve ser entendida a partir do que ela representa para os seus atores. As crenças são mais que meras interpretações do social e do psicológico em termos cósmicos, são mais que um polimento, elas funcionam como um gabarito e moldam os sujeitos. Assim para o Geertz, (2013), o poder da religião deve-se ao fato do sistema simbólico ligar *ethos* a preceitos que formulam a visão de mundo e as formas de conduta de um determinado grupo. Todavia, é muito variável o hiato entre o que a religião recomenda e o que as pessoas fazem realmente, culturalmente.

4.1 Identidade, alteridade

A pós-modernidade, para Bauman (2013), tem como característica marcante o desengajamento coletivo. Nesse contexto, as identidades perderam as suas raízes profundas como anteriormente definidas, em função disso, a identidade não fixa mais o sujeito a um grupo ou referente simbólico estável e permanente. Os sujeitos transitam sobre as estruturas das sociedades sem saber muito bem como se portar diante das diferentes situações em que se encontram.

Na pós-modernidade, as identidades perdem gradualmente o seu caráter de “lar supostamente natural” e convenciam-se cada vez mais pela sua superficialidade e pela sua disponibilidade de sua aquisição em lojas de departamento. Os espaços para construção coletiva e social desaparecem ao serem rapidamente privatizados e individualizados, “que se globaliza velozmente, e por isso cada uma delas pode ser livremente imaginada, sem medo do teste da prática, como abrigo de segurança e confiança e, por essa razão, desejada com ardor” (BAUMAN, 2013, p. 20). Assim há

similaridades e diferenças profundas e significativas que constituem “o que nós realmente somos”; ou melhor, com a intervenção da história, “o que nós nos tornamos”. As identidades culturais provêm de alguma parte, têm histórias e, como tudo o que é histórico, sofrem constante transformação.

O conceito de identidade desenvolvido no âmbito deste trabalho não cabe nos moldes de uma identidade integral, originária e unificada, conectada a um “núcleo estável do eu que passa, do início ao fim, sem qualquer mudança, por todas as vicissitudes da história” (HALL, 2004, p. 108). Em contradição a essa concepção essencialista, opta-se por conceito estratégico e posicional com referência a uma abordagem discursiva, onde a identificação é um processo em construção.

Esta concepção aceita que as identidades não são nunca unificadas, elas são cada vez mais fragmentas e fraturadas na modernidade tardia.

“Elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historização radical estando constantemente em processo de mudança e transformação” (HALL, 2004: p. 108).

A identidade invoca subjetividades e memórias em torno dos sentidos de pertencimentos e de continuidades no tempo e no espaço em que os sujeitos constroem cotidianamente e simultaneamente vários grupos ao longo de sua existência (BAUMAN, 2005).

Hall (1996, p. 70), apresenta o exemplo da identidade Caribenha. Destaca-se as identidades negras do Caribe que podem ser pensadas como ‘enquadradas’ por dois eixos ou vetores em ação simultânea: o vetor de similaridade e continuidade e o vetor de diferença e ruptura. Somente na década de 1970 que a identidade afro-caribenha tornou-se historicamente disponível para a grande maioria do povo jamaicano, em seu país e no exterior. Essa descoberta cultural aconteceu através das lutas pelos direitos civis, da cultura do rastafári e da música reggae. A África foi muito transformada e é irreversível. A África adquiriu um valor imaginativo ou figurativo que podemos sentir e nomear.

As identidades culturais são pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior dos discursos da cultura e da história. Não é uma essência, mas um posicionamento. A experiência da diáspora não é definida por pureza ou essência, mas pelo reconhecimento de uma diversidade e heterogeneidade necessárias. E por uma concepção de “identidade” que vive com e através da hibridização, não da diferença. Identidades de diáspora são as que estão constantemente produzindo-se e reproduzindo-se novas, através da transformação e da diferença (HALL, 1996, p. 75).

Partindo de uma perspectiva de que o multiculturalismo envolve o reconhecimento da existência de uma multiplicidade de culturas, é necessário que haja o reconhecimento da pluralidade religiosa e da existência de uma diversidade de identidades e de práticas religiosas relacionadas intimamente com a construção de identidades de sujeitos em variados grupos humanos na sociedade.

4.2 Da intolerância a uma inclusão pretendida

Segundo Guerriero (2013, p. 244), as primeiras preocupações da Antropologia com a Religião originaram-se da “compreensão sobre o outro, aquele que não era ocidental”. A ciência movida pelo desejo dos colonizadores em compreender o outro, “seja ele um aborígene da Oceania, um negro no interior da África ou um índio da Amazônia” comparou-o com o europeu branco, cristão e civilizado. Para o autor, não se reconhecia as crenças do outro, o diferente, como uma verdadeira Religião.

Religião, afinal, seriam somente as monoteístas, reveladas e denominadas religiões do livro. No máximo poderiam ser incluídas as grandes tradições do Oriente, como as Religiões da Índia, da China e do Japão. Os povos tidos como primitivos eram detentores, dizia-se de uma mentalidade primitiva, que enxergava feitiçarias e animismos em todos os cantos (GUERRIERO, 2013, p. 244).

Assim, as crenças eram denominadas primitivas, não no sentido de primeiras, mas como forma de as distinguir do modo de pensar considerado evoluído e civilizado dos outros. O “pensar o diferente passava por pensar as diferentes mentalidades, fossem essas tidas por animista, mágica ou até pré-lógica”. O autor cita uma abordagem de

Tylor (1832-1917) que considera o animismo como algo universal, “um primeiro estágio do processo evolutivo daquilo que viria a se tornar a religião”, como se com a evolução das culturas, o animismo daria lugar ao politeísmo e posteriormente ao monoteísmo; uma evolução da “crença animista até uma formulação mais sofisticada do divino” (GUERRIERO, 2013, p. 244-245).

De certa forma, as origens do estudo das Religiões pela Antropologia pontuada por Guerriero (2013), apesar de ter sido muito criticada por Durkheim e antropólogos atuais, no âmbito deste trabalho, pode fazer emergir pistas que levem ao entendimento das circunstâncias de esmaecimento do discurso de algumas Religiões no SOC.

Uma outra forma de evidenciar o esmaecimento do discurso trata-se de uma reflexão abordada por Wiesel (2000) sobre como a intolerância nega toda a riqueza veiculada pela linguagem. Por conseguinte, o fracasso da linguagem leva sua substituição pela violência.

Flagelo milenar de origem obscuras e insondáveis, o ódio ignora fronteiras e muralhas, etnias e religiões, sistemas políticos e classes sociais, obras humanas, nem Deus pode detê-lo. Nenhum povo pode se considerar imune ao seu veneno, e nenhuma comunidade, a salvo de seus ataques. Ofuscado e ofuscante, o ódio é o sol negro que, sob um céu de cinzas, fere e mata aqueles que esquecem a grandeza da promessa de que o ser humano é portador (WIESEL, 2000, p. 8).

Estamos em um momento crítico de luta pelos direitos humanos e, em particular, pela liberdade religiosa. A intolerância gerou e ainda gera muitas guerras, afinal o ódio é como guerra, mesmo quando cessa contabiliza-se os estragos. Portanto, é preciso estar atento a sua ardilosa sutilidade para não conferir legitimidade à intolerância (WIESEL, 2000, p.8)

Do ponto de vista religioso, uma questão recorrente na discussão sobre as formas de intolerância refere-se ao fundamentalismo. Eco (2000, p. 15) assinala que a interpretação hermenêutica pode introduzir viés à compreensão religiosa.

“Historicamente, o fundamentalismo religioso é um princípio hermenêutico, ligado à interpretação de um livro sagrado. O fundamentalismo ocidental moderno nasce nos meios protestantes dos Estados Unidos, no século XIX, e caracteriza-se pela vontade de interpretar literalmente as Escrituras, em particular no que concerne às observações sobre cosmologia, quando a ciência da época parecia negar a veracidade do conto bíblico. Onde, é claro,

a recusa frequentemente intolerante a qualquer interpretação alegórica e a qualquer forma de educação que ponha em dúvida as Escrituras - como se verificou por ocasião da polêmica sobre a teoria de Darwin. ”

A interpretação hermenêutica pode introduzir vieses à compreensão religiosa. No fundamentalismo acredita-se que a verdade reside na interpretação bíblica e, assim, manifesta-se intolerante ao que está em desacordo.

As religiões são capazes de desterritorializarem e de serem globalizadas culturalmente. Desta forma, os processos de globalização colocaram em evidência o multiculturalismo, modo de compreensão do discurso cultural que reconhece a diversidade cultural como uma parte das sociedades políticas, e também, as marcas das visões de mundo pautadas por clivagens religiosas, étnicas e socioeconômicas.

O fenômeno da globalização patrocina um processo de diversificação religiosa que revela configurações inusitadas como, por exemplo, o Papa Francisco em Jerusalém rezando no Muro das Lamentações, um dos lugares mais sagrados do Judaísmo. Apesar de estar incorporada em diversos contextos globais, a religião ainda é tratada sob uma perspectiva incompaciente, sectária.

Moore (2014) destaca a necessidade de uma literacia religiosa em que pressupõe adquirir uma capacidade de discernir e analisar as intersecções fundamentais da religião nas camadas sociais, políticas e culturais através de múltiplas lentes. Assim, um indivíduo religiosamente letrado possuiria: (1) uma compreensão básica da história, de textos centrais (quando aplicável), das crenças, das práticas e das manifestações contemporâneas de várias tradições religiosas do mundo à medida de seu surgimento é continuamente moldada por determinado grupo social, históricos e contextos culturais; e (2) a capacidade de discernir e explorar as dimensões religiosas de expressões políticas, sociais e culturais em todo tempo e lugar.

Moore (2014, p.113) sugere três premissas que esclarecem a literacia religiosa. A primeira premissa seria que há um analfabetismo generalizado sobre as Religiões no mundo e aponta alguns exemplos:

- As tradições religiosas sendo representadas como internamente uniformes e estáticas, em oposição a uma diversificada e constante evolução;
- As religiões sendo caracterizadas como totalmente boas ou totalmente más;
- A religião é profundamente e quase exclusivamente igualada com o sectarismo, o que torna o estudo da religião um conceito difícil de entender e aplicar;
- Os praticantes e os líderes religiosos se assumem como "especialistas" de suas tradições, tornando-se, muitas vezes, a principal fonte de informação na temática religião.
- Em alguns contextos, a religião é interpretada como um assunto "privado" distinta da esfera secular "pública" da política, econômica e da vida cultural.

Moore (2014, p.114) ressalta que o analfabetismo religioso não deve ser interpretado como uma falta de capacidade intelectual ou de consciência, mas sim, partindo do princípio que a principal fonte de informação de um indivíduo tem origem em uma tradição religiosa em particular. Desta forma, um indivíduo que se converte a uma tradição religiosa aprenderá sobre essa tradição imerso no contexto dessa comunidade religiosa em particular ou, ainda, através da escola e dos meios de comunicação. Para a autora tanto a escola como os meios de comunicação podem apresentar o tema de forma sectária, pois representam de forma superficial a complexidade das tradições religiosas e suas diversas manifestações e influências.

A segunda premissa, aponta que

“[...] uma das consequências mais preocupantes e urgentes de analfabetismo religioso é que muitas vezes combustíveis preconceito e antagonismo dificultando os esforços destinados a promover o respeito pelo pluralismo, a coexistência pacífica e esforços de cooperação em arenas locais, nacionais e globais⁸” (MOORE, 2014, p.114).

⁸ [...] one of the most troubling and urgent consequences of religious illiteracy is that it often fuels prejudice and antagonism thereby hindering efforts aimed at promoting respect for pluralism, peaceful coexistence and cooperative endeavors in local, national, and global arenas. (MOORE, 2014, p.114)

A autora ressalta que o analfabetismo religioso não é a causa única ou principal da intolerância e violência que invade os noticiários globais. Contudo, afirma acreditar que o analfabetismo religioso pode ser um fator que contribui para promoção de uma instabilidade e, desse modo, oportunamente servir como forma de justificar a violência e marginalização.

A terceira premissa evidencia a possibilidade de diminuir a analfabetismo religioso através da promoção de uma compreensão mais matizada da religião por meio da educação em muitos locais diferentes.

Em um outro direcionamento, o diálogo proposto pela “teologia do pluralismo religioso implica não apenas no reconhecimento da diferença genuína que marca as diversas tradições religiosas, mas também sua riqueza, enquanto autenticamente preciosas.” O respeito a alteridade é ser capaz de reconhecer a legitimidade do pluralismo religioso. (TEIXEIRA, 2013, p.179).

5 METODOLOGIA

Para Cássio Hissa, a metodologia deve ser compreendida como a memória de como fazer e, portanto, é um processo histórico e criativo que vai se constituindo desde o projeto. Afinal,

A concepção teórica de um problema já mobiliza as alternativas de abordagem metodológica. Uma pergunta já sugere caminhos de pesquisa. Os objetivos de uma pesquisa, portanto estão articulados às metodologias que, por sua vez, vão se fazendo, criativamente, enquanto se percorre a trajetória de pesquisa. [...] A invenção da pesquisa é portadora da mesma riqueza criativa da invenção dos caminhos de pesquisa, das metodologias, dos modos de fazer aprendidos enquanto se faz (HISSA, 2013, p.125-126).

Na presente seção apresenta-se o percurso metodológico utilizado em direção ao alcance dos objetivos propostos nesta pesquisa. A abordagem metodológica volta-se para análise da área de Religião. A partir do conceito de formação discursiva no âmbito das dimensões sócio-históricas, pretende-se compreender suas implicações na análise dos Sistemas de Organização do conhecimento (SOC), notadamente os esquemas de classificação bibliográfica.

A pesquisa possui caráter exploratório visando à realização de uma análise qualitativa. No intuito de estabelecer um diálogo entre o conceito de formação discursiva em interlocução com as questões de representação do conhecimento, o percurso metodológico utilizado compõe-se por duas partes: a exposição conceitual e uma análise de dados, arranjo dos esquemas de classificação bibliográfica e entrevista a sujeitos de Religiões distintas. O corpus empírico compreendeu a área de Ciências da Religião que está representada pela classe de Teologia / Religião nos esquemas de classificação bibliográfica: CDD e CDU.

5.1 Técnicas e Instrumentos de Coletas de dados

Considerando-se o caráter exploratório, em um primeiro momento, realizou-se um levantamento bibliográfico e a seleção de textos vinculados à temática da pesquisa e ao objeto de pesquisa. A pretensão foi identificar elementos que propiciassem uma

abordagem em maior profundidade da temática de pesquisa e o auxílio na estruturação dos argumentos que constituirão a pesquisa.

Em um segundo momento, a pesquisa aplica como instrumentos de coleta de dados a entrevista. A entrevista permitiu registrar a percepção de especialistas em uma religião e/ou no estudo das Religiões acerca da categorização dos esquemas de classificação bibliográfica.

Realizou-se cinco entrevistas individuais semiestruturadas. As entrevistas tiveram uma duração média de 20 minutos, foram gravadas e, posteriormente, transcritas para então serem analisadas. Salienta-se que na seleção dos indivíduos para compor o corpus de entrevistas buscou-se a diversidade de crenças e um certo vínculo acadêmico e/ou com produção escrita no âmbito religioso. As entrevistas individuais possibilitaram alcançar uma variedade de impressões e percepções em relação a classe Religião tanto da CDD quanto da CDU.

A coleta de dados foi precedida da seleção do *corpus*. Como o universo da classe Religião compreende aproximadamente 3.000 classes em apenas um dos esquemas, optou-se pela adoção e pela escolha de algumas classes que atendessem a uma representatividade mínima das religiões dos entrevistados estudados de forma a viabilizar o estudo. A tabela base usada nesse estudo está apresentada no Anexo A.

No processo de seleção, inicialmente, tentou-se recrutar sujeitos com percepções religiosas distintas para opinar a respeito dos esquemas de classificação bibliográfica. A estratégia para encontrar os possíveis entrevistados iniciou com uma consulta à lista dos palestrantes do evento “Diálogo inter-religioso” promovido em maio de 2012 pelo Laboratório de Análise de Processos em Subjetividade da UFMG. Uma outra estratégia adotada foi entrar em contato com professores de um Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião.

O contato com os possíveis participantes foi realizado via e-mail, no total de seis solicitações. Obtivemos cinco respostas, assim, os entrevistados que compuseram a pesquisa foram:

- (1) um babalorixá, professor universitário;
- (2) um cientista da religião, professor universitário;
- (3) um espírita, professor universitário;
- (4) um evangélico mestre em Ciências da Religião;
- (5) um padre católico, professor universitário;

A aplicação da entrevista pretendeu investigar a visão de um estudioso de uma determinada religião frente aos sistemas de classificação bibliográfica: CDD e CDU. Partindo do princípio que os esquemas de classificação bibliográfica tendem a refletir, em suas estruturas classificatórias, uma a visão dos discursos dominantes de uma cultura; a escolha pela entrevista tem o intuito de verificar a percepção de estudiosos de diferentes religiões sobre a categorização de conceitos em sua área de atuação. Isso, através da observação da estrutura da Classe Religião nos dois sistemas de classificação bibliográfica.

Anterior a entrevista procedeu uma explanação a respeito da constituição das tabelas de classificação. Após a validação através de um pré-teste, o roteiro de perguntas foi composto por três questões:

1. Comente as categorias relacionadas às Religiões apresentadas.
2. Como você percebe a sua religião nestes esquemas de classificação?
3. Quanto a produção do conhecimento, existe um espaço para reapresentação da sua religião nestes esquemas?

Após a coleta de dados, empreendeu-se a técnica de análise de conteúdo, a fim de analisá-los. A forma de aplicação da técnica está descrita na subseção seguinte.

5.2 Técnicas de análise dos dados

Com vistas a análise das entrevistas após a coleta e respectiva transcrição, propôs-se utilizar o método de análise de conteúdo tal como descreve Bardin (2002). A análise de conteúdo envolve um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens.

A escolha pela técnica de análise de conteúdo se respalda pela opção pela pesquisa qualitativa. A técnica consiste em formar categorias a partir da leitura do texto das entrevistas, seleção e codificação das categorias. A codificação ocorreu em função da repetição das palavras ou temas, que uma vez triangulada com os resultados observados, foram constituindo-se em unidades de registro. O processo de categorização foi pautado nas idiosincrasias inerentes ao tema de estudo.

5.2.1 Categorias iniciais

O primeiro passo rumo a análise de dados constitui-se na definição de categorias a partir das primeiras impressões acerca das entrevistas transcritas. Cada categoria constituiu-se dos trechos selecionados das falas dos entrevistados aliado ao respaldo do referencial teórico.

Nessa fase, o texto produzido pela transcrição de cada entrevistado foi recortado em unidades de registro para codificação. Neste caso, por tratar-se de uma pesquisa exploratória, trataremos de traçar um elo entre os dados do texto e a teoria. Assim, Bardin (2002, p. 103), aponta que

A codificação corresponde a uma transformação, - efetuada segundo regras precisas - dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo, ou da sua expressão, susceptível de esclarecer o analista acerca das características do texto, que podem servir de índices.

Inicialmente, o procedimento adotado para a codificação buscou considerar os parágrafos dos textos das entrevistas como unidades de registro e a partir disso identificar as palavras-chaves de cada parágrafo a fim de realizar uma primeira categorização. Assim, a partir do agrupamento dessas primeiras categorias de acordo com temas correlatos dando origem às categorias iniciais.

As categorias iniciais proporcionaram um primeiro agrupamento das unidades de registro e serviram de base para uma segunda fase do processo de análise de conteúdo que resultou num refinamento e na emergência das categorias intermediárias.

5.2.2 Categorias Intermediárias

Após a nomeação e apresentação das categorias iniciais, procedeu-se um agrupamento temático, o que deu origem as categorias intermediárias. Nesse processo procurou-se não apenas compreender o sentido da fala dos entrevistados, mas também buscou outra significação junto ao referencial teórico.

5.2.3 Categorias finais

As categorias de análise que nos permitiu trabalhar empiricamente foram retiradas do que Foucault denomina como a noção da formação discursiva, ou seja, os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, que se possam definir uma regularidade discursiva. As regras para a formação discursiva são as condições de existência e, também, as de coexistência, as de manutenção, as de modificação e as de desaparecimento de um dado discurso.

O desdobramento dos princípios anteriormente descritos nos leva a sistematizar quatro regras descritas por Foucault para embasar a análise das formações discursivas nos SOC.

Consciente da complexidade do objeto, da abrangência do campo da análise do discurso, associado à diversidade de discursos que um sistema de classificações pretende representar, sabemos que não estamos diante de uma tarefa fácil. Todavia retomando Hissa (2013:17),

A pesquisa é o movimento que deveremos fazer em direção da construção de ignorâncias nossas. A paciência, talvez, possa aproximar da lentidão de quem desconhece a existência da pressa. Além de fazer com que recuperemos o sentido do mundo em nossas pesquisas.

No âmbito teórico, a investigação volta-se à estudos sobre os sistemas de classificações bibliográficas, o conceito de formação discursiva e os conceitos religião e religiosidade. Consideramos os esquemas de classificação bibliográfica são constituídos por formações discursivas e, portanto, precisam ser analisadas em suas

formas de exclusão (FOUCAULT, 2000), os conflitos e as ambiguidades na representação da religião nos SOC.

A metodologia utilizada para o alcance dos objetivos constitui-se na análise de conteúdo das entrevistas com objetivo de verificar como os entrevistados percebem a categorização do conhecimento que eles têm domínio. O propósito da pesquisa é encontrar elementos capazes de propiciar o cumprimento da análise proposta, ampliando a compreensão acerca da formação discursiva e as possíveis contribuições para com os sistemas de organização e representação da informação.

6 Apresentação e análise dos resultados

Nos últimos anos, a compreensão que os SOC constituem-se em instrumentos técnicos neutros do ponto de vista de sua principal função - representar a informação, tem sido alvo de questionamentos e revisões críticas. Isso devido a possibilidade dos valores que podem evidenciar e das temáticas e conhecimentos que podem tornar rarefeitos, bem como a complexa trama sócio-técnica mantida em um contexto de desejável *open mind* e universalidade (TRIVELATO; MOURA, 2016).

Para efeito de análise, parte-se do princípio que os SOC não se constituem como instrumentos neutros e os sistemas de classificação bibliográfica têm um papel fundamental a desempenhar na manutenção e legitimação de discursos particulares em detrimento dos outros (Radford, 1992). Como por exemplo o ato de classificar um item informacional, processo que começa na escolha de uma classificação bibliográfica institucionalmente constituída e segue com a escolha do número notacional. Assim, ao escolher um sistema de classificação bibliográfica a biblioteca enquadra itens informacionais no discurso plasmado nesse instrumento.

Frohmann defende a pertinência do uso da análise do discurso como um método multidisciplinar capaz de fornecer uma contextualização, uma das principais vantagens da pesquisa qualitativa. No âmbito da Biblioteconomia e Ciência da Informação (Library and Information Science - LIS), a formação discursiva de Michel Foucault é um método de pesquisa relevante.

Pelo menos desde 1876 até os dias atuais, os discursos de LIS são completamente interligados com formas institucionais específicas, através do qual o poder sobre a informação, os seus usuários, e seus usos é, foi, e continuará a ser exercida. Estes discursos incluem fala especializada sobre a informação, a sua organização, quem a usa e quem não, o que seus usos são, foram ou poderiam ser, os papéis sociais e culturais das organizações responsáveis por isso, as análises introspectivas do profissional e até mesmo pessoais, identidades dos seus detentores, e os pronunciamentos pragmáticos dos seus teóricos que falam sobre como essas coisas devem ser faladas (FROHMANN, 1994, p.121).

Assim, a nossa proposta de análise pressupõe que além do contexto sócio-histórico, as crenças religiosas e a cultura também têm um papel preponderante nos processos de significação envolvidos na construção e atualização dos sistemas de representação da informação e do conhecimento. No entanto, representar a

informação na área de Religião no âmbito dos sistemas de classificação bibliográfica pode nos apresentar um visível desequilíbrio e esmaecimento da representação das crenças e das alteridades não hegemônicas nos sistemas de conhecimento (TRIVELATO; MOURA, 2016).

Nesse trabalho, as categorias de análise foram delimitadas de forma a descrever a relação entre os enunciados; verificar toda forma de descontinuidade, de corte, limiar ou de limite; analisar os enunciados no campo do discurso religioso a fim de observar as relações de que são suscetíveis, reconhecendo os processos de representações da informação que podem agenciar procedimentos que controlam tanto a ordem de aparecimento dos discursos, como o seu esmaecimento.

Dessa forma, as escolhas dessas categorias foram baseadas nas quatro hipóteses levantadas por Foucault (2012) em direção ao entendimento da unidade do discurso e assim da formação discursiva. Com o intuito de demarcar a formação discursiva na classificação bibliográfica atribuíram-se as categorias: descontinuidade do discurso; formulações enunciativas, identidade e a persistência de temas; formação de conceitos: arquitetura conceitual.

No quadro 8 - **Aproximações entre as categorias da formação discursiva e as características da classificação**, apresentamos o desdobramento do referencial teórico organizado, traçando um paralelo entre as quatro categorias fundamentais para o entendimento da formação discursiva (FOUCAULT, 2012, p. 40-42) e as características das classificações apontadas por Apostel apud Pombo (1998, p 19-33).

Quadro 8 – Aproximações entre as categorias da formação discursiva e as características da classificação

Categorias da formação discursiva (FOUCAULT, 2012, p. 40-42)	Características da classificação (APOSTEL apud POMBO, 1998, p. 19-33)	Exemplos
<p>(1) Descontinuidade do discurso: “A propósito dessas grandes famílias de enunciados que se impõem a nosso hábito [...] eu me perguntara em que poderiam fundar sua unidade. Em um domínio de objetos cheio, fechado, contínuo, geograficamente bem recortado? Deparei-me, entretanto, com séries lacunares e emaranhadas, jogos de diferenças, de desvios, de substituições, de transformações.”</p>	<p>“cada classificação tem por detrás um determinado mecanismo classificador que executa, melhor ou pior, as operações necessárias à classificação;”</p>	<p>2 Religião. Teologia Ver também 122/129 Metafísica especial 133 Paranormal. O oculto. Fenômenos psic. 17 Filosofia moral. Ética. Filosofia prática 322 Relações entre o estado e a igreja. Política em relação à religião. Política da Igreja 348 Direito eclesiástico. Direito canônico. Direito religioso 39 Antropologia cultural. Etnologia. Etnografia. Usos e costumes. Tradições. Modo de vida. Folclore.</p>
<p>Formulações enunciativas (2): “As enunciações são heterogêneas e coexistem dentro de uma disciplina. Em um tipo definido e normativo de enunciação? Mas encontrei formulações de níveis demasiado diferentes e de funções demasiado heterogêneas para poderem se ligar e se compor em uma figura única e para simular, através do tempo, além das obras individuais, uma espécie de grande texto ininterrupto.”</p>	<p>“cada classificação constrói-se no contexto das classificações precedentes do mesmo domínio, ou seja, há uma inexorável historicidade das classificações ao longo da qual os domínios classificados podem ser modificados, as divisões podem ser completadas, novos critérios de classificação podem ser acrescentados;”</p>	<p>21/29 Sistemas religiosos. (CDU) 21 Religiões pré-históricas e primitivas 22 Religiões originárias do Extremo Oriente 23 Religiões originárias do subcontinente indiano. Hinduísmo em sentido lato 24 Budismo 25 Religiões da Antiguidade. Cultos e religiões menores 26 Judaísmo 27 Cristianismo. Igrejas e denominações cristãs 28 Islamismo 29 Movimentos espirituais moderno</p>

<p>Identidade e a persistência dos temas(3): “encontramos na presença de conceitos que diferem em estrutura e regras de utilização, que se ignoram ou se excluem uns aos outros e que não podem entrar na unidade de uma arquitetura lógica. Na permanência de uma temática? Ora, encontramos, em vez disso, possibilidades estratégicas diversas que permitem a ativação de temas incompatíveis, ou ainda a introdução de um mesmo tema em conjuntos diferentes.”</p>	<p>“para cada classificação existe um produto externo da atividade classificadora que se apresenta como uma árvore genealógica mais ou menos regular, isto é, toda a classificação supõe uma dupla operação: o estabelecimento de equivalências entre classes do espaço classificatório, o estabelecimento de hierarquias entre subclasses no interior das classes previamente estabelecidas.”</p>	<p>1 Filosofia. Psicologia (CDU) 11 Natureza e âmbito da filosofia 13 Filosofia da mente e do espírito. 14 Sistemas e pontos de vista filosóficos 159.9 Psicologia 16 Lógica. Epistemologia... 17 Filosofia moral. Ética. Filosofia prática</p>
<p>Formação dos conceitos: arquitetura conceitual (4): “Daí a ideia de descrever essas dispersões; de pesquisar se entre esses elementos, que seguramente não se organizam como um edifício progressivamente dedutivo, nem como um livro sem medida que se escreveria, pouco a pouco, através do tempo, nem como a obra de um sujeito coletivo, não se poderia detectar uma regularidade: uma ordem em seu aparecimento sucessivo, correlações em sua simultaneidade, posições assinaláveis em um espaço comum, funcionamento recíproco, transformações ligadas e hierarquizadas.”</p>	<p>“cada classificação persegue uma mais ou menos sistemática multiplicidade de fins que, em última análise, vão determinar a sua estrutura;”</p>	<p>220 Bíblia (CDD) 221 Antigo Testamento 222 Livros históricos do AT 223 Livros poéticos do AT 223.2 Salmos 223.7 Provérbios 223.9 Cantos de Salomão 224 Livros proféticos do AT 225 Novo Testamento 226 Evangelhos e Atos dos Apóstolos 226.2 Evangelho de Mateus 226.3 – de Marcos 226.4 – de Lucas 226.5 – de João ...</p>

Fonte: Compilado pelo autor

Nos exemplos do **Quadro 8**, na categoria de análise “descontinuidade do discurso” (1) procuramos encontrar e reconhecer os laços existentes entre enunciados familiares. Mas no exemplo apresentado o SOC aponta da Religião para outros domínios. As religiões de matrizes africanas brasileiras são representadas na classe “Antropologia cultural”, normalmente na categoria de “Folclore”. Evidenciando assim “séries lacunares e emaranhadas, jogos de diferenças, de desvios, de substituições, de transformações”.

As relações se definem pela forma e pelo tipo de encadeamento em que enunciados heterogêneos podem coexistir dentro de domínios ou disciplinas. Assim, as “formulações enunciativas” (2) podem vincular-se ao princípio que “cada classificação constrói-se no contexto das classificações precedentes do mesmo domínio”. Ao encadeamento dado às Religiões no SOC, por exemplo, novos critérios de classificação podem ser incorporados, como histórico, geográfico ou número de seguidores. No exemplo apresentado, como preconizado por Bliss, Brown, Ranganathan e outros sistemas decimais, a abordagem adotada pela CDU foi uma combinação entre uma ordem cronológica e acordo com o surgimento de documentos associados a critérios “filosóficos”. (BARBOSA, 1969, p. 49)

Na “identidade e persistência de temas” (3) vinculamos o princípio que em cada classificação há o estabelecimento de equivalências entre classes do espaço classificatório. Como exemplo, temos a área de **Psicologia** inserida dentro da classe de **Filosofia** demonstrando um princípio da formação discursiva que articula estratégias diversas permitindo a ativação de temas que podem ser incompatíveis.

A categoria de análise “formação dos conceitos: arquitetura conceitual” (4) refere-se a grupos de enunciados a partir de sistemas de conceitos encadeados por um eixo temático. Como exemplo, apresentamos a categorização dos livros da Bíblia, representadas por “posições assinaláveis em um espaço comum, funcionamento recíproco, transformações ligadas e hierarquizadas. ”

6.1 O arranjo da classe Religião

Os sistemas de classificação bibliográfica são compostos de conceitos que devem, na medida do possível, destinar-se a uma aplicação universal. Nesta seção, será analisado o arranjo da classe Religião com o propósito de verificar a trajetória discursiva de determinadas palavras ou formulações e caracterizá-las de acordo com as suas diferentes significações no âmbito dos seus sucessivos discursos. No Quadro 9, **A Religião nas edições brasileiras da CDU nos anos 1993 e 2007**, apresentamos o primeiro nível hierárquico da classe Religião da CDU nas edições brasileiras publicadas pelo IBICT nos anos 1993 e 2007.

Quadro 9: A Religião nas edições brasileiras da CDU dos anos de 1993 e 2007

Edição 1993	Edição 2007
2 - Religião	2 - Religião. Teologia
21 - Filosofia e Teoria da religião	21 - Religiões pré-históricas e primitivas
22 - Bíblia	22 - Religiões originárias do Extremo Oriente
23 - Teologia dogmática	23 - Religiões originárias do subcontinente indiano. Hinduísmo em sentido lato
24 - Teologia moral	24 - Budismo
25 - Teologia pastoral	25 - Religiões da antiguidade. Cultos e religiões menores
26 - A Igreja	26 - Judaísmo
27 - História do cristianismo	27 - Cristianismo. Igrejas e denominações cristãs
28 - Denominações cristãs	28 - Islamismo
29 - Outras religiões	29 - Movimentos espirituais modernos

Fonte: Elaborado pelo autor

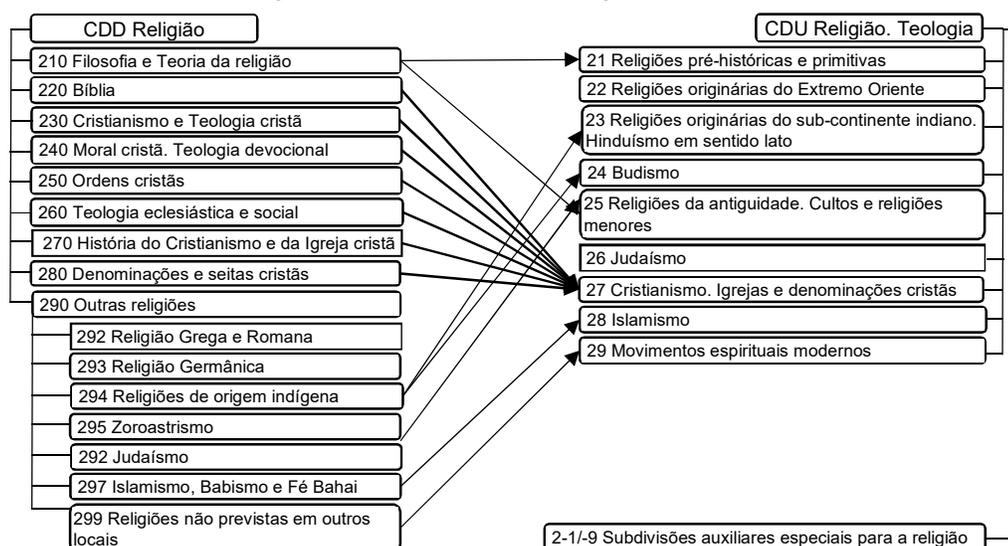
Nota-se, no Quadro 9, que na edição de 1993 a categorização das classes foi elaborada por um viés católico. Já na edição de 2007 percebe-se a tentativa de incluir uma categorização que englobe outras Religiões. Broughton observa que nesta edição mais recente "não existe o conceito de valor ou prioridade atribuída à ordem das crenças; cada um é considerado como equivalente, mesmo quando tal não se reflete notacionalmente⁹" (BROUGHTON, 2000, p. 60).

⁹ There is no concept of value or priority attached to the order of faiths; each is regarded as having equivalent status, even where this is not reflected notationally. (BROUGHTON, 2000: 60).

Contudo, se os arranjos se apresentam na forma de uma estrutura hierárquica, podem nos levar a inferir que um conceito é subordinado ou inferior a outro ao invés de equivalentes. Como no caso da classe “Outras Religiões” na CDD (anteriormente apresentado na edição de 1993 da CDU) ao designar as Religiões como “Outras” realiza-se uma tipificação do conjunto de religiões em uma subordinação diferenciada, onde as Religiões cristãs destacam-se em um nível hierárquico superior, enquanto as “Outras” estão relegadas a uma categoria secundária. Assim, na categoria “Outras Religiões” apresentam-se os discursos que não refletem as religiões ocidentais, em que os discursos das Religiões não cristãs são apresentados em situações secundárias, o que de acordo com Foucault (2013) pode ser tipificado como um “ritual da circunstância”, discursos que só podem ser anunciados em determinadas ocasiões; e ainda, na categoria “descontinuidade do discurso” (1, **Quadro 8**).

A CDU através do Consortium 2000, publicado no Brasil em 2007, promoveu um deslocamento das Religiões: Budismo, Judaísmo, Hinduísmo, Islamismo e as Religiões primitivas e do Extremo Oriente, que pertenciam a categoria “Outras Religiões” para o mesmo nível hierárquico do Cristianismo (ver Figura 2). A designação “Outras Religiões” passou a abrigar os “Movimentos espirituais modernos”, que contemplam as crenças predominantemente do século XX.

Figura 2: Mapeamento das Religiões CDDXCDU



Fonte: Elaborado pelo autor

As classes principais de “Religião” foram por muito tempo hierarquizadas sob o viés católico. Na Figura 2 - **Mapeamento das Religiões CDD X CDU** podemos observar que sete dessas nove classes contemplam exclusivamente o Cristianismo. Na estrutura hierárquica, as classes em um nível superior fazem parte de um tema mais abrangente que os níveis inferiores, geral para o específico ou particular. Dessa forma, a estrutura hierárquica, normalmente, potencializa inferências que um conceito é subordinado ou inferior a outro. Como no caso da classe “Outras Religiões” que além de tipificar um conjunto de Religiões em uma ordenação diferenciada (as Religiões Cristãs destacam-se em um nível hierárquico superior) evidenciam (por meio da designação “outras”) um tratamento diferenciado de outros sistemas de crenças.

Ao retirar a centralidade do Cristianismo e ao dissolver a classe “Outras Religiões” a CDU promove uma ruptura com o arranjo da CDD, o que poderia ser considerado um aspecto positivo se todas as Religiões inseridas nesta classe viessem a ocupar uma posição clara no arranjo. Contudo, nem todas as que pertenciam a classe “Outras Religiões” deixaram os níveis secundários reforçando o esmaecimento de algumas delas. Considerando as categorias de análise propostas na seção anterior, o viés

católico plasmado nos SOC evidencia o esmaecimento de algumas Religiões, “a descontinuidade do discurso” (1, **Quadro 8**).

A classe “Religião” passou por outra grande mudança, a criação das “Subdivisões Auxiliares Especiais” (Quadro 10), permitindo que dois ou mais termos auxiliares possam ser adicionados a um número de classe principal, ou seja, adicionados a qualquer Religiões e sistemas de crenças constantes na classe 2. As subdivisões, ou facetas foram remodeladas a partir da estrutura principal da edição de 1993 (BROUGHTON, 2000). De certo, se essas subdivisões foram baseadas a partir de uma estrutura plasmada pelo viés católico, então também podem corroborar pela manutenção do discurso sob esse viés. O que para fins da nossa análise circunscreve-se na categoria de “descontinuidade do discurso” (1, **Quadro 8**), evidenciando jogos de diferenças, de desvios, de substituições, de transformações (FOUCAULT, 2012, p.40).

Quadro 10: Subdivisões Auxiliares Especiais da Religião - CDU

CDU – edição 2007
2 – Religião. Teologia
Subdivisões auxiliares especiais
2-1 Teoria e filosofia da religião
2-2 Evidências da religião
2-3 Pessoas em religião
2-4 Atividades religiosas. Práticas religiosas
2-5 Adoração no sentido amplo. Culto. Ritos e cerimônias
2-6 Processos em religião
2-7 Organização e administração religiosa
2-8 Religiões segundo as suas características
2-9 História da crença, religião, denominação ou igreja

Fonte: Elaborado pelo autor

Observando os conceitos representados no Quadro 10. Nota-se que o princípio de diferenciação das classes obedece a um referencial cristão. Por exemplo, a palavra “adoração” pode gerar controvérsias em discursos protestantes e católicos, uma vez que há quem defenda que só deve-se adorar a Deus. Neste ponto de vista, as formulações diferentes de funções heterogêneas inerentes aos conceitos de religião e cultura nos remete a categoria “formulações discursivas” (2, **Quadro 8**).

As facetas da CDU, segundo Gnoli (2011, p. 19) parecem não se basear nas categorias fundamentais propostas por Ranganathan, expressas pelo acrônimo PMEST (personalidade, matéria, energia, espaço e tempo).

[...] facetas são atributos que ocorrem normalmente dentro de uma classe [...]. Em termos mais técnicos, elas são subdivisões de uma classe por critérios mutuamente exclusivos, cada uma gerando uma matriz (Vickery, 1960; Ranganathan, 1967). Qualquer fenômeno pode ser organizado em facetas de acordo com determinados atributos; no entanto, as classificações bibliográficas tradicionais são geralmente preocupadas com as facetas de uma disciplina, como "**métodos**" ou "**operações**", além dos objetos de estudo, como "cor de peles (GNOLI, 2011:19; GRIFO NOSSO).

As "Subdivisões Auxiliares Especiais" (2-1/2-9) podem compor notações com a combinação da Religião (21/29). Como por exemplo, 24-788-55 Budismo, Ordens monásticas, Cerimônias funerárias

Quadro 11: Exemplo CDU

Classe base	Introdutor de faceta e princípio de subdivisão
24 Budismo	-7 Organização e administração -788 Ordens Monásticas -5 Ritos e cerimônias -55 Cerimônias funerárias

No Quadro 12 – **CDD X CDU** apresentamos alguns pontos que foram levantados nestas primeiras fases da análise.

Quadro 12: CDD X CDU

	Vantagens	Desvantagens
CDD	<ul style="list-style-type: none"> • Apesar do esmaecimento das religiões não-cristãs na subclasse 290 Outras Religiões, o instrumento acomoda de forma equilibrada as diversas religiões numa mesma categoria. • As Religiões de origem africanas que já foram categorizadas como 299 <i>Minor nonchritian Religions</i> atualmente "<i>Religions not provided for elsewhere</i>". 	<ul style="list-style-type: none"> • A programação da estrutura da classe Religião privilegia apenas três grupos de conteúdo: 210 Filosofia e teoria da Religião, 220/280 Cristianismo e elementos da Religião Cristã e 290 Religiões não cristãs. • O Cristianismo e os seus elementos específicos ocupam as subclasses 220 Bíblia, 230 Teologia dogmática, 240 Teologia moral, 250 Teologia Pastoral, 260 Teologia eclesiástica, 270 História do Cristianismo e 280 Denominações cristãs, demonstrando claramente o viés cristão da estrutura da classe Religião.
CDU	<ul style="list-style-type: none"> • A estrutura da classe Religião evidenciam cinco religiões: Budismo, Cristianismo, Judaísmo, Hinduísmo, Islamismo, o que diminui a centralidade do viés cristão. • O recurso da tabela auxiliar pode atingir um alto grau de especificidade com notações relativamente curtas. 	<ul style="list-style-type: none"> • A retirada da subclasse "Outras Religiões" desloca algumas crenças para estrutura principal e nas crenças não privilegiados por esta mudança o esmaecimento torna-se mais evidente. • As temáticas relacionadas a religiosidade popular brasileira tendem a ser categorizados como Folclore. • As facetas ainda demonstram o viés do Cristianismo.

Fonte: Elaborado pelo autor

Percebe-se o esforço empreendido pelos SOC em abarcar a diversidade de crenças em diferentes contextos culturais tentando categorizar as Religiões a partir de uma fé, e com ressalvas, incluiu movimentos que envolvem crenças diversas. Contudo, a linguagem numérica na qual as formações discursivas passam a ser codificadas marca o acesso ou a rejeição à informação e, dessa forma, introduz a possibilidade de julgar e eleger apenas um referencial religioso como válido.

Assim, o entendimento dos procedimentos de controle do discurso e sua legitimação podem promover a naturalização da ausência de povos e crenças em sistemas que têm a pretensão de serem aplicados universalmente.

6.2 Categorização das narrativas dos entrevistados

De forma a contextualizar as narrativas, nas seções a seguir efetua-se uma breve apresentação do perfil dos sujeitos de pesquisa e a religião ao qual cada um se manifestou adepto. Na sequência, com apresentação em forma de quadro,

introduzimos a nomeação concedida às categorias temáticas, pautadas nas citações das falas dos entrevistados e trianguladas às categorias do discurso balizadas pelo referencial teórico acerca do conceito de formação discursiva.

Para efeito de análise, conforme apresentado na seção anterior, item **5.2**, as categorias temáticas foram criadas em função da repetição de palavras ou temas, que uma vez cotejadas com referencial teórico, foram constituindo as unidades de registro. Já as categorias do discurso constituem-se das mesmas categorias utilizadas na análise do arranjo dos sistemas de classificação bibliográfica, item **6.1**.

6.2.1 Babalorixá

O Babalorixá entrevistado é um sacerdote da religião de matriz africana Candomblé da Nação Ketu. Possui pós-doutorado pelo Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos da Universidade Federal da Bahia, doutorado e mestrado em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais e graduação em Filosofia pelo Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, atual Faculdade dos Jesuítas. Como professor universitário atua no ensino, pesquisa e extensão, em especial trabalhando com a temática da cultura afro-brasileira e das religiões de matrizes africanas, em nível de graduação e de pós-graduação.

O Candomblé é religião de matriz africana marcada pela luta para resguardar a identidade e integrar os povos africanos no Brasil durante o período da escravidão. Diante disso, há pelo menos cinco variações da denominação que são: Ketu, Jeje, Angola, Xambá, Efon e Ijexá. Segundo Santos (2010, p.27):

Candomblé é uma religião iniciática e sem um discurso doutrinário para convencer as pessoas aderir aos seus fundamentos. Para serem iniciadas no Candomblé e na maioria das religiões brasileiras de matrizes africanas, as pessoas têm que ser movidas pelas forças espirituais ancestrais que agem nas dimensões pessoal e comunitária.

As práticas religiosas do Candomblé incluem o conhecimento sobre Deus e as divindades, a vida e a força vital, sobre a assistência religiosa, as oferendas e o sacrifício ritual, a incorporação religiosa, a aprendizagem e o processo de iniciação. A palavra Candomblé é oriunda da língua bantu: ca [ka]=uso, costume; ndomb=negro,

preto; lé=lugar, casa, terreiro e/ou pequeno atabaque, que significa "lugar de costume dos negros", por extensão, lugar de tradições negras. (PRISCO, 2012)

Quadro 13: Categorias do Babalorixá

Categorias Temáticas	Fala do entrevistado	Categorias do discurso
Candomblé tentativa de classificação	<p>Fez um século já há algum tempo, de lá para cá nós temos outros livros que embora possam estar colocados dentro do campo da antropologia mais eles representam uma produção sobre a experiência religiosa desses sujeitos. Quer dizer, este pesquisador tem feito uma tentativa de classificação, de organização, de codificação das práticas religiosas africanas elas deveriam estar colocadas numa organização relacionada a isso.</p> <p>[...]como é que o tempo todo os discursos ênicos foram se transformando em discursos é foram sendo legitimados da produção escrita de antropólogos que visitava essas comunidades e produzindo obras sobre que era a tradição. Contribuído inclusive para formar aquilo que se chama a pureza nagô no caso do candomblé lorubá que aí é uma forma de etnocentrismo, quer dizer isso é puro o outro impuro. A história da pureza já está presente em Nina Rodrigues¹⁰ na primeira tentativa de classificação, apresenta alguns relatos de africanos chamando o Candomblé de Gantois de mistura no final do século XIX. Da Janela a África está lá: -Isso aqui é muita mistura. Bom é o nosso lá do Santo Antônio, isso aqui é crioulo, o nosso que é bom e verdadeiro. Isso lá da pureza, que o outro é sempre menos tradicional menos, menos puro, mais misturado.</p> <p>O Candomblé do Brasil é perseguido. Desde a sua organização mais primitiva, primitiva no sentido de primeira, tanto pela Igreja quanto pelo Estado, pela imprensa. Ele vem subexistindo numa série de reinterpretações que enfrenta também os chamados tradicionalistas.</p>	<p>Identidade e persistência de temas (3 – Quadro 8)</p>

¹⁰ Nina Rodrigues, médico maranhense e professor da Escola de Medicina da Bahia, escreveu o ensaio científico "O animismo fetichista dos negros baianos", que foi publicado originalmente na Revista Brasileira entre 1896 e 1897, em quatro capítulos diferentes.

Livro Sagrado	Assume as classificações dos valores religiosos dos colonizadores, permanecem na clandestinidade do ponto de vista religioso, porque você põe um "Livro sagrado" e a tradição religiosa diz que não tem um livro sagrado; mas tem uma produção religiosa já bastante significativa não só no Brasil, quanto na África, quanto no Estados Unidos. Tem bibliografia de pelo menos mais de um século.	Formulações enunciativas heterogêneas (2 – Quadro 8)
Religiões de matriz africana	<p>Até Wicca!</p> <p>Nada de religião de matriz africana, que horror! Gente o que é o racismo. Menina é difícil, nada. Alguns elementos vão contribuindo para reforçar uma certa perspectiva, essa por exemplo, não tem livro sagrado, não tem doutrina escrita, não tem.</p> <p>Não tem. Não tem. Lamentavelmente. E é isso, aquela história: a África não tem história, não tem religião, não tem nada.</p> <p>Então, é o racismo negando o lugar do outro. E aí como tem uma conversa de que é uma tradição oral. Então, portanto não tem uma tradição escrita, o que não é verdade também porque essa tradição escrita vem caminhando par e passo com a tradição oral. Que é uma forma de desqualificar o outro, não é? Porque não tem nenhuma tradição escrita que antes não tenha sido tradição oral. Não existe nenhuma, nenhuma. Todo nosso movimento de desenvolvimento cultural é marcado por essa passagem da oralidade escrita.</p> <p>A diversidade das religiões de matriz africana, eu tenho chamado de Religiões brasileiras de matriz africana. Não são Religiões afro-brasileiras, são religiões brasileiras de matriz africana. Por que você tem uma diversidade imensa pelo menos oito rituais demarcados pelo menos oito, não são só oito não.</p>	Descontinuidade do discurso (1 - Quadro 8)

Fonte: Elaborado pelo autor

O que se observa nas falas do Babalorixá é a preponderância de termos que modelam as classificações em uma posição de silêncio diante das Religiões brasileiras de matriz africana. As formulações: **até Wicca; nada de religião de matriz africana; é o racismo negando o lugar do outro; é uma forma de desqualificar o outro, não é? Porque não tem nenhuma tradição escrita que antes não tenha sido tradição oral**, reforçam a ideia de que as classificações privilegiam uma realidade constituída por Religiões de matriz cristã.

A formulação do Babalorixá: **porque não tem nenhuma tradição escrita que antes não tenha sido tradição oral**, pode nos remeter a uma noção refutada de Tylor citado por Guerriero (2013) sobre a evolução das Religiões, nesse contexto, o Candomblé por vincular-se a uma tradição oral, na fala também do Cientista da Religião, podem promover uma retirada do sentido religioso de tradições que não tem uma produção

escrita registrada pelos próprios membros. Assim, o fato da produção ser, em grande parte, escrita por antropólogos acaba por reverberar discursos que desconsideram a dimensão religiosa de sujeitos que enfrentam a intolerância em outros âmbitos da sociedade.

6.2.2 Cientista da Religião

O Cientista da Religião entrevistado é professor universitário, possui pós-doutorado em Teologia pela Faculdade dos Jesuítas, doutorado e mestrado em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora; graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas e licenciatura em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Professor universitário, atua principalmente nos temas: pluralismo religioso, fundamentalismo e integrismo religioso, diálogo inter-religioso, ética e metodologia da pesquisa.

Na área de Ciência da Religião, segundo Passos e Usarki (2013, p.18), a análise do campo é complexa devido ao fato de compartilhar o estatuto epistemológico de subáreas, como, a História da Religião, Sociologia da Religião, ou a Psicologia da Religião. Além disso, as demandas teóricas e filosóficas da Ciência da Religião não esgotam nestas subáreas, reivindicando assim o postulado de uma metateoria “que se preocupe com o esclarecimento de aspectos que representam o *ethos* da disciplina”.

Em termos epistemológicos e metodológicos, portanto, busca-se identificar a lógica transversal subjacente às subáreas e definir as posturas que o cientista da religião deve assumir diante do seu campo de estudo, independente da abordagem técnica favorecida em um projeto relacionado a um determinado objeto cuja a natureza demanda uma aproximação específica sustentada por uma teoria antropológica, um modelo sociológico, um paradigma psicológico, um princípio geográfico ou um princípio ou um princípio oriundo de qualquer outra subárea relevante para a Ciência da Religião (PASSOS; USARKI, 2013, p. 18-19).

O surgimento e desenvolvimento da Ciência da Religião apresenta um quadro ambíguo, pois encontrou abrigo nas Universidades Confessionais, onde não se esquivou de imiscuir-se com a Teologia. No entanto, institui-se em “Programas de Pós-graduação sem operar rupturas epistemológicas nítidas com a Teologia” (PASSOS; USARKI, 2013, p. 23-24).

Quadro 14: Categorias do Cientista da Religião

Categorias Temáticas	Fala do entrevistado	Categorias do discurso
Ciência da Religião	<p>Então aqui faltaria a Ciências da religião. Qual é a diferença? A Ciência da Religião é você pensar o fenômeno religioso na sociedade usando as áreas das ciências. Então, usa da sociologia, da antropologia, da Teologia para estudar o fenômeno religioso.</p> <p>Na Ciências da Religião não, você pode ter um cientista da religião ateu. Ou sem religião, ou participar de várias religiões, ou ter um vínculo com uma Religião.</p> <p>Na Ciências da Religião, a ideia de juntar várias ciências: antropologia, sociologia, psicologia, teologia; como a teologia enxerga Deus, como a filosofia, a psicologia. Então são várias ciências, a história, a geografia falando da religião. Uma área multidisciplinar. Então essa é a nova área, é o que faltaria aqui.</p> <p>Então nessa área Ciências da Religião, o que eu pesquiso? A questão do pluralismo religioso do diálogo inter-religioso. Eu não vi isso explicitado aqui. Como nesta perceptiva e hoje são duas questões interessantes e importantes.</p> <p>E outra coisa, não leva em consideração a Ciências da Religião. Hoje, teria outra escala aqui, teria a Ciências da Religião, que é uma outra produção independente da teologia. [...]. Então aqui caberia colocar a Teologia e a Ciências da Religião ou Teologia e Ciências da Religião. A área é Ciência da Religião e Teologia, que são focos diferentes de trabalhar. A temática é a mesma, mas a maneira de abordar que que é diferente. Você entendeu? A Teologia é dentro de uma tradição religiosa a Ciência da religião é a partir da ciência. Como que as ciências analisam o fenômeno religioso. Ai não importa se tem fé ou não tem fé, usa do instrumental metodológico científico para analisar o fenômeno.</p> <p>As Ciências da Religião do Brasil ainda estão muito voltadas para o Cristianismo. Por que a realidade brasileira ainda é uma realidade Cristã. Pelo senso 86% é de católicos e protestantes. Então é uma realidade cristã. E os programas refletem isso. Então o corte é muito pelo Cristianismo. Só que é diferente da Teologia, não parte de uma religião só. Você tem um viés da teologia cristã, mas não é o único. Tem inclusive programas de ciência da religião em federais que não tem nenhuma vinculação cristã, confessional.</p>	<p>Identidade e persistência de temas (3 – Quadro 8)</p>
Cristianismo	<p>[CDU] Aí ele trabalha com outras religiões. Só que mesmo assim, a subdivisão se tem do Cristianismo acaba sendo maior do que subdivisão que se apresenta para as Religiões. Mas é melhor que a segunda opção, Dewey [CDD], que é muito mais focado na religião cristã.</p> <p>Até numericamente, [a CDD] tem mais descrições para o Cristianismo do que para o que ele chama de “Outras Religiões”. Ela é muito mais, eu chamaria de exclusivista, detalhando de forma mais pormenorizada a religião cristã e reclassificar de forma geral.</p> <p>[Na CDD], É toda uma estrutura pensada a partir do Cristianismo. Uma classificação pensada a partir do Cristianismo. Ele não pensa, ele não rediscuti. Ele põe assim tudo que é Hinduísmo fica aqui nessa numeração</p>	<p>Descontinuidade do discurso (1 – Quadro 8)</p>

	294.5. Tudo que é Janaínismo, Budismo e tal, e não tenho a preocupação de dividir como ele fez no Cristianismo. As duas [tabelas] privilegiam o Cristianismo só que a segunda [CDD] ela privilegia mais , essa aqui [CDU] leva mais em consideração as outras, ela subdivide o judaísmo, a Decimal universal, ele subdivide ela pelo menos leva um pouquinho mais em consideração.	
Espiritismo	Alguns espíritas se consideram cristãos outros não, tem uma discussão dentro do espiritismo que em todo caso tinha que estar aí. Porque ele é ciência, filosofia e religião.	Identidade e persistência de temas (3 – Quadro 8)
Exclusivismo	Essa segunda não [CDD]. A segunda é claramente mais exclusivista . Priorizam claramente o Cristianismo com pequenas entradas aí para as outras religiões.	Formação de conceitos (4 – Quadro 8)
Inclusivismo	Bom, entre as duas eu acho que a primeira [CDU] é um pouquinho mais ... a gente podia chamar de inclusivista , está incluindo um pouquinho mais as reuniões, apesar de também partir do ponto de vista que o cristianismo, [ou] está priorizando o Cristianismo. Mas pelo menos inclui um pouquinho mais as outras religiões, dá uma atenção maior na forma de reclassificar outras religiões. O que ele chama exatamente de "outras", a gente podia chamar de "demais" religiões. Há uma discussão teórica entre outras e demais . Alguns falam que outras é num sentido mais pejorativo e demais religiões seriam mais Inclusivista	Formação de conceitos (4 – Quadro 8)
Pluralismo religioso	Entender essa pluralidade religiosa, então tem teólogos e teóricos que estão estudando isso. Inclusive tem uma disciplina chamada Teologia do Pluralismo Religioso, que surgiu dentro do catolicismo, não, dentro do cristianismo católico protestante, surgiu nos anos sessenta. Como entender o cristianismo na Europa naquela multiplicidade de religiões. Então, surgiu o primeiro ponto Teologia das religiões. Nos anos noventa passou a ser teologia do pluralismo religioso. Aí que surgiram os paradigmas que é o exclusivismo, inclusivismo e pluralismo. Então o exclusivismo é isso: a ideia que só a Igreja salva, só a Igreja Cristã salva . Daí vem a ideia só a minha Igreja que salva. Por quê? Porque ali é onde Deus se revela. O segundo, o inclusivismo, você não precisa estar dentro da igreja, ser batizado . Por quê? Porque a fé é em Jesus Cristo, um segmento de Jesus Cristo salva. Agora a primeira, só a Igreja que salva, você tem que ser batizado. O segundo só Jesus, a fé, é a que você acreditar nos valores evangélicos você já tem a salvação . O terceiro é chamado pluralismo. Todas as religiões têm autonomia. Todas as religiões estão em pé de igualdade nenhuma é mais verdadeira que a outra, toda religião é verdadeira porque Deus está presente nela. O Jesus Cristo importante? É. Para quem? Para o Cristianismo. Buda importante? É. Para quem? Para os Budistas. Cada líder é importante em sua tradição. É uma referência para outra, mas é processo, ele ajuda na "salvação" para o fiel daquela tradição religiosa não da outra. Então mudou, mudou a concepção. Isso é Ciências da Religião a partir da Teologia. Erguendo as várias religiões.	Formação de conceitos (4 – Quadro 8)
Práticas esotéricas	O espiritismo, o que chama hoje de espiritualismo científico, são as práticas esotéricas de hoje , pega um pouquinho o que é positivo nas religiões, nas grandes	Identidade e persistência de temas

	religiões tradicionais e vão criando coisas novas também não está contemplada. Práticas esotéricas de hoje.	(3 – Quadro 8)
Religiões afro-brasileiras	Outra questão, que a religião afro-brasileira, tem mais sociólogos, antropólogos escrevendo do que eles mesmo . São pouco deles mesmo escrevendo, porque é uma religião mais oral, religião menos de escritos, de textos sagrados. Tanto há uma discussão de como é importante colocar em textos, registrar essa crença que eles têm. A prática que eles fazem, transformar isso em texto sagrado. Só que na visão deles não tem que fazer isso não, porque a tradição é uma tradição oral. As outras sim, as outras têm textos. Então é até é uma discussão porque eu tenho que me "converter", me reverter as outras religiões e transformar o que é oral em escrito . Em algumas listas aparece como cultos primitivos, o afro-brasileiro: candomblé, umbanda . Eu acho que teria que trabalhar então. Porque são duas tabelas que parte do princípio o Cristianismo e das grandes Religiões. Então desconsidera as religiões menores e sobretudo as que tem surgido ultimamente.	Identidade e persistência de temas (3 – Quadro 8)
Teologia	A Decimal Universal [CDU], a primeira, ela tem uma visão um pouco mais ampla das religiões . Ela busca fazer uma divisão mais integrada da teologia cristã, com as outras teologias, com as outras religiões. Ele chama aqui de sistemas religiosos, crenças religiosas. A teologia tem uma visão do mundo mais a partir de uma tradição religiosa, você analisa o fenômeno só a partir daquela tradição religiosa. E de maneira geral, a teologia supõe a fé, supõe a crença, você acredita em Deus, você acredita no que está trabalhando e estudando.	Formação de conceitos (4 – Quadro 8)
Xamanismo	O Xamanismo. Algumas religiões tendem a ser chamadas como primitivas, mas não no sentido de primeiras.	Descontinuidade do discurso (1 – Quadro 8)

Fonte: Elaborado pelo autor

O Cientista da Religião, talvez, por representar um estudioso no campo das Religiões, assume em seu discurso argumentos que buscam reforçar as questões referentes ao **pluralismo religioso**. Desta forma, é comum encontrar na narrativa os termos **inclusivismo** e **exclusivismo**, como identificado nos trechos a seguir:

*[CDD]. A segunda é claramente mais **exclusivista**.*

*[CDU] é um pouquinho mais ... a gente podia chamar **de inclusivista**.*

*Aí que surgiram os paradigmas que é o **exclusivismo, inclusivismo e pluralismo**. [...] Então o **exclusivismo** é isso: a ideia que **só a Igreja salva, só a Igreja Cristã salva**. [...] O segundo, o **inclusivismo**, você não precisa estar dentro da igreja, ser batizado. [...] O segundo só Jesus, **a fé, é a que você acreditar nos valores evangélicos você já tem a salvação**. O terceiro é chamado **pluralismo**. Todas as religiões têm autonomia. Todas as religiões têm estão em pé de igualdade nenhuma é mais verdadeira que a outra, toda religião é verdadeira porque Deus está presente nela.*

6.2.3 Espírita

O Espírita entrevistado é doutor em Administração pela Universidade de São Paulo; mestre em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais e graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor universitário, atua principalmente nos temas: psicologia do trabalho, administração de recursos humanos, espiritismo e metodologia de pesquisa.

Segundo Kardec (2013, p.54), “todo espírita é necessariamente espiritualista, mas nem todos os espiritualistas são espíritas”, segundo ele todas as religiões emergem do espiritualismo, mas a doutrina Espírita é baseada nos fundamentos da imortalidade da alma ou espírito, evolui pelos seus próprios esforços; a reencarnação, continuaremos a existir depois da morte do corpo e a possibilidade de progressos é adquirido através das múltiplas experiências de vida; a comunicabilidade dos espíritos, espíritos desencarnados podem se comunicar com os encarnados através dos médiuns; e a pluralidade dos mundos habitados, o mundo é constituído por moradas onde os Espíritos se encarnam.

Quadro 15: Categorias do Espírita

Categorias Temáticas	Fala do entrevistado	Categorias do discurso
Espiritismo	<p>“Espiritismo no Brasil classificado como Religião. Não é correto nem incorreto, é insuficiente”</p> <p>Ai, para nós incomoda, porque se um filosofo quiser discutir século XIX, quiser ver a questão do espiritismo junto com os pensadores da filosofia ele não vai pesquisar em Ocultismo, ele não vai localizar esse documento em ocultismo. Teria que ser algo amplo, algo que permite.</p> <p>O que eu mais sinto falta: são temas, são conceitos, são ideias centrais que são importantes no pensamento espírita, importantes na doutrina espírita e que a gente não encontra marcador nem nome, nem número, nem nada. A gente que tem que sair juntando os livros, separando para poder recuperar quando você quer pesquisar um tema, quer pesquisar um autor, você quer estudar um tema, ver como diferentes autores abordam determinado tema.</p> <p>Eu não me vejo nisso, nessas categorias. Eu não me vejo mesmo!</p> <p>Eu tenho uns pedacinhos que com boa vontade pode ser que a gente se enxerga neles. Se o Espiritismo estivesse aqui e ele não está aqui. Agora não sei se isso é bom ou ruim.</p>	Descontinuidade do discurso (1 – Quadro 8)

Evangelho	<p>A gente tem um pessoal do movimento Espírita, igual o Haroldo Dutra ¹¹, ele está recuperando originais do pensamento hebraico para entender, ele fez uma nova tradução do Novo Testamento, material grego mais recente, ainda nos Atos dos Apóstolos. Ele está terminando de fazer o trabalho, ele publicou até os Atos dos Apóstolos. Está fazendo uma pesquisa dentro do Judaísmo para poder fazer uma adaptação dos evangelhos. Onde você classifica aí? Vai ter que juntar áreas diferentes! O Evangelho Segundo Espiritismo fica assim: o espiritismo e o evangelho. Agora nele (trabalho do Amaldo Dutra) está o original o documento bíblico as tradições orientais as tradições judaicas cristãs e o pensamento Espírita. Então ...</p>	Descontinuidade do discurso (1 – Quadro 8)
Livro Sagrado	<p>A referência maior que a gente tem no Brasil são as obras de Allan Kardec ¹², ele é extremamente influente no pensamento espírita. Ele é como se fosse assim um consenso. Ele foi a primeira pessoa a elaboração de doutrina a partir dos fenômenos espíritas. Ele é muito lido e estudado. No Brasil ele é considerado referência. Mas acho que nenhum Espírita entende os livros dele a não ser inconscientemente, como um livro sagrado, algo que é fruto de uma revelação, algo que não pode ser mexido de jeito nenhum, que não pode ser transformado. Então se você classificar os livros de Kardec como livros sagrados a gente vai achar pelo menos esquisito. A tendência nossa Espíritas é querer que não seja colocado como um livro sagrado, ou como escritura. Então, essa classificação aqui (CDU) para nós é esquisita.</p> <p>E esse "Livros Sagrados" (na CDU), aí teria que ser "espiritismo - livros sagrados", vamos supor que existisse (Espiritismo existisse na tabela) aí eu conseguiria resgatar os Livros Sagrados Espíritas, é isso né. Eu não teria que pesquisar todos os livros sagrados para poder ir separando os Espíritas aqui não, né?</p> <p>Você põe Teoria do espiritismo. Natureza do espiritismo. Fenômeno Espírita. O divino, O Sagrado, ok. O Sobrenatural. Objetos de religião: esquisito. Objetos de culto: esquisito também. Deus: ok. Natureza de Deus: a gente acha que não sabe, ficaria vazio para nós. Universo. Natureza do Universo. Cosmologia: ok. Homem. Humanidade. Condição humana.: ok. Antropologia das religiões, antropologia do espiritismo: ok. Isso aqui ajudaria em parte.</p> <p>Ninguém pesquisa desse jeito assim: Deus. As pessoas pesquisariam, Cosmologia, talvez, Universo: sim. "Livros sagrados": não. Literatura secundária: ok. Obras pseudo canônicas: é ótimo [ironia]. Obras críticas: ok, uma crítica no sentido mais amplo, não no sentido de oposição.</p>	Descontinuidade do discurso (1 – Quadro 8)
Mediunidade	<p>A gente vai pesquisar isso, aqui eu não tenho categoria para pesquisar isso. Mediunidade onde eu pesquisaria? Você tem uma visão bem científica da mediunidade, o que acontece com a fisiologia do corpo durante um transe mediúnicos? Você concorda comigo que isso é fisiologia, é ciência? Concorda que isso não é Religião? Eu peguei meia</p>	Descontinuidade do discurso (1 – Quadro 8)

¹¹ Dias, Haroldo Dutra. O evangelho. Brasília: FEB, 2013. 607 p.

¹² Allan Kardec é considerado codificador do Espiritismo, também denominado de Doutrina Espírita.

	dúzia de médiuns, coloquei eles na tomografia computadorizada e analisei o funcionamento do médium e de uma pessoa escrevendo e achei diferenças, isso é Ciência. Concorda? E onde você classificaria isso? Na Fisiologia?	
Moral Cristã	Então existe uma leitura Espírita sobre o Cristianismo, uma interpretação dos pensadores Espíritas em cima do pensamento cristão que é muito valorizado do ponto de vista ético e moral pelo espiritismo, mas também seria engraçado.	Descontinuidade do discurso (1 – Quadro 8)
Obsessão	Para nós é muito esquisito e tem determinadas categorias de compreensão do mundo espírita, por exemplo, obsessão influência de espíritos sobre outras pessoas, isso é objeto de uma produção de conhecimento	Descontinuidade do discurso (1 – Quadro 8)
Outras Religiões	(CDU) Aí ele trabalha com outras religiões. Só que mesmo assim, a subdivisão se tem do Cristianismo acaba sendo maior do que subdivisão se apresenta para as Religiões. Mas, ainda é melhor que a segunda opção, Dewey [CDD], que é muito mais focado na religião cristã.	Descontinuidade do discurso (1 – Quadro 8)
Pessoas na Religião	Aqui tem muita coisa. "Outros textos religiosos". "Pessoas na religião": você teria que colocar médiuns, pesquisadores, são estas categorias que a gente entende que são... eu até poderia colocar aqui codificador, mas até isso é discutido no movimento Espírita, se ele era mero codificador, se ele era um "fundador," se ele era, o que que ele era? Concepção Espírita de Jesus, por exemplo, talvez, não num é "Messias" no sentido de um messias, de um ungido, de um esperado. Isso quase não faz sentido para nós. Figura Central da Fé, Pessoas na Religião, Messias, Mártires. "Fica um negócio meio "esquisito", é muito esquisito para nós falar: mártires Espíritas. Embora tenha havido muitas perseguições. Eu mesmo tenho artigos sobre isso, mas enxergar como mártires é esquisito para nós. Acetas, Heremitas, Faquires, Santos, Bondi." Eu acho que na cultura brasileira até a gente vai encontrar o brasileiro faz uma delimitação clara entre as Religiões, gosta de misturar. Alguém achar que Chico Xavier é um santo, por exemplo. Qualquer estudioso Espírita não procuraria Chico Xavier na categoria de Santo. Não faz sentido para nós. Tem até um livro "Chico Xavier: um santo dos nossos dias", mas não faz sentido para nós.	Descontinuidade do discurso (1 – Quadro 8)
Trindade	O espiritismo tem uma inserção dentro do pensamento cristão, que também é fruto de polemica, porque nós espíritas não aceitamos, por exemplo, a doutrina da trindade. E tem cristão que acha se você não aceita a doutrina da trindade, logo não é Cristianismo. É engraçado, porque a doutrina da trindade não era aceita pelo movimento cristão nos primeiros séculos. Eu duvido que alguém vá dizer que Pedro não era cristão. Ou que os primeiros pais da Igreja não eram cristãos, porque o dogma da Trindade vem do Concilio de Niceia ano 300 por aí.	Formação de conceitos (4 – Quadro 8)

Fonte: Elaborado pelo autor

Na narrativa do Espírita, constata-se a tentativa de idealização do Espiritismo como uma categoria válida na classe Religião. Como na formulação a seguir:

*Eu tenho uns pedacinhos que com boa vontade **pode ser que a gente se enxergue neles.***

Outro aspecto marcante na fala do Espírita foi como as temáticas do Espiritismo não fazem parte da pauta dos SOC. Como identificado nas formulações a seguir:

*Para nós é muito esquisito e tem determinadas categorias de compreensão do mundo espírita, por exemplo, **obsessão** influência de espíritos sobre outras pessoas, isso é objeto de uma produção de conhecimento.*

***Figura Central da Fé, Pessoas na Religião, Messias, Mártires.** "Fica um negócio meio **"esquisito"**, é muito esquisito para nós falar: mártires Espíritas. Embora tenha havido muitas perseguições. Eu mesmo tenho artigos sobre isso, mas enxergar como mártires é esquisito para nós.*

***Acetas, Heremitas, Faquires, Santos, Bondi.**" Eu acho que na cultura brasileira até a gente vai encontrar o brasileiro faz uma delimitação clara entre as Religiões, gosta de misturar. Alguém achar que Chico Xavier é um santo, por exemplo. Qualquer estudioso Espírita não procuraria Chico Xavier na categoria de Santo. **Não faz sentido para nós.** Tem até um livro "Chico Xavier: um santo dos nossos dias", mas não faz sentido para nós.*

Ressaltando que os termos: **muito esquisito, meio esquisito e não faz sentido**, evidenciam o esmaecimento do Espiritismo na encenação discursiva proposta pelas classificações bibliográficas.

6.2.4 Evangélico

O Evangélico entrevistado é mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Psicólogo, atua principalmente nos temas: psicologia do trabalho, administração de recursos humanos.

Nas primeiras décadas do século XVI, começou uma revolução social espiritual, hoje conhecida como Reforma Protestante, na qual introduziu-se que a palavra de Deus

poderia ser reverenciada sem intermediação de uma hierarquia de sacerdotes da Igreja Católica. Os reformados submeteram-se à autoridade das escrituras, a Bíblia, “afirmando que a salvação só poderia ser alcançada pela fé pessoal, não pela obediência aos decretos eclesiásticos” (AMBALU, *et al*, 2014, p. 232).

Quadro 16: Categorias do Evangélico

Categorias Temáticas	Fala do entrevistado	Categorias do discurso
Bíblia	<p>Sobre a tabela CDD e se ela tem alguma evidência com a minha religião, eu diria que sim, daria o exemplo da Bíblia. As Igrejas Evangélicas, elas têm a Bíblia como a sua base, como regra de fé. Como o algo que deve ser obedecido. Como algo que deve ser entendido. Como vontade de Deus, como o desejo de Deus. A palavra de Deus. As respostas de Deus. Como a Bíblia tem todo o significado das Igrejas Evangélicas. Então é possível dizer que nesta classificação e já na questão da Bíblia tem tudo a ver com as Igrejas Evangélicas.</p> <p>Uma outra, eu citaria também a História do Cristianismo. Nas Igrejas Evangélicas ainda que a história do Cristianismo não seja muitas vezes estudada, mas na parte da teologia as igrejas que buscam ensinar seus fiéis, seus membros a Teologia parte da história do Cristianismo é levada em conta.</p>	Formação de conceitos (4 – Quadro 8)
Cristianismo	<p>Tanto na tabela CDD quanto na tabela CDU eu observo que as questões relacionadas a denominações cristãs, Cristianismo. Igreja.</p> <p>De forma geral, coloca estas questões de denominação, de Cristianismo, de denominações cristãs. Então, eu não observo uma diferenciação para estas questões que para dentro do contexto Protestante, dentro do contexto Evangélico é evidente, é real.</p>	Formação de conceitos (4 – Quadro 8)
Igrejas Protestantes	<p>E por último colocaria também a de das denominações cristãs, as igrejas evangélicas é plural, existe várias denominações. Cada denominação, ou cada linha dessas denominações segue uma corrente, uma doutrina específica. Acreditando baseado nos seus fundadores, no que os seus fundadores acreditam.</p> <p>Tanto na tabela CDD quanto na tabela CDU [...]eu observo uma dificuldade talvez sobre a atualidade das Igrejas Protestantes. Essa diferenciação que existe protestante como por exemplo Igrejas Clássicas ou as Igrejas chamadas tradicionais é diferenciada com as Igrejas Pentecostais, depois as Igrejas Neopentecostais, isso não aparece dentro destas tabelas.</p> <p>É interessante também observar também dentro denominação Protestante existe Igrejas e denominações que os próprios Protestantes não reconhecem, por exemplo, testemunha de Jeová e Adventistas dentro da doutrina, dos ensinamentos protestantes muitas Igrejas, muitos ensinamentos Protestantes não reconhecem ou discutem os Testemunhos de Jeová ou Adventistas como sendo Evangélicos, dentro do contexto Evangélico, dentro da doutrina evangélica, dentro da doutrina Protestante.</p>	Descontinuidade do discurso (1 – Quadro 8)

Teologia Moral	Outro ponto que cabe como evidência bem interessante é a teologia moral. Eu faria uma associação da Bíblia com a teologia moral. Nas Igrejas Evangélicas a gente observa muito a ligação da moral através da Bíblia , quer dizer a bíblia é uma forma é o meio é um meio de moralizar os fiéis, de moralizar aos membros da Igreja. Muitas dessas questões de moral nas igrejas evangélicas vêm de conceitos bíblicos ensinados. Além de dos clássicos: "não matarás", "não roubarás".	Formação de conceitos (4 – Quadro 8)
----------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------

Fonte: Elaborado pelo autor

Nas falas do Evangélico verifica-se a frequência de expressões relacionando a Bíblia e a sua significação ao contexto das Igrejas Evangélicas. Assim, as expressões: **Bíblia como a sua base; Bíblia tem todo o significado; moral através da Bíblia**, demarcam a autoridade das escrituras sagradas, segundo os Evangélicos.

Por fim, ressalta-se a conformidade do entrevistado quanto a forma de representação das Religiões nos esquemas de classificações pesquisados. Isso, com ressalva a insuficiência quanto à tipificação das Igrejas Protestantes que ele julga ser necessário para uma diferenciação com as demais denominações. Isso se dá, talvez, porque os Protestantes se visualizem dentro do tronco hegemônico do Cristianismo.

6.2.5 Padre

O Padre entrevistado possui graduação em Filosofia e em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, especialização em Ensino Religioso pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e mestrado em Teologia Fundamental pela Pontifícia Universidade Gregoriana-Roma. Professor universitário, atua nas áreas de teologia fundamental e sistemática.

As principais crenças do Cristianismo sustentam-se na vida e nos ensinamentos de Jesus. A palavra cristianismo tem sua origem grega *Khristós*, que significa messias ou o ungido. Para os cristãos, Jesus é o “filho de Deus, meio humano, meio divino” e não um simples profeta. Jesus sofreu, foi crucificado, morto, sepultado e ressuscitou para salvar aqueles que acreditavam nele (AMBALU, *et al*, 2014, p. 202).

Após o Concílio de Niceia (325 d. C.) instituiu um credo cristão universal e, também, no qual foi introduzido o conceito da Trindade, um único Deus que se manifesta de três formas: Pai, Filho e o Espírito Santo (AMBALU, *et al*, 2014, p. 203).

Quadro 17: Categorias do Teólogo e Padre

Categorias Temáticas	Fala do entrevistado	Categorias do discurso
Cristianismo	<p>(CDD), que você me apresenta aqui e ele de fato tem uma perspectiva Cristã. O Cristianismo realmente ocupa a maior parte dos itens e há uma preocupação principalmente com a Teologia Cristã.</p> <p>... a questão do Cristianismo é uma vantagem, a escolha dele nesta perspectiva para uma perspectiva mais aprofundada da Teologia Cristã, ele consegue mais pelos títulos e temas aqui, aprofundar questão do Cristianismo.</p> <p>(CDU), a questão do Cristianismo, penso, que para um aprofundamento ela ficou um pouco a desejar.</p> <p>Eu também penso que a nível de opção por um sistema que dê um diálogo entre as religiões este segundo (CDU) o que é melhor, porque a questão, também, dos livros sagrados, da história, daquela determinada religião, a questão da natureza da própria religião aqui é tratada de uma forma de um diálogo.</p>	Formação de conceitos (4 – Quadro 8)
Diálogo ecumênico	<p>Enquanto teologia nesse segundo modelo aqui (CDU), ele que daria para trabalhar a questão do trabalhar o diálogo ecumênico e inter-religioso, mas não tanto o interno do Cristianismo. Então, eu diria assim: este segundo aqui fica mais a nível de teologia. Ele trabalha um pouco na porta do edifício teológico que é um diálogo com a cultura do diálogo com as outras regiões o diálogo inter-religioso ecumênico, são temas de fronteira que a gente diz assim na teologia. Então, está na fronteira. Então, responde muito, porque a Teologia tem uma parte dela importante hoje, que é o diálogo ecumênico e inter-religioso, o diálogo com a cultura, a preocupação com o pluralismo cultural, pluralismo religioso.</p>	Formação de conceitos (4 – Quadro 8)
Outras Religiões	<p>[...] sistema (CDD), que parece que coloca um pouco um apêndice. E aí se for abordar hoje o diálogo inter-religioso, o dialogo ecumênico entra essa questão plural religiosa do respeito, do aprendizado com o diferente, o diferente que pode gerar unidade e não disputa, intolerância. A diversidade que gera comunhão e não divisão. Eu diria que este segundo sistema aqui (CDU), ele responde melhor a essa temática contemporânea, mais que o primeiro (CDD). Porque ele não coloca como um apêndice, mas sim como algo do diálogo mesmo, que é o colocar-se diante do outro, aqui vem isso bem delineado. O respeito, a procura de conhecer o diferente, não apenas como o diferente. (5)</p>	Descontinuidade do discurso (1 – Quadro 8)
Teologia	<p>(CDD), ele é melhor porque eu trabalho, enquanto teólogo, naquilo que é específico mesmo do cristianismo: a questão da revelação divina, a fé cristã, os tratados de Cristologia, eclesiologia, Mariologia, antropologia cristã.</p> <p>[...] a questão dos sacramentos, eclesiologia, Missiologia. Você percebe que tem um afunilamento, um aprofundamento que chega em detalhes e por fim trabalha-</p>	Formação de conceitos (4 – Quadro 8)

	<p>se as questões das outras religiões. [...].sistema (CDD), ele já aprofunda no interno do edifício teológico, não fica tanto na fronteira, mas ele fica mais preocupado com o interno. A gente diria assim: a questão dogmática da Teologia ela está mais estampada aqui. Enquanto, nesse outro (CDU), não tanto dogmática, mas a questão da teologia fundamental que é trabalhar com a fronteira, temas de fronteira.</p>	
--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

Fonte: Elaborado pelo autor

A formação discursiva predominante na fala do Padre evidenciou a conformidade com as estruturas classificatórias com viés católico eminentemente presente na CDD, principalmente. O termo **melhor**, evidencia uma superioridade em termos de atender a perspectiva cristã. Como ilustrado nas formulações:

*Ele é **melhor** porque eu trabalho, **enquanto teólogo, naquilo que é específico mesmo do cristianismo**: a questão da revelação divina, a fé cristã, os tratados de Cristologia, eclesiologia, Mariologia, antropologia cristã. (Referindo-se a CDD)*

*... que você me apresenta aqui e ele de fato tem uma **perspectiva Cristã**. O Cristianismo realmente ocupa a maior parte dos itens e **há uma preocupação principalmente com a Teologia Cristã**. (Referindo-se a CDD)*

... a questão do Cristianismo, penso, que para um aprofundamento ela ficou um pouco a desejar. (Referindo-se a CDU)

Além disso, a fala do Padre evidenciou o pressuposto de que a CDU privilegia o pluralismo cultural, o pluralismo religioso e o diálogo inter-religioso. O Cientista da Religião, quando nominou a CDU como um sistema “**inclusivista**” encontrou também o mesmo pressuposto.

*... uma parte dela importante hoje, que é o **diálogo ecumênico e inter-religioso, o diálogo com a cultura, a preocupação com o pluralismo cultural, pluralismo religioso**. (Referindo-se a CDU)*

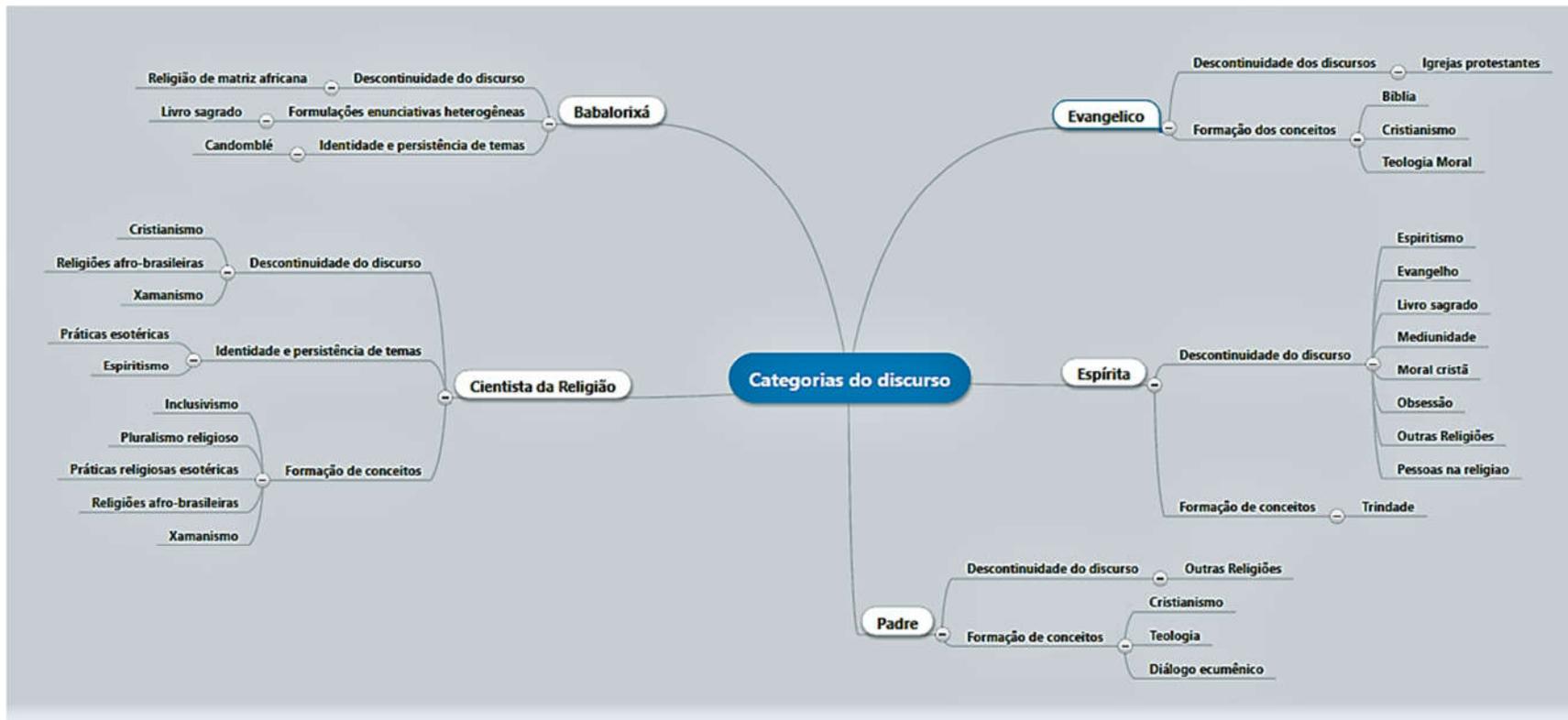
6.3 O esmaecimento de discursos religiosos

Nesta subseção transcorreu um cotejamento entre os discursos dos arranjos classificatórios e os discursos dos entrevistados. O objetivo é comparar as falas dos

entrevistados com as questões apontadas e evidenciar que o esmaecimento de algumas Religiões nos sistemas de representação da informação tem a sua origem nos contextos culturais e sócio-históricos.

Na **Figura 3**, apresentamos as categorias do discurso de acordo com as categorias temática dos sujeitos. Ressalta-se a categoria “descontinuidade do discurso” (**1, Quadro 8**) que foi identificada nas falas de todos os sujeitos, principalmente quando o tema era as Religiões categorizadas como “outras”.

Figura 3: Categorias do discurso



Fonte: Elaborado pelo autor

Deste modo, inicialmente buscando uma similaridade, observa-se nos discursos do Espírita e do Babalorixá que as duas práticas religiosas não estão contempladas explicitamente pelas classificações e há lacunas nesses discursos. Como exemplificado nos trechos:

Que é uma forma de desqualificar o outro não é, porque não tem nenhuma tradição escrita que antes não tenho sido tradição oral. (Babalorixá)

Isso lá da pureza, que o outro é sempre menos tradicional menos, menos puro, mais misturado. (Babalorixá)

O Candomblé do Brasil é perseguido. Desde a sua organização mais primitiva, primitiva no sentido de primeira, tanto pela Igreja quanto pelo Estado, pela imprensa. Há uma dificuldade interna da tradição e que eu acho que isso vai refletir, de certa maneira, no olhar do outro para dizer assim: eles não se entendem então não vamos preocupar com eles não. O que não é verdade porque todas tradições elas comportam essas disputas (internas). (Babalorixá)

Espiritismo no Brasil classificado como religião. Não é correto nem incorreto, é insuficiente. (Espírita)

O que eu mais sinto falta: são temas, são conceitos, são ideias centrais que são importantes no pensamento espírita, importantes na doutrina espírita e que a gente não encontra marcador nem nome, nem número, nem nada. A gente que tem que sair juntando os livros, separando para poder recuperar quando você quer pesquisar um tema, quer pesquisar um autor, você quer estudar um tema, ver como diferentes autores abordam determinado tema. (Espírita)

Eu não me vejo nisso, nessas categorias. Eu não me vejo mesmo! (Espírita)
Eu tenho uns pedacinhos que com boa vontade pode ser que a gente se enxergue neles. Se o Espiritismo estivesse aqui e ele não está aqui. Agora não sei se isso é bom ou ruim. (Espírita)

Observa-se que na percepção dos sujeitos em relação aos sistemas de classificação bibliográfica estudados há um evidente questionamento acerca do desequilíbrio e esmaecimento da representação de crenças, no caso Espiritismo e Candomblé, e das alteridades não hegemônicas apresentadas nos SOC. Deste modo, os termos desqualificar, menos tradicional, menos puro, perseguido, insuficiente, falta, não se referem a modos de interdição de um discurso religioso em detrimento de outro. Os

fragmentos a seguir elucidam os modos de interdição que levam a descontinuidade do discurso.

*Embora possam estar colocados **dentro do campo da antropologia** mais eles representam uma produção sobre a experiência religiosa desses sujeitos. Quer dizer, este pesquisador tem feito **uma tentativa de classificação, de organização, de codificação das práticas religiosas africanas elas deveriam estar colocadas numa organização relacionada a isso.** (Babalorixá)*

*Ai, para nós incomoda, porque se um filósofo quiser discutir século XIX, quiser ver a questão do espiritismo junto com os pensadores da filosofia ele **não vai pesquisar em Ocultismo**, ele não vai localizar esse documento em ocultismo. Teria que ser algo amplo, algo que permite. (Espírita)*

Como já abordado na análise dos arranjos, as Religiões de matrizes africanas geralmente estão categorizadas em uma classe denominada “Outras Religiões” e/ou também na classe Antropologia (Ciências Sociais) mais precisamente em uma subclasse denominada Folclore; o que poderia evidenciar o esmaecimento das crenças praticadas pelos negros no Brasil. Como apresentada nos fragmentos de fala a seguir:

*[CDU] **Aí ele trabalha com outras religiões.** Só que mesmo assim, a subdivisão se tem do **Cristianismo acaba sendo maior do que subdivisão** que se apresenta para as Religiões. Mas é melhor que a segunda opção, Dewey [CDD], que é muito mais focado na religião cristã. (Cientista da religião)*

*Até numericamente, [a CDD] **tem mais descrições para o Cristianismo** do que para o que ele chama de “Outras Religiões”. Ela é muito mais, eu chamaria de exclusivista, detalhando de forma mais pormenorizada a religião cristã e reclassificar de forma geral. (Cientista da religião)*

*[Na CDD], **É toda uma estrutura pensada a partir do Cristianismo.** Uma classificação pensada a partir do Cristianismo. Ele não pensa, ele não rediscutiu. Ele põe assim tudo que é Hinduísmo fica aqui nessa numeração 294.5. Tudo que é Janaísmo, Budismo e tal, e não tenho a preocupação de dividir como ele fez no Cristianismo. (Cientista da religião)*

*As duas [tabelas] **privilegiam o Cristianismo** só que a segunda [CDD] **ela privilegia mais**, essa aqui [CDU] **leva mais em consideração as outras**, ela subdivide o judaísmo, a Decimal universal, ele subdivide ela pelo menos leva um pouquinho mais em consideração. (Cientista da religião)*

Tanto na tabela CDD quanto na tabela CDU eu observo que as questões relacionadas a denominações cristãs, Cristianismo. Igreja. (Evangélico)

*De forma geral, **coloca estas questões de denominação, de Cristianismo, de denominações cristãs.** Então, eu não observo uma diferenciação para estas questões que para dentro do contexto Protestante, dentro do contexto Evangélico é evidente, é real. (Evangélico)*

*[CDD], que você me apresenta aqui e ela **de fato tem uma perspectiva Cristã.** O Cristianismo realmente ocupa a maior parte dos itens e há uma preocupação principalmente com a Teologia Cristã. (Padre)*

*A questão do **Cristianismo é uma vantagem,** a escolha dele nesta perspectiva para uma perspectiva mais aprofundada da Teologia Cristã, ele consegue mais pelos títulos e temas aqui, **aprofundar questão do Cristianismo.** (Padre)*

*(CDU), a questão do Cristianismo, penso, que **para um aprofundamento ela ficou um pouco a desejar.** (Padre)*

*Eu também penso que a nível de opção por um sistema que **dê um diálogo entre as religiões este segundo (CDU)** o que é melhor, porque a questão, também, dos livros sagrados, da história, daquela determinada religião, a questão da natureza da própria religião aqui é tratada de uma forma de um diálogo. (Padre)*

A questão do viés católico nos sistemas de classificação bibliográfica foi curiosamente abordada no discurso do Cientista da religião, do Evangélico e do Padre. Os entrevistados que citaram o Cristianismo fizeram uma relação com os sistemas de classificação. Quando a CDD foi citada referenciando o Cristianismo, os enunciados usados foram: “*Cristianismo acaba sendo maior do que subdivisão*”; “*tem mais descrições para o Cristianismo, estrutura pensada a partir do Cristianismo*”; “*ela privilegia mais*”; “*de fato tem uma perspectiva Cristã*”; “*o Cristianismo é uma vantagem*”; “*denominações cristãs, Cristianismo e Igreja*”. A maioria das falas fazem referência ao destaque dado ao Cristianismo nos sistemas, e apenas uma evidência disso como vantagem, o pesquisador trabalha com este tema. Já quanto a CDU, temos as seguintes formulações: “*aí ele trabalha com outras religiões*”; “*leva mais em consideração as outras*”; “*para um aprofundamento ela ficou um pouco a desejar*”; “*um diálogo entre as religiões*”; “*denominações cristãs, Cristianismo e Igreja*”. A quantidade de enunciados que relacionam a CDU ao Cristianismo é bem menor e esses fazem alguma referência à inclusão de Religiões distintas do Cristianismo. Em uma fala mencionou-se a representação do Cristianismo como sendo insuficiente na CDU.

Algumas categorias contrastaram-se não só pela proximidade temática, mas também pela categoria do discurso. A categoria “identidade e persistência de temas” (3 –

Quadro 8) marcaram as falas do Babalorixá na fala sobre o “Candomblé” e do Cientista da Religião na fala sobre “Religiões afro-brasileiras”, veja abaixo:

*Fez um século já a algum tempo, de lá para cá nós temos outros livros que embora possam estar **colocados dentro do campo da antropologia** mais eles **representam uma produção sobre a experiência religiosa desses sujeitos**. Quer dizer, este **pesquisador tem feito uma tentativa de classificação, de organização, de codificação das práticas religiosas africanas** elas deveriam estar colocadas numa organização relacionada a isso. (Babalorixá)*

*[...]como é que o tempo todo os **discursos êmicos foram se transformando em discursos é foram sendo legitimados da produção escrita de antropólogos** que visitava essas comunidades e produzindo obras sobre que era a tradição. Contribuído inclusive para formar aquilo que se chama a pureza nagô no caso do candomblé lorubá que aí é uma forma de etnocentrismo, quer dizer isso é puro o outro impuro. A história da pureza já está presente em Nina Rodrigues na primeira tentativa de classificação. (Babalorixá)*

*A história da pureza já está presente em Nina Rodrigues na **primeira tentativa de classificação**, apresenta alguns relatos de africanos chamando o Candomblé de Gantois de mistura no final do século XIX. Da Janela a África está lá: -Isso aqui é muita mistura. Bom é o nosso lá do Santo Antônio, isso aqui é crioulo, o nosso que é bom e verdadeiro. **Isso lá da pureza, que o outro é sempre menos tradicional menos, menos puro, mais misturado.** (Babalorixá)*

*O **Candomblé do Brasil é perseguido**. Desde a sua organização mais primitiva, primitiva no sentido de primeira, tanto pela Igreja quanto pelo Estado, pela imprensa. Ele vem sub existindo numa série reinterpretações que enfrenta também os chamados tradicionalistas. (Babalorixá)*

*Outra questão, que **a religião afro-brasileira, tem mais sociólogos, antropólogos escrevendo do que eles mesmo**. São pouco deles mesmo escrevendo, porque é uma religião mais oral, religião menos de escritos, de textos sagrados. Tanto há uma discussão de como é importante colocar em textos, registrar essa crença que eles têm. A prática que eles fazem, transformar isso em texto sagrado. Só que na visão deles não tem que fazer isso não, porque a tradição é uma tradição oral. As outra sim, as outras tem textos. Então é até é uma discussão **porque eu tenho que me "converter", me reverter as outras religiões e transformar o que a gente oral em escrito.** (Cientista da Religião)*

As falas do Babalorixá e do Cientista da Religião fazem emergir um discurso controverso, sob o ponto de vista de Moore (2014, p. 113), que os praticantes devem assumir o papel de “especialistas” na tradição. Como não é o caso das Religiões de matrizes africanas, no qual acontece um esmaecimento do sentido religioso de

Religiões contando também com outros especialistas como fonte de informação na sua prática religiosa.

A análise desenvolvida até aqui esboçou algumas similaridades discursivas entre o Babalorixá, o Cientista da Religião e o Espirita no que se refere à descontinuidade do discurso, às formas de contemplar o discurso da crença do outro, do diferente. Assim, como na subseção anterior, **Arranjo da classe Religião**, que apresentou a categorização das Religiões brasileiras de matriz africana sob a temática do Folclore, observou-se que as falas reforçam que os SOC receberam os discursos que fazem parte de realidade religiosa constituída e plasmada pela matriz religiosa cristã.

7 Considerações finais

Neste trabalho, um primeiro olhar dá a impressão de ser constituído por uma série um pouco incoerente de fantasmas, ordem, como você pode ver, tem sido estabelecida com cuidado meticuloso. É bastante provável que o que é evidente como um fantasma é composto de apenas documentos transcritos: desenhos ou livros, figuras ou textos. Mas o que as cadeias de série são reguladas por uma composição complexa, que determinado local atribuído a cada um dos elementos documentais, faz aparecer em várias séries simultâneas. O visível ao longo dessa marcha linha passado pecados, heresias, deuses e monstros não é nada mais do que a superfície superior de uma organização vertical inteira. Essa sequência de números que são empurrados como uma farsa fantoche, é ao mesmo tempo: trindade canônica de virtudes; geodésica da cultura, elevando-se nos sonhos de morrer no Oriente e no conhecimento ocidental; história retorno à origem do tempo e as coisas; pressionando o espaço se expande para os confins do mundo e de repente cai sobre o elemento de vida simples. Cada elemento ou cada figura como tem o seu lugar não apenas em um desfile visível, mas também na ordem das alegorias cristianas, no movimento da cultura e do conhecimento, na cronologia invertida do mundo, configurações especiais do universo¹³. (FOUCAULT, 1974. p.507)

No percurso do desenvolvimento desta dissertação, analisou-se os sistemas de classificação bibliográfica à luz do conceito de formação discursiva de Foucault, assumindo que os dispositivos de representação da informação não se referem a instrumentos neutros e desarticulados do tempo histórico no qual foram concebidos. Tal proposta considerou que procedimentos de controle do discurso promovem a legitimação de uns discursos em detrimento de outros, e assim favorecem a naturalização de perspectivas e a ausência de outras em sistemas que tem a pretensão de ser aplicados universalmente. Buscando destacar essa naturalização de discursos, a pesquisa adotou como objeto empírico a classe Religião da CDD e CDU aliando a cinco narrativas de sujeitos com orientações religiosas distintas.

¹³ En esta obra que a una primera mirada da la impresión de estar constituida por una serie un poco incoherente de fantasmas, el orden, como se puede ver, ha sido establecido con un cuidado meticuloso. Pero la serie que lo encadena se halla regulada según una muy compleja composición, que asignado cierto lugar a cada uno de los elementos documentales, los hace figurar en varias series simultáneas. La línea visible a lo largo de la cual desfilan pecados, herejías, divinidades y monstruos no es más que la cúspide superficial de toda una organización vertical. Esta sucesión de figuras que se empujan como en una farsa de marionetas, es al mismo tiempo: trinidad canónica de las virtudes; geodésica de la cultura, naciente en los sueños del Oriente y agonizante en el saber occidental. Cada elemento o cada figura tiene pues su sitio no solamente en un desfile visible, sino también en el orden de las alegorías cristianas, en el movimiento de la cultura y del saber, en la cronología invertida del mundo, en las configuraciones especiales del universo. (FOUCAULT, 1974. p. 507)

Assim, em um primeiro momento, foi direcionado a abordagem para a análise do arranjo classificatório da classe Religião para, em seguida, eleger categorias do discurso em conformidade com a CDD e CDU. Tal categorização possibilitou verificar as descontinuidades, os tipos de encadeamentos, as formulações enunciativas e a identidade e persistência de temas, e assim, constatar que os arranjos classificatórios foram moldados de acordo com a ordem do discurso cristão. As relações discursivas não são internas ao discurso, mas sim exteriores; são fronteiriças, ofertadas para serem reformulados em suas grades de especificação. Dessa forma, os discursos são legitimados e naturalizados pela ordem discursiva cristã, ou seja, discursos tomados como verdades.

De forma complementar, analisamos as narrativas dos sujeitos em princípio individualmente e posteriormente comparadas. Observou-se que as falas reforçam que os SOC reverberam os discursos que privilegiam as Religiões cristãs, com ressalvas de algumas falas que apontam o esforço da CDU na tentativa de promover a diversidade de discursos. A análise permitiu a identificação de algumas similaridades discursivas entre o Babalorixá, o Cientista da Religião e o Espirita no que se refere a descontinuidade do discurso, que, por vezes, silencia discursos ou os desqualificam devido ao caráter oral da tradição.

Nos arranjos bibliotecários, identificou-se um espaço de representação cujo os procedimentos de interdição de discursos estão demarcados por hierarquizações e contextualizações pensadas desde a origem dos sistemas e ainda reiteradas nas novas edições. Com tal característica, o ponto que demarca a abordagem desenvolvida enfatiza que a transformação da produção do conhecimento e a movimentação sócio-histórica pode ser categorizada por sistemas de classificação bibliográfica que, ocasionalmente, reflete e dialoga pouco com as transformações em curso.

Similar aos fantasmas do ensaio “Biblioteca fantástica” de Foucault (1974), a ação discursiva pensada nos SOC pode introduzir uma biblioteca com discurso silenciados por “suas colunas de livros, seus títulos e suas prateleiras alinhadas o limite em todos os lugares, mas aberto no outro lado, cerca de mundos impossíveis”. Desse modo,

discursos classificacionistas, por vezes, parecem subjugar ou ignorar o papel imprescindível da mediação informacional.

Convém ressaltar que a abordagem pode ser útil na construção e/ou atualização, bem como, na utilização de sistemas de classificação bibliográfica: contemplar a dimensão discursiva nos SOC pode ampliar o escopo formativo dos profissionais da informação para que possam compreender os limites que o gesto classificatório representa e que nuances observadas nos enquadramentos classificatórios propostos podem contribuir para o esmaecimento de discursos e representações socioculturais plurais.

De fato, a marca da descontinuidade de discursos reverbera as formas de esmaecimento de alteridades e limitam as suas experiências. No caso da classe Religião, ao mesmo tempo que a leitura radical do sistema de crenças religiosas parece turvar os avanços do conhecimento, por outro lado, nota-se no campo dos SOC uma tendência dogmatizante que marca a descontinuidade ou esmaecimento de crença e deste modo distancia-se da neutralidade presumida dos sistemas de classificação bibliográfica.

Assim, partindo da proposta metodológica das formações discursivas Foucaultiana, aponta-se que da formação discursiva os SOC podem apoiar uma análise que considere uma base histórica e institucional capaz de permitir ou negar a representação de determinados discursos. E assim, compreender que os instrumentos de representação ocupam um lugar institucional (ou de controle segundo Deleuze) fazendo uso de enunciados que determinaram o campo do discurso segundo o interesse de cada trama sócio-histórica, política e cultural. Afinal, se os discursos emergem na prática social e nos enunciados em pleno funcionamento, os instrumentos técnicos de representação destes discursos não podem estar imunes a procedimentos de interdição e exclusão de discursos sem que reconheçam no jogo da verdade dos discursos.

Quanto aos resultados alcançados, primeiramente, a análise das grades de especificação do arranjo classificatório evidenciou que as formas hierarquizadas de apresentação de conceitos, por vezes, reverberam discursos que julga e elege apenas

um referencial religioso como válido. A análise das narrativas dos estudiosos e/ou especialistas de religião também apontaram para a questão do viés cristão predominante nas classificações bibliográfica. E aí surge a importância dos estudos de análise do discurso no campo da representação do conhecimento. Os sistemas podem ser afetados pela cultura, pelo tempo e pelo lugar de sua concepção. A CDD foi concebida sob à luz do puritanismo da época vitoriana, sua estrutura foi utilizada por Paul Otlet para a criação da CDU e ambas não se deram conta de que as marcas sócio-históricas e o jogo de verdades de discursos arcaicos ainda estão plasmados em estruturas revestidas do atual e do universal.

Com a nossa incursão nos discursos dos SOC, nomeadamente o esquema de classificação bibliográfica, emergiu a necessidade de mobilizar novas ferramentas que contribuam para a representação da informação do outro em sua diferença, ou seja, que a dimensão religiosa e cultural dos sujeitos seja considerada na estrutura destes sistemas. É necessário contextualizar as grades de especificação dos SOC e refletir sobre a potencialidade de representação de conceitos relacionados à diversidade cultural, religiosa e de gênero, que se referem à complexa teia das interações humanas e, portanto, social e culturalmente ancorados.

Referências

ALTHUSSER, Louis. Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado. São Paulo: Presença: Martins Fontes, 1980.

AMBALU, Schulamit, ...et al. **O livro das Religiões**. Trad. Bruno Alexander. São Paulo : Globo Livros, 2014.

ANJOS, L. **Sistemas de classificação do conhecimento na Filosofia e na Biblioteconomia: uma visão histórico-conceitual crítica com enfoque nos conceitos de classe, de categoria e de faceta**, 2008. 291 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo.

ARAÚJO, Carlos A.A. Fundamentos teóricos da classificação. **Enc. Bibli: R. Eletr. Bibl. Ci. Inf.**, Florianópolis, n. 22, p. 117-140, 2006.

BARBOSA, Alice Príncipe. **Teoria e prática dos sistemas classificação bibliográfica**. Rio de Janeiro, IBBD, 1969.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2002. 226 p.

BAUMAN, Zygmunt. **A cultura no mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

SOUZA, J.S. de. **Classificação: sistemas de classificação bibliográfica**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943.

BINGEMER, Maria Clara. **O mistério e o mundo: paixão por Deus em tempos de descrença**. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

BROUGHTON, V. The need for a faceted classification as the basis of all methods of information retrieval, **Journal of Information Management**, v. 58, n. 1/2, p. 49-72, 2006.

BUCHANAN, Brian. **Theory of library classification**. London: C. Bingley, 1979.

CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. O conceito de informação. **Perspectivas em ciência da informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, Apr. 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362007000100012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 1 mar. 2013.

DAHLBERG, Ingetraut. Teoria do conceito. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 101-107, 1978.

DELEUZE, Gilles. **Conversações: 1972-1990**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. Cap. Post-scriptum sobre as sociedades de controle, p. 219- 226.

ECO, Umberto. **O que crê os que não creêm?** São Paulo: Record, 2000. 160 p.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

ESTEIBAR, Belén Atuna (1-6 de octubre de 1984). Apuntes para historia de las ciencias de la documentación: la concepción leibniziana de una biblioteca. **Actas del III Congreso de la Sociedad Española de Historia de las Ciencias**, San Sebastian.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Ed. Unb, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: GEN: Forense, 2012.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga Sampaio. 23. ed. São Paulo: Loyola, 2013.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Trad. Salma Tannus Muchail. 8. ed. São Paulo: Martins, Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. La Biblioteca Fantástica. Eco. **Revista de la Cultura de Occidente**, vol. 37, n. 167, p. 490 – 508, 1974.

FROHMANN, Bernd (1994). **The Dewey Decimal Classification as technobureaucratic discourse**. Disponível em: <http://www.fims.uwo.ca/people/faculty/frohmann.html/> Acesso em: 04/12/2014.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC - Livros Técnicos e Científicos, 2013.

GIDDENS, Anthony. **O que é a sociologia**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GRESCHAT, Hans-Jürgen. **O que é ciência da religião**. São Paulo: Edições Paulinas, 2005.

GUERRIEIRO, Silas. História da Antropologia da religião. In: PASSOS, João Dárcio; USARKI, Frank. **Compêndio de ciência da religião**. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 243-256. GRESCHAT, Hans-Jürgen. **O que é a ciência da religião?** Trad. Frank Usarki. São Paulo: Paulinas, 2005.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

HALL, Stuart. Identidade Cultural e Diáspora. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n.24, p.68-75, 1996.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 103-133.

HISSA, Cassio E. Viana. **Entrenotas**: compreensões de pesquisa. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013.

GIL URDICIÁN, B. Lenguajes Documentales. In: LOPEZ YEPES, J; OSUNA ALARCÓN, M. R. (Coords.). **Manual de Ciencias de la Información y Documentación**. Madrid: Pirámide, 2006, p. 307-334.

GILL, Rosalind. Análise de discurso. In: BAUER, Martin W., GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 244-267.

Gnoli, Claudio. Facets in UDC: a review of current situation. **Extensions & Corrections to the UDC**, 33 (2011), pp. 19-36. Acesso em: 26-Jan-2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10150/236511>>

KARDEC, Allan **O que é o Espiritismo**. 56. ed. Brasília: FEB, 2013.

KAULA, Prithvi N. **Repensando os conceitos no estudo da classificação**. 1982. Acesso em: 26-Jan-2015. Disponível em: <<http://www.conexaorio.com/biti>> acesso em: 10 ago. 2013.

MACHADO, Roberto. **Foucault: a ciência e o saber**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

MAI, Jens-Erik. Marginalization and exclusion: unraveling systemic bias in classification. **Knowledge Organization**, n. 43. p. 324-330, 2016.

MANIEZ, J. **Los lenguajes documentales: concepción, construcción y utilización en los sistemas documentales**. Madrid: Pirámide, 1993.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. Rio de Janeiro: Parábola, 2015.

MIRANDA, Marcos L. C de. A organização do etnoconhecimento: a representação do conhecimento afrodescendente em Religião na CDD. In: **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, 2007, Salvador. VIII ENANCIB, 2007.

MOORE, Diane. **Overcoming Religious Illiteracy: A Cultural Studies Approach to the Study of Religion in secondary education**. England: Palgrave MacMillan, 2007.

OLSON, Hope A. **The power to name: locating the limits of subject representation in libraries**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 2002.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Ed. UNICAMP, 2014.

PIEDEDE, M. A. Requião. **Introdução a teoria da classificação**. 2. ed. Ver/aum. Rio de Janeiro: Interciência, 1983.

POMBO, Olga. Da classificação dos seres à classificação dos saberes. **Revista da Biblioteca Nacional de Lisboa**, Lisboa, n. 2, 1998. p. 19-33.

PRISCO, Carmen S. **As religiões de matriz africana e a escola: guardiãs da herança cultural, memória e tradição africana**. São Paulo: Ilê Asé e Instituto Oromilade, 2012. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/11/As-religi%C3%B5es-de-matriz->

africana-e-a-escola_apostila.pdf>. Acesso em: 15/11/2016.

RADFORD, G.P. (1998), "Flaubert, Foucault, and the Bibliotheque Fantastique: toward a postmodern epistemology for library science", **Library Trends**, v. 46, n. 4, pp. 616-34.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. Trad.: Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlo Piovesani. - São Carlos: Claraluz, 2005. 96 p.

SANTOS, Erisvaldo Pereira. **Formação de professores e religiões de matrizes africanas: um diálogo necessário**. Belo Horizonte: Nandyala, 2010. 227 p.

SIMÕES, Maria da Graça de Melo. **A representação de Etnia e a sua evolução na Classificação Decimal Universal**. Salamanca, 2010, 600 f.. Tese (Doutorado em em Biblioteconomia e Documentação). Departamento de Biblioteconomia y Documentación, Facultad de Traducción y Documentación, Universidad de Salamanca.

SOUSA, Renato Tarciso Babosa de. Os princípios da teoria da classificação e o processo de organização de documentos de arquivo. **Arquivo & Administração**. Rio de Janeiro: Associação dos Arquivistas Brasileiros. v.6, n. 1, jan. /jun. 2007, p. 5-26.

TEIXEIRA, Faustino. **O desafio do pluralismo religioso para a teologia latino-americana**, 2016. Disponível em: <[http:// http://fteixeira-dialogos.blogspot.com.br/2016/06/o-desafio-do-pluralismo-religioso-para.html](http://http://fteixeira-dialogos.blogspot.com.br/2016/06/o-desafio-do-pluralismo-religioso-para.html)>. Acesso em: 28 nov. 2016.

TRIVELATO, Rosana M. S., MOURA, Maria A. Formação discursiva, sistemas de classificação e o discurso estrangulado de Charlie Hebdo: impactos, desdobramentos e implicações na representação da informação da ciência da religião no século XXI.. In: **XII Congreso ISKO España II Congreso ISKO España-Portugal, 2015, Murcia. Organización del conocimiento: sistemas de información abiertos**. Murcia: Facultad de Comunicación y Documentación. Universidad de Murcia, 2015. p. 1-8.

USARKI, Frank. História da Ciência da Religião. In: PASSOS, João Dárcio; USARKI, Frank. **Compêndio de ciência da religião**. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 51-26.

VICKERY, Brian Campbell. **Classification and indexing in science**. 3. ed. London: Butterworths, 1975.

WIESEL, Elie. Prefácio. In: BARRET-DUCROCQ, F. et al. **A intolerância: Foro Internacional sobre a Intolerância**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

APÊNDICE A – Entrevistas

I Entrevista com o Babalorixá

O fenômeno religioso. Não é. Porque fenomenologia religiosa vai entrar filosofia, mas o fenômeno religioso entra em religião. O. Sociologia da Religião não entrar em religião. "Eclesiologia, Sacramentos, missões..." Realmente é um prejuízo. "Paganismo, Neo-paganismo". Até Wicca! Até Wicca tem! Eu fui visitar a biblioteca de Nova York, mas não tentei me atentei, eu teria olhado.

Nada de religião matriz africana, que horror. Gente o que é o racismo. Menina é difícil, nada. Alguns elementos vão contribuindo para reforçar uma certa perspectiva, essa por exemplo, não tem livro sagrado, não tem doutrina escrita, não tem.

Os Jesuítas me chamaram para dar uma disciplina sobre religiões de matriz africanas, no ano que vem, isso já é um elemento para mandar perguntar o que tem na Biblioteca sobre isso.

Não tem. Não tem. Lamentavelmente. E é isso, aquela história: a África não tem história, não tem religião, não tem nada. Assume as classificações dos valores religiosos dos colonizadores, ou permanecem na clandestinidade do ponto de vista religioso porque você põe um "Livro sagrado" e a tradição religiosa diz que não tem um livro sagrado; mas tem uma produção religiosa já bastante significativa não só no Brasil, quanto na África, quanto os Estados Unidos. Tem bibliografia de pelo menos mais de um século.

Se a gente conta do Brasil, a minha referência para falar do Brasil é de Nina Rodrigues que é "O animismo fetichista dos negros baianos" que é a primeira obra de 1890. Fez um século já a algum tempo, de lá para cá nós temos outros livros que embora possam estar colocados dentro do campo da antropologia mais eles representam uma produção sobre a experiência religiosa desses sujeitos. Quer dizer, este pesquisador tem feito uma tentativa de classificação, de organização, de codificação das práticas religiosas africanas elas deveriam estar colocadas numa organização relacionada a isso.

Então, é o racismo negando o lugar do outro. E aí como tem uma conversa de que é uma tradição oral. Então, portanto não tem uma tradição escrita, o que não é verdade também porque essa tradição escrita vem caminhando par e passo com a tradição oral. Que é uma forma de desqualificar o outro não é, porque não tem nenhuma tradição escrita que antes não tenho sido tradição oral. Não existe nenhuma, nenhuma. Todo nosso movimento de desenvolvimento cultural é marcado por essa passagem da oralidade escrita.

Tem até uma tese muito bonita que eu resenhei que tem o doutorado lá na Bahia que ela trabalha a oralidade e escrita. Ela mostra justamente como o tempo toda essa conversa de que é uma tradição oral, mas o tempo toda essa tradição oral está sendo escrita, está sendo codificada em cadernos que são passados. Tem um famoso caderno que atribuí a uma mãe de santo de Odum, que atribui a uma mãe de santo da Bahia e alguns dizem que um outro sacerdote teria passado a ela. Eles vêm sendo reproduzidos de manuscrita até o Mestre Ageonor resolver publicar assim que ele recebeu de uma mãe-de-santo lá ainda nas primeiras décadas do século XX. O caderno (...) e a essa americana trabalha um pouco isso, como é que o tempo todo os discursos ênicos foram se transformando em discursos é foram sendo legitimados da produção escrita de antropólogos que visitava essas comunidades e produzindo obras sobre que era a tradição. Contribuído inclusive para formar aquilo que se chama a pureza nagô no caso do candomblé lorubá que aí é uma forma de etnocentrismo, quer dizer isso é puro o outro impuro.

A história da pureza já está presente em Nina Rodrigues na primeira tentativa de classificação, apresenta alguns relatos de africanos chamando o Candomblé de Gantois de mistura no final do século XIX. Da Janela a África está lá: -Isso aqui é muita mistura. Bom é o nosso lá do Santo Antônio, isso aqui é crioulo, o nosso que é bom e verdadeiro. Isso lá da pureza, que o outro é sempre menos tradicional menos, menos puro, mais misturado.

Nas religiões que não tem texto escrito tem muito isso. A religião de matriz africana é a que mais sofre, tem disputas internas pesadas. O ritual não é assim, o verdadeiro

ritual é assim. Não dá para achar o verdadeiro ritual porque o verdadeiro ritual também foi uma recriação dos sujeitos. E os sujeitos continuam recriando as suas experiências e elas são legítimas. Enquanto sujeitos a estejam usando de uma boa fé, de um compromisso. Enquanto não estiverem tentando fazer isso para avacalhar mesmo a tradição. Você tem ali uma boa fé, um respeito, você no mínimo tem que respeitar. Mesmo os que você diga assim: eu não faço assim, mas eu não posso impedir que o outro faça assim. E não é o fato de eu não fazer assim que diz e o que eu faço é mais certo do que outro faz. "Agora você está relativizando demais, assim não tem tradição". Toda tradição por ser tradição aberta a mudança. Aí eles apelam para um tradicionalismo, aí chama a figura de fulano de tal. Só que você sabe muitas coisas que fulano de tal faz não tem nada a ver com que ele está chamando da verdadeira tradição. Aí você vai ficar brigando com a pessoa? Eu tenho preferido assim: Olha eu não vou discutir isso, eu sou um sujeito autônomo sei muito bem em que lugar eu estou nesta tradição e não vou ser desautorizado por você.

Na internet se a gente pegar, eu muitas vezes printo as discussões. Porque há uma discussão ainda sobre uma filosofia africana que os conceitos de filosofia vão permitir a existência nem de dogmatismo e nem desta forma repetitiva como os chamados tradicionalistas classificam a tradição. Quer dizer, só é filosofia aquilo que está aberta crítica e para os críticos, os que fazem a filosofia e a África, aquilo que faz em África não é filosofia porque os sujeitos não podem criticar a tradição. Mas não é verdade. Porque o fato de um tradicionalista no dado o momento bater o báculo dizer que é assim que faz um determinado ritual não quer dizer de que esse ritual não seja contestado, não seja feito diferente, não quer dizer que não haja no interior da tradição gente que divirja, faça diferente, se recusa a submeter, não quer dizer. É essa de vão. Essa discussão que está posta no que se refere a uma abordagem crítica de uma filosofia africana. No ponto de vista da religião é a mesma coisa. Os africanos quando vem nos terreiros de Candomblé, eles morrem de rir por que não tem isso em África e eles não consegue entender como é que isso se configurou dessa maneira. Porque é absolutamente diferente. Aí busca de autoridade, de prestígio e distinção alguns que tem recurso tem ido à África e feito rituais, iniciação para chegar aqui e dizer assim: olha eu fiz um ritual na África.

E agora mais recente se dissemina no Brasil o chamado culto a Ifá, você pode digitar na internet culto a Ifá, aí aparece algum sacerdote. Aí eles já começam criticando os rituais de Candomblé no Brasil porque não tem nada a ver com os rituais africanos. Aí novamente o apelo o verdadeiro ritual Africano é o culto a Ifá. Aí tem que aprender Iorubá tem que comprar todos os apetrechos rituais da África. Aí é crítica ao que se faz no Brasil. O Candomblé do Brasil é perseguido desde a sua organização mais primitiva, primitiva no sentido de primeira, tanto pela Igreja quanto pelo Estado, pela imprensa. Ele vem sub existindo numa série reinterpretações que enfrenta também os chamados tradicionalistas. Tem um clássico sobre o Candomblé no Brasil e uma da "A cidade das mulheres" da antropóloga americana Ruth Landes. É um clássico e faz com que algumas pessoas digam assim: O Candomblé uma religião eminentemente feminina, o sacerdócio é das mulheres. Por conta dessa produção. Só que o momento que essa produção está sendo construída e que ela elege os Candomblés mais antigos, o Gantois sobre tudo e ela é assessorada por Edson Carneiro, existiam vários terreiros de Candomblé coordenados por homens. E dentre esses terreiros coordenado por homem o mais criticado, o mais massacrado era de um homossexual bem despachado, sem medo de ser feliz que se tornou um dos grandes sacerdotes do Brasil que é o Joãozinho da Goméia.

É aí o presumido informante de Nina Rodrigues no final do século XIX a primeira metade do século XX está apontando: Olha lá, onde já se viu um homem de cabelo espichado e com aqueles trajes rebolando. Como é que o Orixá pode. Aqui entra a normatividade, a homofobia presente dizendo o que a tradição não permite aqui. E Joãozinho da Goméia que era já era famoso em trinta e oito em Salvador foi para o Rio de Janeiro e tornou-se no Rio de Janeiro um grande pai de santo. Ele teria morrido por um aneurisma que tinha desde criança, porque ele foi para o Candomblé por conta de uma dor-de-cabeça que tinha. Ele morreu em 69. Ele era de 1938 e morreu em 1969 ou 1970. Ele teve 30 anos, mais de 30 anos teve de vida. Para mim é uma espécie de paradigma, o diz que ele não foi iniciado, ninguém sabe que ele foi um pai-de-santo. O que não é verdade porque assim ninguém consegue apontar originalmente essa iniciação que a gente se refere, porque também só reconhece um tipo de iniciação. Não reconhece outros por exemplo, de raspar a cabeça, mas no Recôncavo sempre existiu outras iniciações que não raspava a cabeça. Foram

produzindo uma espécie ortodoxia, uma ortopraxia, assim é certo. E aí as outras pessoas outros rituais não são reconhecidos.

A diversidade das religiões de matriz africana, eu tenho chamado de Religiões brasileiras de matriz africana. Não são Religiões afro-brasileiras, são religiões brasileiras de matriz africana. Por que você tem uma diversidade imensa pelo menos oito rituais demarcadas pelo menos oito, não são só oito não. Você tem candomblé Ketu, Angola, Jeje, Efon e Jexá, as denominações aí depois você pega o Mina do Maranhão, que é um tipo de Jeje, mas eles se organizam de forma bem diferente do Jeje da Bahia, aí são seis, aí você pega o Terecô que é uma mistura de tradição indígena com a africana, também lá do Pará. Sete, aí você vai para o Batuque do Rio Grande do Sul, oito. Aí você vai para o Xangô de Recife, nove. Mas têm uma outra nação em Recife chamada Xambá, dez. Omolokô, esse que você tem uma iniciação que é muito diferente da nossa, eles também se auto denominam como nação, onze.

Aí depois você pega a umbanda nas suas variações. A Umbanda também não existe uma Umbanda, tem variações. Aí é muita coisa se for a levar a sério é uma classificação rigorosa é perda de tempo tentar fazer uma classificação rigorosa, porque é muito diversificado. Você diz Umbanda, mas aí você vai de uma Umbanda mais exotérica a uma Umbanda mais kardecista. De uma Umbanda mais africanizada a uma Umbanda mais misturada com elementos de tradições indígenas. Candomblé de caboclo que é outro, que quiseram apagar o candomblé de caboclo, quiseram acabar na Bahia. Eu estava numa banca de dissertação e a pesquisa falava de Candomblé eu disse candomblé né de Caboclo. Mas eles não falam, eles não falam porque estão assumindo o discurso que diz o que é que é certo. Por que já lá em Nina Rodrigues e a própria pesquisa da Ruth Langes, eles vão constituindo uma postura contrária ao Candomblé, algo que é eles chamam de Candomblé Caboclo. E aí vai às variações de Angola: Angola-Congo, Angola-Muxicongo ... está vendo? É muita. E as pessoas querem que eu engula uma ortodoxia uma ortopraxia, uma forma correta de fazer. Mas não cabe isso. Na Internet você vê as discussões. Antes não tinham esses recursos, nem de memória, nem linguísticos, nem de informação que existem hoje.

Quando eu cheguei aqui eu ia para um Candomblé de Angola agentes faziam saída de Iaô. Aí com tempo com a africanização na linguagem ficou a Saída de Muzenza, não de Iaô. É o acho ótimo que eles busquem as origens linguísticas, eu acho isso sempre bonito. Só que eu acho que está busca não pode ser feita em detrimento da experiência do outro, desqualificando o outro, oprimindo o outro. Eu acho que dá para as pessoas conviverem nas suas diversidades de prática. A pessoa que eu mais reputo conhecimento de Candomblé de tradição hoje no Brasil chama-se Júlio Braga que é um sacerdote um antropólogo também. E ele na verdade foi, o seu processo de iniciação no Candomblé se deu pelo caminho do estudo porque ele fazia filosofia e entrou na primeira leva de brasileiros que foram fazer intercâmbio em África com o apoio do Pierre Verge lá na década de 60. E Júlio é pai-de-santo, tem conhecimento da tradição daquelas Casas de Candomblé, da história e mais recentemente ele publicou o livro: Candomblé: cidade das mulheres e dos homens. Tentando discutir a Cidade das mulheres de Ruth Langes. Inclusive ele começa com uma carta que recebeu de Ruth Langes no início da década de 80. Mas o Júlio evita essa polemicas, ele trabalha muito com uma discussão antropológica, que reconhece a dinâmica das tradições. É ele o Orixá não incorpora e ele é sacerdote. Ele já é. Se apresenta não se apresenta como pesquisador, mas como sacerdote, baba orixá. Ele tem a produção desde a década de 70, mas que ganhou nacional no final de 80. Em 88 ele publicou Jogo de búzios no Candomblé da Bahia, que virou uma espécie de best-seller, estuda a diversidade de oráculos, das práticas um livro muito interessante. E ele evita entrar nessas discussões. Aí alguém diz aprendi com minha mãe-de-santo cantar assim. Ele diz, porque tem variações baba. Não é legal isso? Tem variações. O tradicionalista diria que ela ensinou errado. Tem variações.

A oralidade desde que permaneça com um sentido principal. Tem um canto para Oxum assim: "Oro mi má" outros cantam "maió" outros cantam "laió". Outro dia eu estou vendo um pai-de-santo dizendo que é "laió". Eu pensei vou perguntar para ele onde e lorubá. Tanto um quanto não muda o sentido; "maió" ou "laió" dizem coisas diferentes, mas não muda o sentido. Como se dissesse "você é bonita" e "você é bela", quase que sinônimo, mas é forma de se referir ao sujeito, a divindade. A pessoa que o pai-de-santo estava querendo corrigir estudava lorubá.

A casa de Candomblé mais antiga no Brasil ninguém conhece, dizem que é a Casa Branca. Ela é uma das mais antiga, mas a mais antiga, a mais velha, a primeira vocês não têm elementos que permita a você dizer isso. Eu digo a eles. Tem uma “baba” que diz "A gente nunca diz". Mas eles gostam de que é a primeira. A partir de qual dado, qual é o documento que permite dizer que é a primeira. Aí eles contam toda uma história, mas assim existiu de outra no Maranhão, o Brasil. Minas Gerais, as pesquisas que são feitas sobre o Candomblé, pasmem você, mas a própria história, a mais antiga está aqui em Minas gerais que tem a experiência e documento. Não é lá na Bahia. Ainda não se achou esse documento. Aqui é do século XVII e lá eles não têm um texto, um documento que comprove. Aqui tem vários em Ouro Preto um sacerdote perseguido pela inquisição. Depois tem um de Pernambuco, mas esse sacerdote era africano mesmo. Deportado de Angola para Pernambuco. Agora há outra pesquisa que aponta o terreiro mais antigo Casa de Oxumarê com 180 anos. Eu tenho que ler o livro e olhar no livro o registro.

É isso. Há uma dificuldade interna da tradição e que eu acho que isso vai refletir, de certa maneira, no olhar do outro para dizer assim: eles não se entendem então não vamos preocupar com eles não. O que não é verdade porque todas tradições elas comportam essas disputas.

II Entrevista como o Cientista da Religião

Como você, enquanto Cientista da Religião, observa os sistemas de classificação apresentados?

A percepção que eu tenho é a seguinte: A Decimal Universal [CDU], a primeira, ela tem uma visão um pouco mais ampla das religiões. Ela busca fazer uma divisão mais integrada da teologia cristã, com as outras teologias, com as outras religiões. Ele chama aqui de sistemas religiosos, crenças religiosas. Aí ele trabalha com outras religiões. Só que mesmo assim, a subdivisão se tem do cristianismo acaba sendo maior do que subdivisão que se apresenta para as Religiões. Mas é melhor que a segunda opção, Dewey [CDD], que é muito mais focado na religião cristã.

Até numericamente, [a CDD] tem mais descrições para o cristianismo do que para o que ele chama de "Outras Religiões". Ela é muito mais, eu chamaria de exclusivista, detalha de forma mais pormenorizada a religião cristã e reclassificar de forma geral, todas as divisões que estão aqui por baixo: Bíblia, Antigo testamento, Novo testamento.

[Na CDD], É toda uma estrutura pensada a partir do cristianismo. Uma classificação pensada a partir do Cristianismo. Ele não pensa, ele não rediscutiu. Ele põe assim tudo que é Hinduísmo fica aqui nessa numeração 294.5. Tudo que é Janaísmo, Budismo e tal, e não tenho a preocupação de dividir como ele fez no cristianismo.

Bom, entre as duas eu acho que a primeira é um pouquinho mais ... a gente podia chamar de inclusivista, está incluindo um pouquinho mais as reuniões, apesar de também partir do ponto de vista que o cristianismo, [ou] está priorizando o Cristianismo. Mas pelo menos inclui um pouquinho mais as outras religiões, dá uma atenção maior na forma de reclassificar outras religiões.

Essa segunda não [CDU]. A segunda é claramente mais exclusivista. Priorizam claramente o cristianismo com pequenas entradas aí para as outras religiões. O que ele chama exatamente de "outras", a gente podia chamar de "demais" religiões. Há uma discussão teórica entre outras e demais. Alguns falam que outras é num sentido mais pejorativo e demais religiões seriam mais Inclusivista. Só que alguns questionam e que acham é o contrário. Então, há uma discussão teórica dizendo que outras é

mais interessante e demais seria assim: as demais religiões. Eu acho que hoje tem mais peso chamar de demais que outras. O Faustino puxa um pouco essa discussão. Faustino Teixeira lá da Universidade Federal de Juiz de Fora, ele faz um pouco essa discussão e. Ele eu acho que prefere o termo demais religiões do que outras regiões. Porque outras religiões é como se fosse essas aqui são as melhores, agora tem as outras aqui também e ele prefere falar demais religiões, quer dizer tem o Cristianismo e demais religiões. Ele prefere porque o demais não coloca nem melhor nem pior. Então, demais religiões existentes. E aqui ele usa “Outras religiões”.

Então aqui faltaria a Ciências da religião. Qual é a diferença? A Ciência da Religião é você pensar o fenômeno religioso na sociedade usando as áreas ciências. Então, usa da sociologia, da antropologia, da Teologia para estudar o fenômeno religioso. Mas você não parte de uma tradição religiosa e fica só naquela tradição. Esse é o olhar da Teologia. A teologia tem uma visão do muito mais a partir de uma tradição religiosa, você analisa o fenômeno só a partir daquela tradição religiosa. E de maneira geral, a teologia supõe a fé, supõe a crença, você acredita em Deus, você acredita no que está trabalhando e estudando. Na Ciências da Religião não, você pode ter um cientista da religião ateu. Ou sem religião, ou participar de várias religiões, ou ter um vínculo com uma Religião.

Na Ciências da Religião, a ideia de juntar várias ciências: antropologia, sociologia, psicologia, teologia; como a teologia enxerga Deus, como a filosofia, a psicologia. Então são várias ciências, a história, a geografia falando da religião. Uma área multidisciplinar. Então essa é a nova área, é o que faltaria aqui.

Então nessa área Ciências da religião, o que eu pesquiso? A questão do pluralismo religioso do diálogo inter-religioso. Eu não vi isso explicitado aqui. Como nesta perceptiva e hoje são duas questões interessantes e importantes.

Você publica você acha que eles se enquadrarem.

Eu tenho trabalhado a questão do pluralismo religioso, que não é tanto teologia. A nossa área aqui tem teologia, mas hoje o nosso mestrado é em Ciências da Religião. Então a Ciências da Religião, semana passada teve autonomia, porque na CAPES a gente tinha: Filosofia subárea Teologia, Ciências da religião. A Filosofia são

quarenta e dois programas de pós-graduação, a Teologia e Ciências da Religião: vinte e um. Estávamos conversando sobre a chamada autonomia da área, áreas independentes. Conseguimos semana passada. Então a Filosofia vai ficar independente com uma coordenação específica e a Ciências da Religião e a Teologia vai ter uma coordenação específica que o Prof. Já começou a coordenação.

Então, o que é o pluralismo? Entender essa pluralidade religiosa, então tem teólogos e teóricos que estão estudando isso. Inclusive tem uma disciplina chamada Teologia do Pluralismo Religioso, que surgiu dentro do catolicismo, não, dentro do cristianismo católico protestante, surgiu nos anos sessenta. Como entender o cristianismo na Europa naquela multiplicidade de religiões. Então, surgiu o primeiro ponto Teologia das religiões. Nos anos noventa passou a ser teologia do pluralismo religioso. Aí que surgiram os paradigmas que é o exclusivismo, inclusive e pluralismo. Então o exclusivismo é isso: a ideia que só a Igreja salva, só a Igreja Cristã salva. Daí vem a ideia só a minha Igreja que salva. Por quê? Porque ali é onde Deus se revela. O segundo, o inclusivismo, você não precisa estar dentro da igreja, ser batizado. Por quê? Porque a fé é em Jesus Cristo, um segmento de Jesus Cristo salva. Agora a primeira, só a Igreja que salva, você tem que ser batizado. o segundo só Jesus, a fé, é a que você acreditar nos valores evangélicos você já tem a salvação. O terceiro é chamado pluralismo. Todas as religiões têm autonomia. Todas as religiões têm estão em pé de igualdade nenhuma é mais verdadeira que a outra, toda religião é verdadeira porque Deus está presente nela. O Jesus Cristo importante? É. Para quem? Para o Cristianismo. Buda importante? É. Para quem? Para os Budistas. Cada líder é importante da sua tradição. É uma referência para outra, mas é processo, ele ajuda na "salvação" para o fiel daquela tradição religiosa não da outra. Então mudou, mudou a concepção. Isso é Ciências da Religião a partir da Teologia. Erguendo as várias religiões.

Eu poderia dizer que estes sistemas de classificação estão privilegiando as crenças religiosas?

Estão privilegiando as crenças religiosas a partir de cada tradição religiosa e não a partir das Ciências da Religião. Porque as Ciências da Religião é estudo do fenômeno religioso independente de ter fé ou não ter fé. Nas Ciências da Religião a gente usa destes textos todos para estudar a religião. Por exemplo, vou estudar o hinduísmo,

vou estudar as religiões, vou pegar livros do hinduísmo e vou estudar. Agora o que é próprio da produção das Ciências da Religião não está contemplado, que seria uma outra conversa. Como o cientista da religião analisa o hinduísmo, o budismo. Como ele trabalha o diálogo, o pluralismo. Ai, por exemplo, como um antropólogo vai fazer uma leitura da antropologia da religião. Por isso é as Ciências da Religião. Como um filósofo vai fazer essa religião na sociedade. Por exemplo a análise do Censo de 2010 no Brasil, você tem teólogos fazendo análise, historiadores fazendo análise e tem cientistas da religião fazendo análise, onde ele pega, não pode falar de maneira neutra porque não existe, mas ele pega as várias ciências, as várias religiões para tentar entender como que há essa mobilização, essa mobilidade religiosa no Brasil. Então é uma análise diferente da teologia. Porque a teologia supõe fé e alguém de dentro de uma tradição religiosa fazendo análise daquela própria tradição. Quando um teólogo faz de uma outra religião ele geralmente puxa sardinha para a religião dele, vai criticar a outra tradição religiosa. Agora o cientista da religião não, o cientista da religião vai fazer um estudo comparado das religiões, não dizendo que o cristianismo é melhor do que o islamismo do que o judaísmo. Vai fazer um estudo comparado, vai pegar temas e estudar as três religiões a partir de temas específicos. Ele não pode priorizar um detrimento da outra. O teólogo, normalmente, acaba puxando sardinha para a brasa dele, porque as vezes ele nem interessa pelas outras religiões.

Tem textos de cultura religiosa, a gente dá aulas de cultura religiosa, aí tem católicos que escrevem textos de cultura religiosa, então quando ele fala de cristianismo maravilha. Agora quando ele escreve sobre outras religiões ele parte sempre do princípio cristão e vai criticando o que existe nas outras religiões. Mas é um teólogo. Teólogos católicos escrevendo sobre outras religiões.

E as outras religiões?

O espiritismo, o que chama hoje de espiritualismo científico, são as práticas esotéricas de hoje, pega um pouquinho o que é positivo nas religiões, nas grandes religiões tradicionais e vão criando coisas novas também não está contemplada. Práticas esotéricas de hoje, xamanismo.

Algumas religiões tendem a ser chamadas como primitivas, mas não no sentido de primeiras.

Outra questão, que a religião afro brasileira, tem mais sociólogos, antropólogos escrevendo do que eles mesmo. São pouco deles mesmo escrevendo, porque é uma religião mais oral, religião menos de escritos, de textos sagrados. Tanto há uma discussão de como é importante colocar em textos, registrar essa crença que eles têm. A prática que eles fazem, transformar isso em texto sagrado. Só que na visão deles não tem que fazer isso não, porque a tradição é uma tradição oral. As outras sim, as outras tem textos. Então é até é uma discussão porque eu tenho que me "converter", me reverter as outras religiões e transformar o que a gente oral em escrito.

Alguns espíritas se consideram cristãos outros não, tem uma discussão dentro do espiritismo que em todo caso tinha que estar aí. Porque ele é ciência, filosofia e religião. [apresentei o espiritismo na tabela de Filosofia] Isso acaba discriminando.

[Cultos afro e relatei a maior parte está em folclore] em algumas listas aparece como cultos primitivos, o afro-brasileiro: candomblé, umbanda. Eu acho que teria que trabalhar então. Porque são duas tabelas que parte do princípio o cristianismo e das grandes religiões. Então desconsidera as religiões menores e sobretudo as que tem surgido ultimamente.

E outra coisa, não leva em consideração a Ciências da Religião. Hoje, teria que teria outra escala aqui, teria a Ciências da Religião, que é uma outra produção independente da teologia. Na área da capes hoje está junto ciência da religião e teologia. Mas como separou agora da filosofia logo, daqui a um tempo vai separar também teologia e ciências da religião. No momento que criar mais cursos de ciência da religião no programa de pós-graduação provavelmente vai separar a teologia de ciência da religião. Hoje, está junto. Então aqui caberia colocar a Teologia e ciência da religião ou teologia e ciência da religião. A área é ciência da religião e teologia, que são focos diferentes de trabalhar. A temática é a mesma, mas a maneira de abordar que que é diferente. Você entendeu? A teologia é dentro de uma tradição religiosa a Ciência da religião é a partir da ciência. Como que as ciências analisam o fenômeno religioso. Ai não importa se tem fé ou não tem fé, usa do instrumental metodológico científico para analisar o fenômeno.

As duas [tabelas] privilegiam o Cristianismo só que a segunda [CDD] ela privilegia mais, essa aqui [CDU] leva mais em consideração as outras, ela subdivide o judaísmo,

a Decimal universal, ele subdivide ela pelo menos leva um pouquinho mais em consideração.

Teria que ver como ele divide as quatro religiões mundiais: Cristianismo, Islamismo, Judaísmo, Budismo. Se ele em a mesma coerência de divisão.

Dentro da Teologia, você tem a doutrina, tem a Bíblia, tem Igreja. Trabalha bem a teologia, provas. Lendo as classes auxiliares

Criador entraria em Messias por exemplo, por exemplo Jesus estaria aqui em fundador.

A produção do conhecimento na área de Ciência da Religião é ampla e internacional também, no Brasil ela é nova, mas é internacional. Na verdade, no mundo todo ela é nova, inclusive tem programas de pós-graduação no mundo todo, no Brasil são 21, entre ciência da religião e teologia. Só em teologia deve ter uns 8, em ciências da religião. Tem mais programas de mestrado e doutorado em Ciências da religião do que teologia. É uma ciência que está crescendo.

O enfoque é estudar abrir o diálogo com as religiões, de estudar o fenômeno religioso não só a partir de uma tradição religiosa. Mas estudar a partir de várias. Apesar que o foco ainda é muito dentro do Cristianismo. A Ciências da religião do Brasil ainda está muito voltada para o Cristianismo. Por que a realidade brasileira ainda é uma realidade Cristã. Pelo senso 86 por cento é de católicos e protestantes. Então é uma realidade crista. E os programas refletem isso. Então o corte é muito pelo cristianismo. Só que é diferente da Teologia, não parte de uma religião só. Você tem um viés da teologia cristã, mas não é o único. Tem inclusive programas de ciência da religião em federais que não tem nenhuma vinculação crista, confessional.

III Entrevista com o Espírita

O caráter do espiritismo, então a gente tem o Espiritismo no Brasil classificado como religião. Não é correto nem incorreto, é insuficiente. A grande maioria dos espíritas no Brasil, tirando a corrente dos Espiritismo laico. Em parte, religião, em parte filosofia em parte ciência. Tem gente que acha que é possível fazer estas três coisas ao mesmo tempo, eu acho que não é possível fazer estas três coisas ao mesmo tempo porque são coisas diferentes, são formas de construção do conhecimento diferente.

A referência maior que a gente tem no Brasil são as obras de Allan Kardec, ele extremamente influente no pensamento espírita. Ele é como se fosse assim um consenso. Ele foi a primeira pessoa a elaboração de doutrina a partir dos fenômenos espíritas. Ele é muito lido e estudado. No Brasil ele é considerado referência. Mas acho que nenhum Espírita entende os livros dele a não ser inconscientemente, como um livro sagrado, algo que é fruto de uma revelação, algo que não pode ser mexido de jeito nenhum, que não pode ser transformado. Então se você classificar os livros de Kardec como "livros sagrados" a gente vai achar pelo menos esquisito. A tendência nossa Espíritas é querer que não seja colocado como um livro sagrado, ou como escritura. Então, essa classificação aqui (CDU) para nós é esquisita.

O espiritismo tem uma inserção dentro do pensamento cristão, que também é fruto de polemica, porque nós espíritas não aceitamos, por exemplo, a doutrina da trindade. E tem cristão que acha se você não aceita a doutrina da trindade, logo não é Cristianismo. É engraçado, porque a doutrina da trindade não era aceita pelo movimento cristão nos primeiros séculos. Eu duvido que alguém vá dizer que Pedro não era cristão. Ou que os primeiros pais da Igreja não eram cristãos, porque o dogma da Trindade vem do Concílio de Niceia ano 300 por aí. Então existe uma leitura Espírita sobre o Cristianismo, uma interpretação dos pensadores Espíritas em cima do pensamento cristão que é muito valorizado do ponto de vista ético e moral pelo espiritismo, mas também seria engraçado.

"Figura Central da Fé, Pessoas na Religião, Messias, Mártires. "Fica um negócio meio "esquisito", é muito esquisito para nós falar: mártires Espíritas. Embora tenha havido

muitas perseguições. Eu mesmo tenho artigos sobre isso, mas enxergar como mártires é esquisito para nós.

"Acetas, Heremitas, Faquires, Santos, Bondi." Eu acho que na cultura brasileira até a gente vai encontrar o brasileiro faz uma delimitação clara entre as Religiões, gosta de misturar. Alguém achar que Chico Xavier é um santo, por exemplo. Qualquer estudioso Espírita não procuraria Chico Xavier na categoria de Santo. Não faz sentido para nós. Tem até um livro "Chico Xavier: um santo dos nossos dias", mas não faz sentido para nós.

Para nós é muito esquisito e tem determinadas categorias de compreensão do mundo espírita, por exemplo, obsessão influência de espíritos sobre outras pessoas, isso é objeto de uma produção de conhecimento. A gente vai pesquisar isso, aqui eu não tenho categoria para pesquisar isso. Mediunidade onde eu pesquisaria? Você tem uma visão bem científica da mediunidade, o que acontece com a fisiologia do corpo durante um transe mediúnico? Você concorda comigo que isso é fisiologia, é ciência? Concorda que isso não é Religião? Eu peguei meia dúzia de médiuns, coloquei eles na tomografia computadorizada e analisei o funcionamento do médium e de uma pessoa escrevendo e achei diferenças, isso é Ciência. Concorda? E onde você classificaria isso? Na Fisiologia?

Você pega coisas, por exemplo, a tese da Dora Incontri. A Dora Incontri tem uma tese onde ela estuda Comenius e Rousseau como precursores do pensamento de Kardec. Isso é o que? É filosofia? Tenho certeza que é filosofia.

[indicamos as classes do Espiritismo nas tabelas]

Ai, para nós incomoda, porque se um filosofo quiser discutir século XIX, quiser ver a questão do espiritismo junto com os pensadores da filosofia ele não vai pesquisar em Ocultismo, ele não vai localizar esse documento em ocultismo. Teria que ser algo amplo, algo que permite. Esse é um problema de agora que no futuro não vai ter problema não porque o problema que as classificações têm como é que eu coloco livro na estante e no futuro não vai ter isso. o que eu acho Vai ficar mais fácil adotar

uma forma de classificação uma forma de classificação que você pode colocar categorias muito diferentes, um do lado da outra, no mesmo livro. Então, uma informatização.

A gente tem um pessoal do movimento Espírita, igual o Haroldo Dutra, ele está recuperando originais do pensamento hebraico para entender, ele fez uma nova tradução do Novo Testamento, material grego mais recente, ainda nos Atos dos Apóstolos. Ele está terminando de fazer o trabalho, ele publicou até os Atos dos Apóstolos. Está fazendo uma pesquisa dentro do Judaísmo para poder fazer uma adaptação dos evangelhos. Onde você classifica aí? Vai ter que juntar áreas diferentes! O Evangelho Segundo Espiritismo fica assim: o espiritismo e o evangelho. Agora nele (trabalho do Arnaldo Dutra) está o original o documento bíblico as tradições orientais as tradições judaicas cristãs e o pensamento Espírita. Então ...

Eu fui em um Congresso agora irmã Aila ela foi falar sobre este tipo de abordagem, Congresso Espírita. Então pessoal da área médica Espírita. Então, se eu fosse fazer uma pesquisa dentro do espiritismo esse negócio aqui para mim não seria muito útil. Como eu pesquiso eu a Gálica, por exemplo, eu vou direto para os autores ou eu tento digitar assunto para localizar títulos de livros. Eu não consigo recuperar, eu não acho útil recuperar com esse tipo de classificação não. Pessoalmente, talvez falte para mim conhecimento, falte intimidade com a classificação.

O que eu mais sinto falta são temas, são conceitos, são ideias centrais que são importantes no pensamento espírita, importantes na doutrina espírita e que a gente não encontra marcador nem nome, nem número, nem nada. A gente que tem que sair juntando os livros, separando para poder recuperar quando você quer pesquisar um tema, quer pesquisar um autor, você quer estudar um tema, ver como diferentes autores abordam determinado tema.

[Fazendo referência as subdivisões especiais da Classe Religião da CDU]

E esse "Livros Sagrados" (na CDU), aí teria que ser "espiritismo-livros sagrados", vamos supor que existisse (Espiritismo existisse na tabela) aí eu conseguiria resgatar

os Livros Sagrados Espíritas, é isso né. Eu não teria que pesquisar todos os livros sagrados para poder ir separando os Espíritas aqui não, né?

Você põe Teoria do espiritismo. Natureza do espiritismo. Fenômeno Espírita. O divino, O Sagrado, ok. O Sobrenatural. Objetos de religião: esquisito. Objetos de culto: esquisito também. Deus: ok. Natureza de Deus: a gente acha que não sabe, ficaria vazio para nós. Universo. Natureza do Universo. Cosmologia: ok. Homem. Humanidade. Condição humana.: ok. Antropologia das religiões, antropologia do espiritismo: ok. Isso aqui ajudaria em parte.

Ninguém pesquisa desse jeito assim: Deus. As pessoas pesquisariam, Cosmologia, talvez, Universo: sim. "Livros sagrados": não. Literatura secundária: ok. Obras pseudocanônicas: é ótimo [ironia]. Obras críticas: ok, uma crítica no sentido mais amplo, não no sentido de oposição.

Aqui tem muita coisa. "Outros textos religiosos". "Pessoas na religião": você teria que colocar médiuns, pesquisadores, são estas categorias que a gente entende que são... eu até poderia colocar aqui codificador, mas até isso é discutido no movimento Espírita, se ele era mero codificador, se ele era um "fundador," se ele era, o que que ele era? Concepção Espírita de Jesus, por exemplo, talvez, não num é "Messias" no sentido de um messias, de um ungido, de um esperado. Isso quase não faz sentido para nós.

Comportamento moral. Teologia moral: faria sentido. Costumes e prática social. Caridade. Apoio aos outros. Atividades pastorais: isso é meio católico demais. Teologia pastoral em sentido lato: esquisito para nós. Educação religiosa, educação Espírita: faz sentido, pedagogia Espírita, educação Espírita. Veneração. Culto. Rituais e cerimônias: para nós não faz o mínimo sentido isso aqui, então um campo vazio. Agora, há pessoas que dizem: eles fazem oração, então coloca oração aqui em Culto ou em Rituais.

(CDD) Eu não me vejo nisso, nessas categorias. Eu não me vejo mesmo!

Eu tenho uns pedacinhos que com boa vontade pode ser que a gente se enxergue neles. Se o Espiritismo estivesse aqui e ele não está aqui. Agora não sei se isso é bom ou ruim.

Quando a gente escreve livro, isso se torna uma camisa de força. Porque você produz o livro e manda para a Biblioteca Nacional. Faz a ficha catalográfica e você tem que se encaixar nessas categorias aqui. Aí, a gente nem olha a ficha catalográfica, porque se for livro sempre vai aparecer 133.7.

IV Entrevista com o Evangélico

Sobre a tabela CDD e se ela tem alguma evidência com a minha religião. Eu diria que sim. Daria o exemplo da Bíblia. As Igrejas Evangélicas, elas têm a Bíblia como a sua base, como regra de fé. Como o algo que deve ser obedecido. Como algo que deve ser entendido. Como vontade de Deus, como o desejo de Deus. A palavra de Deus. As respostas de Deus. Como a Bíblia tem todo o significado das Igrejas Evangélicas. Então é possível dizer que nesta classificação e já na questão da Bíblia tem tudo a ver com as Igrejas Evangélicas. Outro ponto são acha que cabe como evidência bem interessante é a teologia moral. Eu faria uma associação da Bíblia com a teologia moral. Nas Igrejas Evangélicas a gente observa muito a ligação da moral através da Bíblia, quer dizer a bíblia é uma forma é o meio é um meio de moralizar os fiéis, de moralizar aos membros da Igreja. Muitas dessas questões de moral nas igrejas evangélicas vêm de conceitos bíblicos ensinados. Além de dos clássicos: "não matarás", "não roubarás". Existe também muitas igrejas evangélicas que pregam uma moral através das vestimentas. Através dos costumes. Através da do que comer, dos alimentos. Então, tudo com base na Bíblia nem pregam textos bíblicos e daí formam uma moral onde os fiéis acreditam e seguem essas determinações. Se você for observar já se tornam costume, já se torna uma moral daquele lugar naquela comunidade religiosa.

Uma outra, eu citaria também a história do cristianismo. Nas igrejas evangélicas ainda que a história do cristianismo não seja muitas vezes estudada, mas na parte da teologia as igrejas que buscam ensinar seus fiéis, seus membros a Teologia parte da história do Cristianismo é levada em conta. Desde da reforma protestante, Martin Lutero, algumas igrejas por exemplo focam os seus fundadores como se for um presbiteriano focará Calvino. Se for um metodista focará a história do Wesley. Então cada igreja busca também dentro da história do cristianismo falar o geral, também foca seus fundadores e também Martin Lutero. E por último colocaria também a de das denominações cristãs, as igrejas evangélicas é plural, existe várias denominações. Cada de mas denominação, ou cada linha dessas denominações segue uma corrente, uma doutrina específica. Acreditando baseado nos seus fundadores, no que os seus fundadores acreditam.

Na tabela CDD tanto quanto na tabela CDU eu observo que as questões relacionadas a denominações cristãs, Cristianismo, Igreja, uma dificuldade talvez sobre a atualidade das Igrejas Protestantes. Essa diferenciação que existe protestante como por exemplo Igrejas Clássicas ou as Igrejas chamadas tradicionais é diferenciada com as Igrejas Pentecostais, depois as Igrejas Neopentecostais, isso não aparece dentro destas tabelas. Apesar de serem Igrejas Protestantes, há um diferencial no que é ensinado, no discurso no que é colocado como valores, como moral. Então, essa diferenciação apesar dessa diferenciação de serem Igrejas Protestantes Evangélicas é evidente para os Evangélicos para os Protestantes e a tabela não consegue diferenciar isso. De forma geral, coloca estas questões de denominação, de Cristianismo, de denominações cristãs. Então, eu não observo uma diferenciação para estas questões que para dentro do contexto Protestante, dentro do contexto Evangélico é evidente, é real. É interessante também observar também dentro denominação Protestante existe Igrejas e denominações que os próprios Protestantes não reconhecem, por exemplo, testemunha de Jeová e Adventistas dentro da doutrina, dos ensinamentos protestantes muitas Igrejas, muitos ensinamentos Protestantes não reconhecem ou discutem os Testemunhos de Jeová ou Adventistas como sendo Evangélicos, dentro do contexto Evangélico, dentro da doutrina evangélica, dentro da doutrina Protestante. Para muitos são Religiões, denominações diferenciadas, ou seja, são outras Religiões. Então eu não observei dentro deste contexto protestante que eu estou defendendo, dentro das tabelas esta preocupação ou essa identificação dessa diferenciação protestante, das igrejas clássicas dos pentecostais, dos neopentecostais. Eu acharia isso muito importante como uma pessoa que estudaria as Religiões.

Fale quanto a produção do conhecimento?

Sobre a questão de produção de conhecimento, as Igrejas Evangélicas nas suas diversas denominações, a maioria delas, tem uma preocupação com o conhecimento. A maioria das Igrejas Evangélicas buscam incentivar a leitura, ao conhecimento aos estudos. Mesmo que seja no contexto religioso há essa preocupação. Isso vem desde de Martin Lutero. Martin Lutero, ele incentivou a leitura bíblica. Martinho Lutero, um dos fundamentos dele é a leitura bíblica, é o um conhecimento bíblico. Martinho Lutero

era um homem muito culto e ele traduziu a bíblia para o alemão e isso se tornou cultural para os evangélicos. Tanto que nas igrejas evangélicas existe uma preocupação com as diversas idades, existe material para crianças, existe material para jovens, existe material para adultos e para a terceira idade. Existe e é um mercado amplo. Se procurar em pesquisas, tem pesquisas que mostram que os evangélicos leem mais, estudam mais do que outras denominações [religiosas]. Pois, é incentivado isso dentro das Igrejas.

V Entrevista com o Padre

Qual a sua percepção dos sistemas de classificação apresentados?

O primeiro sistema (CDD), que você me apresenta aqui e ele de fato tem uma perspectiva Cristã. O Cristianismo realmente ocupa a maior parte dos itens e há uma preocupação principalmente com a Teologia Cristã. Então, todas as categorias aqui praticamente são relacionadas ao Cristianismo, a Teologia Cristã. Enquanto que este outro que a Classificação Decimal Universal e ele praticamente é mais na linha das Ciências da Religião, coloca o estudo das religiões comparadas e o cristianismo entra como uma delas. Então, há uma mudança de metodologia uma mudança de foco de um para com o outro.

Aí certamente tem vantagens e desvantagens em cada um. Neste primeiro aqui (CDD) a questão do Cristianismo é uma vantagem, a escolha dele nesta perspectiva para uma perspectiva mais aprofundada da Teologia Cristã, ele consegue mais pelos títulos e temas aqui, aprofundar questão do Cristianismo. Enquanto este outro (CDU), a questão do Cristianismo, penso, que para um aprofundamento ela ficou um pouco a desejar. Mas, já em relação a outras religiões o aprofundamento deste modelo segundo sistema ele é mais profundo do que o primeiro. Eu acho que também a questão para dar um aprofundamento as escolhas são decisivas de um e outro. Eu também penso que a nível de opção por um sistema que dê um diálogo entre as religiões este segundo (CDU) o que é melhor, porque a questão, também, dos livros sagrados, da história, daquela determinada religião, a questão da natureza da própria religião aqui é tratada de uma forma de um diálogo. Enquanto que o primeiro (CDD) praticamente trabalha o Cristianismo e o diálogo não aparece tanto quanto neste segundo. Você tem vantagens e desvantagens.

Com relação à produção do conhecimento na área de teologia. O seu tema de pesquisa estaria melhor representado por um ou por outro sistema.

A nível de Teologia, como teólogo falando, eu penso que esse sistema que você me apresenta primeiro (CDD), ele é melhor porque eu trabalho, enquanto teólogo, naquilo

que é específico mesmo do cristianismo: a questão da revelação divina, a fé cristã, os tratados de cristologia, eclesiologia, mariologia, antropologia cristã. Então, nesse primeiro sistema (CDD), pelos títulos, está muito bem desenvolvido. Até mesmo aqui entra a questão dos sacramentos, eclesiologia, missiologia. Você percebe que tem um afunilamento, um aprofundamento que chega em detalhes e por fim trabalha-se as questões das outras religiões.

Enquanto teologia nesse o segundo modelo aqui (CDU), ele que daria para trabalhar a questão do trabalhar o diálogo ecumênico e inter-religioso, mas não tanto o interno do Cristianismo. Então, eu diria assim: este segundo aqui fica mais a nível de teologia. Ele trabalha um pouco na porta do edifício teológico que é um diálogo com a cultura do diálogo com as outras regiões o diálogo inter-religioso ecumênico, são temas de fronteira que a gente diz assim na teologia. Então, está na fronteira. Então, responde muito, porque a Teologia tem uma parte dela importante hoje, que é o diálogo ecumênico e inter-religioso, o diálogo com a cultura, a preocupação com o pluralismo cultural, pluralismo religioso. Então, isso é uma preocupação muito grande da Teologia, mas é um tema de fronteira.

Enquanto que outro modelo, sistema (CDD), ele já aprofunda no interno do edifício teológico, não fica tanto na fronteira, mas ele fica mais preocupado com o interno. A gente diria assim: a questão dogmática da Teologia ela está mais estampada aqui. Enquanto, nesse outro (CDU), não tanto dogmática, mas a questão da teologia fundamental que é trabalhar com a fronteira, temas de fronteira.

Termo Outras Religiões

A abordagem desse primeiro sistema (CDD), que parece que coloca um pouco um apêndice. E aí se for abordar hoje o diálogo inter-religioso, o diálogo ecumênico entra essa questão plural religiosa do respeito, do aprendizado com o diferente, o diferente que pode gerar unidade e não disputa, intolerância. A diversidade que gera comunhão e não divisão. Eu diria que este segundo sistema aqui (CDU), ele responde melhor a essa temática contemporânea, mais que o primeiro (CDD). Porque ele não coloca como um apêndice, mas sim como algo do diálogo mesmo, que é o colocar-se diante

do outro, aqui vem isso bem delineado. O respeito, a procura de conhecer o diferente, não apenas como o diferente.

ANEXO A – Esquemas de Classificação

CDD 22

200 – Religião

- 200.1 – Valores, princípios
- 210 – Filosofia e teoria da religião
- 211 – Conceitos de Deus / Fé
- 211.8 – Ateísmo
- 212 – Existência, conhecimento E atributos de Deus
- 213 – Criação e evolução do homem
- 215 – Ciência e religião
- 218 – Gênero humano (incluindo imortalidade)

- 220 – Bíblia
- 220.7 – Estudo da Bíblia
- 220.9 – Bíblia – Atlas histórico / Descrição e geografia bíblicas
- 220.93 – Arqueologia bíblica
- 221 – Antigo Testamento
- 225 – Novo Testamento
- 226 – Evangelhos e Atos dos Apóstolos
- 227 – Epístolas
- 228 – Apocalipse
- 229 – Trabalhos Apócrifos, Pseudoepígrafos, Intertestamentais

- 230 – Cristianismo / Teologia Cristã / Mitologia cristã
- 231 – Deus
- 231.1 – Santíssima Trindade
- 232 – Jesus Cristo, sua vida e sua família - Cristologia
- 232.91 – Maria como Mãe de Jesus - Mariologia
- 232.932 – José
- 232.964 – Sepultamento / Santo Sudário
- 232.97 – Ressurreição

- 233 – Gênero Humano
- 234 – Salvação e graça / Santificação
- 235 – Vida espiritual
- 235.2 – Santos
- 235.3 – Anjos
- 235.4 – Demônio
- 236 – Escatologia
- 238 – Credos, confissão das faltas / Promessas
- 239 – Polêmicas

- 240 – Moral cristã e teologia da devoção
- 242 – Orações / Preces / Literatura devota / Textos de meditação e

- contemplação
- 243 – Escritos evangélicos para pessoas e para famílias
- 246 – Uso da arte no cristianismo
- 247 – Mobiliário religioso
- 248 – Cristãos: experiência, prática, vida, misticismo, conversão, cultos e testemunhos
- 249 – Observância católica na vida familiar: preces, ritos, cerimônias familiares

- 250 – Ordens religiosas e igrejas locais
- 251 – Práticas
- 252 – Sermões
- 253 – Trabalho pastoral
- 254 – Administração da paróquia
- 255 – Congregações religiosas (para homens e para mulheres)
- 258 – Assistência religiosa / Pastoral
- 259 – Campanhas/ Cuidados /Campanha da Fraternidade

- 260 – Teologia social e eclesial / Organização do Cristianismo
- 261 – Papel da Igreja na sociedade
- 262.006 – Administração, organização
- 262.1 – Função e autoridade dos chefes da Igreja
- 263 – Observância dos dias e tempos próprios da Igreja / Celebrações
- 264 – Cerimônias / Ritos / Liturgia
- 265 – Sacramentos
- 266 – Missões / Comunidade Eclesial de Base / Evangelização
- 267 – Grupos de trabalhos religiosos / Encontro de casais, Jovens, etc.
- 268 – Ensino Religioso / Catequese
- 269 – Conversão / Renovação

- 270 – História do cristianismo e igreja cristã
- 270.6 – Reforma protestante com enfoque religioso
- 271 – Ordens e congregações na História da Igreja
- 271.1 – Beneditinos
- 271.2 – Dominicanos
- 271.3 – Franciscanos
- 271.4 – Agostinianos
- 271.5 – Cléricos regulares
- 271.53 – Jesuítas
- 271.6 – Redentoristas e Passionistas
- 271.7 – Outras ordens católicas
- 271.73 – Carmelitas
- 271.76 – Oblatas
- 271.77 – Lazaristas
- 271.79 – Outras ordens católicas para homens
- 271.8 – Ordens não católicas romanas
- 271.83 – Anglicanos
- 271.9 – Congregações e ordens católicas romanas para mulheres
- 271.98 – Ordens não católicas romanas
- 272 – Perseguições religiosas na história da Igreja / Inquisição/ Mártires

- 273 – Controvérsias e heresias na história da Igreja
- 278 – História da igreja

- 280 – Denominações e seitas de igrejas cristãs
- 282 – Igreja Católica Romana
- 282.03 – Dicionários e enciclopédias da doutrina católica
- 283 – Igreja Anglicana
- 284 – Igreja Protestante
- 285 – Igreja Presbiteriana
- 286 – Igrejas Batista, Adventista, Discípulo de Cristo, do Sétimo Dia
- 287 – Igreja Metodista
- 289 – Outras: Universal, Últimos dias, Nova Jerusalém, Quakers, etc

- 290 – Outras religiões
- 291 – Religiões comparadas (Comparações diversas com política, com sociedade, com problemas sócio- econômicos, etc.)
- 291.09 – Religiões - História
- 291.2 – Doutrinas (classificar aqui doutrinas polêmicas como espiritismo, animalismo, deuses do mal, do bem, espíritos, etc.)
- 291.23 – Escatologia
- 291.237 – Reencarnação
- 292 – Religiões clássicas
- 292.07 – Religião romana
- 292.08 – Religião grega
- 292.13 - Mitologia
- 293 – Religiões germânicas
- 294 – Religiões indianas (Budismo, Jainismo, Hinduísmo, Sikhismo)
- 295 – Zoroastrismo, Mazdaísmo, Parseeísmo
- 296 – Judismo
- 297 – Islamismo, Babismo, Fé Bahai
- 299 – Outras religiões : Africanas, asiáticas, nativas, etc
(Umbandismo, Macumba, Candomblé, Voodooísmo, Ras Tafari, etc.)

CDU 2007**2 RELIGIÃO. TEOLOGIA**

2-1/-9 Subdivisões auxiliares especiais para a religião

2-1 Teoria e filosofia da religião. Natureza da religião. Fenômeno da religião

2-13 O divino. O Sagrado. O Sobrenatural. Objeto(s) da religião/culto

2-14 Deus. Deuses (personalizados por oposição aos espíritos imanentes)

2-15 Natureza de Deus(es)

2-17 Universo. Natureza do Universo. Cosmologia

2-18 Homem. Humanidade. Condição humana. Antropologia das religiões

2-184 Relação do Homem com Deus(es)

2-2 Provas da religião

2-23 Livros sagrados. Escrituras. Textos religiosos

2-25 Literatura secundária. Obras pseudocanônicas

2-27 Obras críticas

2-28 Outros textos religiosos

2-3 Pessoas na religião

2-31 Criador, fundador, figura central da fé

2-32 Messias

2-34 Mártires

2-35 Ascetas. Eremitas. Faquires

2-36 Santos. Bodhisattvas. Pessoas iluminadas

2-37 Mahatmas. Gurus. Sábios

2-38 Carismáticos. Pessoas com poderes sobrenaturais

2-4 Atividades religiosas. Práticas religiosas

2-42 Comportamento moral. Teologia moral

2-43 Costumes e prática social. Teologia social

2-46 Caridade. Apoio aos outros. Atividades pastorais. Teologia pastoral em sentido lato

2-47 Educação religiosa

2-475 Pregação. Homiliética

2-5 Veneração. Culto. Rituais e cerimônias

2-523 Edifícios para uso religioso. Eclesiologia

2-526 Objetos do culto. Mobiliário e decoração

2-53 Atos de veneração/adoração (pelos praticantes)

2-54 Cerimônias segundo o objectivo

2-55 Sacramentos

2-56 Celebração

2-6 Processos em religião

2-65 Comparação de religiões

2-67 Relações entre confissões religiosas ou com a sociedade em geral. Religião e sociedade

2-7 Organização e administração religiosa

2-72 Natureza e estrutura da religião organizada. Eclesiologia

2-73 Governo da religião

2-74 Administração legal. Lei religiosa. Direito canónico

2-76 Recrutamento. Atividade missionária. Missões em geral. Missiologia

2-77 Estrutura organizacional da fé, da religião

2-78 Organizações religiosas. Sociedades e associações religiosas

2-8 Religiões segundo as suas características

2-84 Religiões associadas ao Estado

2-87 Cismas. Heresias

2-9 História da fé, religião, denominação ou igreja

21/29 Sistemas religiosos. Religiões e crenças religiosas

21 Religiões pré-históricas e primitivas

212 Religiões pré-históricas

213 Religiões primitivas

22 Religiões originárias do Extremo Oriente

221 Religiões da China

221.3 Taoísmo

223 Religiões da Coreia

225 Religiões do Japão

23 Religiões originárias do sub-continente indiano. Hinduísmo em sentido lato

233 Hinduísmo em sentido restrito

234 Jainismo

235 Sikhismo

24 Budismo

241 Budismo hinayana. O Pequeno Veículo. Budismo Theravada. Escola Pali

242 Budismo mahayana. O Grande Veículo

243 Lamaísmo

244 Budismo japonês

25 Religiões da antiguidade. Cultos e religiões menores

251 Religião do Egito Antigo

252 Religiões da Mesopotâmia

254 Religiões do Irão

255 Religiões da Antiguidade Clássica

257 Religiões da Europa

258 Religiões da América Central e do Sul. Religiões indígenas pré-colombianas

26 Judaísmo

261 Religião do período Bíblico. Judaísmo antigo. Religião do Antigo Testamento

- 262 Judaísmo asquenazita
- 264 Judaísmo sefardita
- 265 Judaísmo ortodoxo
- 266 Judaísmo progressista
- 267 Movimentos modernos originários do Judaísmo

27 Cristianismo. Igrejas e denominações cristãs

- 271/279 Igrejas e denominações cristãs
- 271 Igrejas do Oriente
- 272/279 Igrejas do Ocidente
- 272/273 Igreja Católica
- 272 Igreja Católica Romana
- 273 Igrejas episcopais católicas não filiadas a Roma
- 274/278 Igrejas protestantes
- 274 Protestantismo em sentido lato. Protestantes. Dissidentes. Puritanos
- 275 Igrejas reformadas
- 276 Anabaptistas
- 277 Igrejas livres. Não conformistas
- 278 Outras igrejas protestantes
- 279 Outros movimentos e igrejas cristãs

28 Islamismo

- 281 Sufismo
- 282 Sunni. Islamismo sunita
- 284 Shi'a. Islamismo xiita
- 285 Babismo
- 286 Bahaísmo

29 Movimentos espirituais modernos

Incluindo: Sistemas filosóficos. Ateísmo (por exemplo crenças derivadas do Xintoísmo: Tenrikyo, Omoto-kyo). Agnosticismo. Humanismo (Kyodan, Igreja da vida perfeita). Ausência da religião. Secularismo (por exemplo: Neopaganismo). Irreligião. Movimentos com elementos cristãos (por exemplo: movimento antroposófico, Comunidade Cristã, Mar de Fé). Movimentos como o Caodaísmo, Cientologia, Dianética, Idade Nova

Nota de conteúdo: Há deles um grande número, predominantemente do século XX (a maioria da série precedente são fenômenos do século XIX). Geralmente não possuem vínculo algum a qualquer religião, embora alguns tenham surgido no seio de determinado contexto cultural e podem ter características da religião dominante dessa cultura (por exemplo, Idade Nova e Paganismo). Alguns têm um número grande de aderentes, talvez por serem religiões 'oficiais' do Estado, mais ainda assim, não são reconhecidas fora dos seus próprios territórios